A Possibilidade da Utilização do Diário Gráfico como Instrumento Pedagógico

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Márcio Pedro Serrado Fernandes

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

ORIENTAÇÃO
Professor Doutor Vítor Manuel Ornelas Magalhães

“O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, descodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.” (Barbosa, 2004: 32).

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador científico professor Doutor Vítor Magalhães por todo o apoio prestado.

À minha orientadora cooperante Professora Rita Rodrigues, por toda a disponibilidade e cooperação.

À escola secundária Francisco Franco e à turma 12º 13 por toda a simpatia e colaboração.

À minha família e em especial à Patrícia pelo seu apoio e dedicação constantes.

RESUMO

Não é novidade que o Diário Gráfico está conotado, desde sempre, com as artes e com as atividades criativas. Foi, e continua a ser, usado por artistas, como espaço pessoal de ensaio, experimentação e liberdade.

Recentemente, foi-lhe atribuída cada vez mais importância como ferramenta pedagógica, essencial no ensino das artes plásticas. Este trabalho reflete o resultado de uma experiência de aplicação do Diário Gráfico no ensino.

A partir da análise, reflexão e debate das práticas pedagógicas implementadas na disciplina de Oficina de Artes com a turma 13 do 12º ano da escola secundária Francisco Franco, foi possível criar uma reflexão, onde se procura estimular a utilização do Diário Gráfico e demonstrar o seu potencial criativo, no papel de ferramenta didática.

Abordar o Diário Gráfico de um ponto de vista pedagógico-didático, obriga a alguma particularização dos métodos e estratégias, este trabalho reflete esse processo, e apresenta de forma detalhada, um relato que poderá de futuro servir de guia a propostas de trabalho semelhantes.

Palavras chave: ensino, artes visuais, Diário Gráfico.

ABSTRACT

Unsurprisingly sketchbook is, as always was, connoted with the arts and creative activities. It was and continues to be used by artists as personal space for testing, experimentation and freedom.

Recently it has been given increasing importance as a vital educational tool in visual arts teaching. This paper aims to describe the result of an experimental application of sketckbooks in education.

From the analysis, reflection and discussion of the pedagogical practices in the discipline of Oficina de Artes with the class 13 of the 12th grade of Francisco Franco's secondary school it was possible to create a reflection, which seeks to encourage the use of sketchbooks and demonstrate its potential role as creative teaching tool.

Addressing the sketchbook in a pedagogical point of view, requires a particularization of methods and strategies, this work reflects this process.This study may serve as a guide to

future proposals for similar work.

Keywords: Teaching, visual arts, sketchbooks.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO - O ENSINO DAS ARTES VISUAIS 11
1.1. O ensino artístico na Região Autónoma da Madeira 12
1.2. A importância do ensino das artes visuais 13
1.3. Sobre a avaliação 16
1.3.1. Que estratégias poderão utilizar os docentes para alterar esta situação? 16
1.3.2. Então que critérios deverão os docentes explicitar? 18

PARTE I 21

RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA NO ENSINO SECUNDÁRIO 21
1. Caraterização da escola cooperante 22
1.1. A Escola secundária Francisco Franco – Breve resenha histórica 22
1.2. Observações acerca da escola cooperante 24
1.3. A professora cooperante 25
1.4. A turma 26
1.5. Caracterização da turma 27
1.6. Lista de alunos 30
1.7. Horário da turma 31
1.8. A disciplina de Oficina de Artes 32
1.8.1. Objectivos gerais 32
1.8.2. Objetivos específicos 33
1.8.3. Competências 33
1.8.4. Metodologias 34
1.8.5. Recursos e materiais 34
1.8.6. Lista de recursos disponíveis na sala de aula 34
1.8.7. Lista de recursos da sala de formação do Atelier de Design, Akiagato. 34
1.8.8. Avaliação 35
1.9. Reuniões de orientação 35
1.10. Planificação anual da disciplina de Oficina de Artes 12º ano 36
2. Unidade de trabalho IV 38
2.1. Proposta IV (MÓDULO 0 – Módulo Diagnóstico) 38
2.2. Plano de aula do dia 13 de outubro de 2011 38
2.3. Apresentação da proposta IV (aula do 13 de outubro de 2011) 41
2.3.1 Alguns exemplos das imagens utilizadas na apresentação 42

2.4. Proposta de Trabalho IV 43
2.4.1. Excertos de poemas facultados impressos aos alunos 45
2.5. Trabalhos finais dos alunos relativos à proposta IV 49
2.6. Atividades relacionadas com a proposta IV 58
2.6.1. Concurso da Câmara Municipal do Funchal (CMF) 58
2.6.2. Palestra “Encontro com a ilustração” 61
3. Unidade de trabalho VI 63
3.1. Sobre a unidade de trabalho VI 63
3.2. Planificação da unidade referente à Ilustração – Proposta VI 66
3.2.1. Integração no programa 66
3.3. Apresentação da proposta VI (aula do dia 27 de outubro de 2011) 68
3.4. Proposta de trabalho VI 69
3.4.1. Excertos da obra literária de John Dos Passos *Manhattan Transfer* (1925) 72
3.4.2. Imagens fornecidas com a proposta de trabalho VI 73
3.5. Formação em parceria com o Atelier de Design Akiagato 74
3.5.1. Plano de Aula (Adobe Illustrator) 75
3.5.2. Plano de Aula (Adobe Photoshop) 77
3.5.3. Sobre a formação no atelier de design Akiagato 79
3.5.4. Avaliação feita pelos alunos à formação 80
3.6. Sobre as aulas na escola secundária Francisco Franco 80
3.7. Trabalhos finais relativos à Proposta VI 82
3.8. Avaliação da unidade de trabalho VI 96
3.9. Atividades extra-aula, relacionadas com a unidade de trabalho VI 97
3.9.1 Simpósio John Dos Passos 16 de janeiro de 2012 97
3.9.2. Exposição *Manhattan Transfer* na escola secundária Francisco Franco 99
3.9.3. Exposição *Manhattan Transfer* no Hotel Porto Mare 100
3.9.4. Exposição *Manhattan Transfer* no Centro Cultural John Dos Passos, em parceria com a escola da APEL 101
3.9.5. Exposição «Mostra sff» 101
3.10. Nota final acerca da unidade de trabalho VI 102
PARTE II - ESTUDO DE CASO INTEGRADO NA PROPOSTA DE TRABALHO IX – DIÁRIO GRÁFICO 104
1.1. O que é o Diário Gráfico? 105
1.2. Autores 105
1.2.1. Eugène Delacroix (1798 - 1863) 105
1.2.2. John Ruskin (1819 - 1900) 106

1.2.3. Pablo Picasso (1881 - 1973) 107
1.2.4. Edward Hopper (1882 - 1967) 108
1.2.5. Le Corbusier (1887 - 1965) 109
1.2.6. Henry Moore (1898 - 1986) 110
1.2.7. Frida Kahlo (1907 - 1954) 111
1.3. Livro de artista, livro-objeto e Diário Gráfico 112
1.4. Diversas finalidades e utilizações 113
1.5. A utilização de um caderno 114
1.6. O Diário Gráfico e os novos suportes (antagónicos e/ou complementares) 115
1.7. O Diário Gráfico como suporte didático/pedagógico 116
1.8. A iniciação ao desenho através da utilização do Diário Gráfico 117
1.9. Integração do estudo-caso na proposta de trabalho IX 118
1.10. A utilização do Diário Gráfico na turma 12º 13 118
1.11. Integração no programa da disciplina de desenho de 11º e 12º anos 119
2. Apresentação da unidade de trabalho IX – Diário Gráfico 121
2.1. Plano de aula do dia 26 de janeiro de 2012 123
2.2. Proposta IX . Diário Gráfico 125
2.3. Proposta de trabalho IX 125
2.4. Os cadernos 128
2.5. Espectativas *vs* Exemplos 128
2.6. Motivação 128
2.7. Envolvimento dos alunos 129
2.8. Propriedade/ Acesso/ Privacidade 130
2.9. Motivação dos professores 130
2.10. A função dos diários gráficos nas disciplinas de Artes e Humanidades 131
3. Iniciativa pessoal *vs* Incentivo dos professores 131
3.1. Cooperação/ Interesse dos alunos 132
3.2. Técnicas, materiais e temáticas 134
3.3. Algumas da técnicas utilizadas 135
3.4. Materiais utilizados 135
3.5. Temáticas 136
3.6. O recurso a meios tecnológicos 136
3.7. Website - Transferência para o digital 137
3.8. Avaliação da Unidade de Trabalho IX 138
4. Conclusões e recomendações futuras 141
4.1. Questionários a docentes do grupo 600 143
4.2. Conclusões acerca dos inquéritos realizados aos docentes do grupo 600 155

4.3. Questionários aos alunos do 12º 13 157
4.4. Conclusões acerca dos inquéritos realizados aos alunos 165
4.5. Considerações finais 165

NOTA INTRODUTÓRIA

A experiência profissional adquirida ao longo dos anos, possibilitou uma tomada de consciência do potencial contributo do Ensino Secundário Artístico na aquisição de conhecimentos e de técnicas de expressão e representação. Um dos objetivos do docente será o de, à luz da Lei de Bases do Sistema Educativo e do Currículo, apresentar propostas de trabalho que preparem os alunos para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida ativa, procurando fazer uma utilização equilibrada entre as técnicas e suportes mais tradicionais e as técnicas e equipamentos tecnológicos atuais. O papel de corresponsável pela continuidade da formação de profissionais na área artística e da comunicação, é um desafio que poderá ser alcançado com a opção pelo Mestrado em Ensino de Artes Visuais.

Este relatório foi elaborado no âmbito da Iniciação à Prática Profissional - Ensino Supervisionado do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Reflete uma primeira experiência na docência, que decorreu na escola secundária de Francisco Franco, onde lecionei a disciplina de Oficina de Artes de 12º ano à turma 13.

O Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário tem como propósito a habilitação para a docência, qualificando profissionalmente para as áreas da Educação Artística, Didática e Educação.

> *"O objectivo do curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário é o de proporcionar formação especializada conducente à qualificação profissional nas áreas científicas predominantes da Educação Artística, Didática e Educação, com ênfase na investigação associada à Iniciação à Prática Profissional - prática de ensino supervisionada (estágio e/ou relatório de estágio em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário). Enquanto habilitação para a docência no domínio de Artes Visuais, respeitando integralmente o previsto nos Decretos-Lei nº 74/2006 e nº 43/2007, nomeadamente no que se refere à necessidade de estabelecer protocolos com as Escolas Cooperantes nesta formação, quando estas reúnam os recursos humanos e materiais necessários a uma formação de qualidade."* [1]

[1] Finalidades / Objectivos do mestrado Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, Acedido em: 12 de Abril de 2012, em URL: http://guiadoaluno.uma.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=160&lang=en.

INTRODUÇÃO - O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

1.1. O ensino artístico na Região Autónoma da Madeira

Estando a génese deste mestrado centrada no ensino artístico, será pertinente falar acerca das origens deste ensino na Região Autónoma da Madeira.

As primeiras atividades relacionadas com o ensino das Artes Plásticas na Madeira datam de 1807.

> *"Remonta ao ano de 1807 a criação, na cidade do Funchal, da "Aula Régia de Desenho e Pintura" por iniciativa de Joaquim Leonardo da Rocha. A oficialização deu-se por Carta Régia (7 de Julho de 1809) e seguia os parâmetros científicos e pedagógicos dos academismos da época: cópia e imitação de modelos clássicos."* (Rodrigues, 2011:53)

Em 1877, a Câmara Municipal do Funchal ministra um curso de desenho para colmatar a lacuna deixada pela "Aula Régia de Desenho e Pintura" entretanto desaparecida. Este curso existiu até 1892.

> *"Em 1877 a Câmara Municipal do Funchal criou um curso de desenho, de nível muito rudimentar, mas que vinha colmatar a lacuna deixada pela extinta "Aula Régia de Desenho e Pintura". Mais técnico do que artístico, este curso durou até 1892 ."* (Rodrigues, 2011:53)

Em 1889, nascia a Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos. Nela se formaram e leccionaram diversos artistas madeirenses, entre muitos podemos destacar a primeira geração de modernistas: Francisco Franco, Henrique Franco e Alfredo Miguéis.

> *"Na sequência do ensino industrial que vigorava no país e que visava a formação de quadros para a industria portuguesa, e na qual eram leccionadas as seguintes aulas de Desenho: Desenho Elementar, Desenho Arquitectónico e Desenho Ornamental."* (Rodrigues, 2011:53)

Hoje é a escola secundária de Francisco Franco.

Em 1943 Luís Peter Clode e William Clode fundam a Sociedade de Concertos e a Academia de Música da Madeira abrindo em 1956 cursos de belas artes semelhantes aos ministrados nas escolas de Lisboa e Porto. Podemos considerar que estes cursos, dirigidos inicialmente por Justino Alves e por Anjos Teixeira, constituíram a primeira oferta de ensino superior artístico na Madeira.

> *"Não podemos esquecer o papel desenvolvido pela Sociedade de Concertos da Madeira (1943) fundada pelo Engenheiro Luís Peter Clode e William Clode, pela Academia de Música da Madeira (1945) que mais tarde abrira uma secção de Belas Artes (em 1955, por*

autorização ministerial) e pelo Instituto Cultural da Madeira. E pela mão da antiga Academia de Música e Belas Artes da Madeira (AMBAM) que nasce, propriamente dito, 0 ensino artístico na Madeira (1956). (Rodrigues, 2011: 54)

1977 é o ano em que surge o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira.

"Mais tarde (1977), o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (ISAPM), com um programa curricular compatível com as exigências e qualidades científicas-pedagógicas das escolas de Belas Artes (acrescentando aos seus cursos de pintura e escultura o curso de Design Projetação Gráfica e introduzindo cadeiras tecnológicas como fotografia, serigrafia e vídeo) cria uma relação com o mundo exterior à escola deixando cair os muros da incomunicação" (Rodrigues, 2011:60)

Em 1997 o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira é convertido em Instituto Superior de Arte e Design (ISAD), estando hoje integrado na Universidade de Madeira como uma área do Centro de Competências de Artes e Humanidades.

1.2. A importância do ensino das artes visuais

As artes são essenciais no desenvolvimento da personalidade. Atualmente verificamos que o poder político tende a dar mais importância às disciplinas do cálculo e do rigor e à língua materna. Como futuros docentes das artes, é nossa a responsabilidade de demonstrar que estas não têm uma importância menor relativamente às disciplinas das ciências exatas. Desta forma é conveniente citar Bertrand Russell quando afirma que:

"... A imensa maioria das instituições educativas são controladas por pessoas que não compreendem nada do trabalho em que interferem. Ora, a única maneira de evitar o totalitarismo num mundo altamente organizado como o nosso é garantir um certo grau de independência aos elementos que executam trabalho público útil, e, entre esses elementos, os professores merecem um lugar de destaque..." (Bertrand Russell citado por Pombo, 2000:84)

Tal como nas outras disciplinas nomeadamente as línguas, a matemática e as ciências naturais, as artes (a música, o teatro, a dança e as artes visuais) são disciplinas complexas com conteúdos rigorosos e com padrões de qualidade que os alunos precisam de atingir. As artes exigem também professores com grande qualificação, capazes de desafiar e estimular a criatividade e o talento de todos os alunos, e não apenas daqueles que são considerados virtuosos ou naturalmente vocacionados para as artes, Já Betâmio de Almeida em 1976 referia:

> *"Há quem julgue que as disciplinas de natureza estética são só para alguns predestinados quando, precisamente, é no âmbito destas disciplinas, por serem ajustáveis a múltiplas personalidades e as metodologias terem deixado a solução única e invariável, que hoje há lugar para o desenvolvimento educacional das funções mentais associadas à invenção e à sensibilidade estética de todos"* (Almeida, 1976:17)

Os professores das artes preparam não só os alunos que serão os futuros operadores plásticos, mas também todos os futuros consumidores que, artisticamente informados, se tornarão fruidores de cultura, cinema, pintura, dança etc. Uma sociedade evoluída deverá possuir altos níveis de produção artística e fruidores com capacidade de exigir padrões de qualidade.

> *"Parte-se, portanto, do princípio que o objectivo geral da educação é de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence (...) neste processo a educação estética é fundamental..."* (Read, 1943:21)

Na certeza de que nem todos os alunos serão dotados para línguas, matemática ou ciências naturais, que faremos com os restantes que não se adaptem ou não consigam encontrar motivação para estas áreas? Não serão as artes uma alternativa válida para o desenvolvimento pessoal e cognitivo, para o bem destes alunos e da própria sociedade?

Alguns dos alunos decepcionados com outras áreas, ao encontrarem alternativa nas artes, voltam a motivarem-se para prosseguir com os estudos. As artes contribuem desta forma, para a diminuição do abandono escolar.

Entre as inúmeras vantagens que as disciplinas relacionadas com as artes podem trazer para o desempenho cognitivo dos alunos, podemos enumerar as seguintes:

- Promoção da criatividade - Durante as aulas, os alunos são inúmeras vezes convidados a se exprimirem da forma mais livre e espontânea possível. Esta indução à criatividade pode desenvolver a sua imaginação bem como a capacidade de tomar decisões.

- Capacidade de interpretação - Nas disciplinas artísticas os alunos aprendem a interpretar imagens, signos, conceitos e tendências que povoam o seu dia-a-dia, quer seja em obras de arte, quer nos diferentes meios de comunicação, o reforçar dessa capacidade de interpretação, poderá revelar-se útil noutros aspetos da sua vida.

- Pensamento crítico e capacidade de comunicação - Nas disciplinas associadas às artes surge a necessidade de resolução de problemas. Juntamente com a capacidade de criar e utilizar metodologias para resolução de problemas, promove-se também nos alunos, a capacidade de comunicação, no sentido de transmitir as suas ideias de forma eficaz.

- **Desenvolvimento da personalidade** - Formas de arte, tais como o teatro ou a música têm potencialidade para desenvolver a personalidade. Poderá promover a auto-estima e a disciplina, a motivação, o trabalho em grupo e a cooperação com os outros.

- Promoção da sociabilização - A educação artística permite uma melhor compreensão da natureza humana, da sua complexidade e diversidade. Através das artes os alunos são convidados a refletir e a criar tendo em conta essa universalidade. As artes promovem o respeito pelo diferente, por culturas, opções e pontos de vista distintos daqueles que estamos habituamos.

- Capacidade de observação - As artes promovem a capacidade de observação. Desenhar um objeto, requer aptidão para a observação e a interpretação do que nos rodeia. A promoção deste tipo de exercício torna os alunos mais atentos e mais observadores. Num mundo rápido e globalizado, onde o tempo para parar e refletir é deixado para segundo plano, a promoção de disciplinas que permitam um espaço para reflexão e observação, torna-se urgente.

- Espírito inquisitivo - A arte chegou até aos nossos dias através da capacidade de questionar e de desafiar o que era dado como teorema. A mesma curiosidade que motivou Leonardo da Vinci e outros génios para a busca dos segredos do nosso universo, está viva em todas as disciplinas ligadas às artes. O espírito inquisitivo está presente todas as vezes que os alunos por tentativa e erro, se apercebem das suas próprias capacidades e superam as suas dificuldades. Na realidade, o facto das artes serem encaradas como disciplinas “dispensáveis” ou desnecessárias, deve-se por um lado, à incapacidade da sociedade perceber os níveis de presença da arte, desde a música, ao teatro, ao cinema, à arquitetura, no seu dia-a-dia, e por outro, à “acomodação” dos professores. A sociedade hoje está cada vez mais digitalizada, transborda de imagens, animações, grafismos, signos e sinais inerentes a uma cultura visual que, neste momento, se encontra ligada à informática, ao *software,* ao *hardware*, faltando atribuir valor ao conteúdo estético, intelectual de todo esse poder comunicativo / criativo e, entregar às artes, a merecida relevância.

Os currículos relacionados com tecnologia, em especial a da comunicação, deviam estar associados às artes de uma forma mais coesa. No entanto, também alguns docentes tendem a manter a arte e a tecnologia em dois trilhos separados.

Num mundo em que a imagem e a tecnologia imperam, regredir no ensino das artes, recorrendo a métodos pedagógicos obsoletos em vez de as interligar às novas tecnologias, revela uma profunda falta de visão de quem tem entre mãos o poder de preparar os cidadãos de amanhã. A este propósito afirma Hannah Arendt citada por Olga Pombo:

> *" ... a nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo. Mas, precisamente porque só nisso podemos basear a nossa esperança, destruímos tudo se tentarmos controlar o novo que nós, os velhos, pretendemos desse modo decidir como deverá ser. É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora"* (Pombo, 2000:47)

1.3. Sobre a avaliação

Tal como refere Patricia Broadfoot, a avaliação é um dos momentos fundamentais do processo educativo:

> *"… pode argumentar-se que as práticas de avaliação constituem um dos mais claros indicadores da relação entre a escola e a sociedade, pois elas fornecem a comunicação entre as duas"* (Broadfoot, 1979:11)

Segundo Barbosa e Alaiz (1994) as três dimensões essenciais para a sua conceptualização e prática são: finalidades, modalidades e instrumentos.

De acordo com estes autores, *"... a avaliação escolar tem sido dominada pelo ideal da mediação objetiva..."*, que corresponde a uma ideia de escala de quantificação das aprendizagens. A mediação objetiva consiste em utilizar instrumentos de medida no final de cada período, nos produtos obtidos pelos alunos. Trata-se, assim, de uma avaliação que não resulta de uma observação efectuada ao longo de todo o processo de aprendizagem, mas de um balanço pontual, não integrado nas atividades de aprendizagem.

1.3.1. Que estratégias poderão utilizar os docentes para alterar esta situação?

Segundo Barbosa e Alaiz (1994) será necessário, para além de uma mudança de paradigma, que a avaliação seja encarada como um instrumento de regulação contínua,

integrada no processo de ensino, por forma a recolher informação com o objetivo de orientar, quer a ação pedagógica dos docentes, quer a aprendizagem dos alunos. A dimensão formativa da avaliação deverá ser valorizada.

Charles Hadji sugere também que deverá ser desenvolvida a perspetiva de uma aprendizagem assistida pela avaliação com os seguintes objetivos fundamentais:

> *"- Verificar se o(s) dispositivos pedagógico(s) utilizado(s) pelo professor é (são) adequado(s);*
> *- Verificar se e como se realizam as aprendizagens;*
> *- Proceder às regulações convenientes ou seja introduzir eventuais alterações ou ajustamentos..."* (Hadji citado por Barbosa e Alaiz 1994:1)

Tal como referem Barbosa e Alaiz (1994), uma premissa essencial de uma avaliação reguladora é a de que os objetivos pedagógicos sejam claros e os critérios de avaliação sejam conhecidos e estejam assimilados pelos atores mais diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Os autores indicam ainda alguns obstáculos a transpor:

- **A insuficiente informação passada aos alunos** - A informação sobre os objetivos que se pretende atingir, por vezes não é passada aos alunos da forma mais clara. É essencial esclarecer os alunos acerca das tarefas a desenvolver.

- **O desconhecimento por parte dos alunos, dos critérios a partir dos quais são avaliados** – Poderão existir, por parte dos alunos, lacunas no conhecimento acerca dos critérios de referência aos quais as suas aprendizagens (processos e produtos) serão avaliadas. Em casos extremos os alunos poderão não possuir qualquer informação acerca do processo de avaliação, ou porque não foi disponibilizada informação suficiente, ou porque não existe uma correspondência clara entre ensinar e aprender, *"... é porque não basta que algo seja dito para que passe a ser conhecido (...) Em alguns casos, o próprio professor não explicita para si mesmo os critérios de avaliação, não podendo, portanto, deles informar os alunos..."* (Barbosa e Alaiz,1994:2)

- **As contradições entre os critérios e as tarefas** – Muitas vezes os alunos conhecem os critérios de avaliação, no entanto as tarefas a desenvolver não foram adequadamente planificadas e estruturadas pelo docente, impossibilitando a aquisição das aprendizagens desejadas.

- **As discrepâncias entre critérios explicitados e os critérios utilizados** - Os critérios de avaliação utilizados às vezes pelos docentes não são coincidentes com os que estes explicitam aos alunos. Desta forma, deixa de haver coincidência entre o que é ensinado e o que é avaliado. "*... Assim a avaliação, em vez de estar ao serviço da aprendizagem, acaba ela própria por ser um obstáculo à sua realização..."* (Barbosa e Alaiz,1994:2)

- **A diferente apropriação dos critérios por alunos com estatutos sócio-culturais e escolares diferentes** - Mesmo quando informados acerca dos critérios de avaliação, nem todos os alunos os interpretam da mesma forma, variando esta interpretação de acordo com diferentes aspectos, designadamente, com a sua origem sócio-cultural, com o seu estatuto escolar e outros.

As dificuldades identificadas acima têm a sua génese na ausência ou insuficiência da explicitação dos critérios avaliativos e, segundo Barbosa e Alaiz (1994:2), resultam num défice de orientação do aluno pelo professor, que poderá ser colmatado quando o docente tornar claro para si e para os seus alunos os critérios a valorizar.

1.3.2. Então que critérios deverão os docentes explicitar?

Parece não existir consenso relativamente a esta questão no entanto, na perspectiva dos autores Barbosa e Alaiz (1994: 3), poderão depender:

> *"... - do conteúdo e da lógica interna de cada disciplina ou área curricular;*
> *- dos objectivos;*
> *- da modalidade de avaliação que se tem em vista (formativa, sumativa, etc)*
> *- daquilo que cada professor valoriza, quer no que se refere ao desenvolvimento cognitivo quer no que respeita ao desenvolvimento sócio-afetivo dos seus alunos (e sabemos que nem todos valorizam da mesma forma as mesmas coisas);*
> *- da perspectiva que os professores têm da aprendizagem ou avaliação."*

O essencial, é que critérios, normas ou modelos de aprendizagens sejam explicitados.

Barbosa e Alaiz (1994), na sua obra, sugerem a tipologia apresentada por Nunziati (1990) que classifica os critérios de avaliação da seguinte forma:

- Critérios de realização
- Critérios de sucesso

Os critérios de realização, referem-se aos atos que são esperados dos alunos quando lhes é atribuída determinada tarefa. Estes atos estão ligados ao processo de aprendizagem (do qual constituem instrumento) e exprimem procedimentos a desenvolver pelos alunos com vista a alcançar os objectivos propostos. São critérios de incidência formativa, cujo objetivo é a regulação da aprendizagem.

Segundo Barbosa e Alaiz (1994), para que esta regulação da aprendizagem se torne possível, é imperativo que seja claramente indicado aos alunos o que deles se espera e que operações devem realizar para concluir de forma adequada determinada tarefa.

Já os critérios de sucesso referem-se aos resultados obtidos e às suas condições de aceitabilidade. São designados de critérios de incidência sumativa, uma vez que pretendem somente analisar os resultados obtidos.

Segundo Barbosa e Alaiz, podem ser incluídos na categoria de critérios de sucesso:

> *"... - a pertinência: o produto (resposta) obtido(a) pelo aluno corresponde àquilo que era pedido;*
> *- a completude: todos os elementos esperados estão presentes;*
> *- a exatidão: ausência de erros (ou, em certos casos, a percentagem de erros admitidos);*
> *- a originalidade: definida enquanto raridade da solução encontrada;*
> *- o volume de conhecimentos ou ideia mobilizados na obtenção do resultado produzido."*
> (Barbosa e Alaiz,1994:2)

Em conclusão, a explicitação de critérios deverá ser o mais completa possível, indicando com clareza os atos que os alunos devem executar durante a aprendizagem e ainda as características que o resultado final deverá apresentar.

Barbosa e Alaiz (1994) sugerem alguns procedimentos para a eficaz explicitação de critérios:

- O docente deverá explicitar os critérios de avaliação para si próprio e estes deverão constar da sua planificação didática. Os pretensos objectivos a atingir pelo aluno devem estar bem claros para o docente.

- Os alunos deverão ser informados sobre os critérios segundo os quais vão ser avaliados. Esta prática deverá ser assumida pelos docentes, quer seja no início do ano letivo, quer seja no arranque de cada unidade didática. É fundamental que os alunos fiquem informados de quais os objetivos a atingir e que critérios os avaliarão.

- O docente poderá desenvolver atividades práticas com o objetivo de averiguar se os critérios de avaliação foram bem assimilados pelos alunos.

PARTE I

RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA NO ENSINO SECUNDÁRIO

1. Caraterização da escola cooperante

1.1. A Escola secundária Francisco Franco – Breve resenha histórica

Relativamente ao nome atual da escola, este foi estabelecido devido à unificação dos ensinos técnico-profissional e liceal em 1976, tendo o Governo Regional decidido que as escolas da região, deveriam adoptar nomes de figuras importantes da história da região

> *"A unificação dos Ensinos técnico-profissional e liceal realiza-se em 1976, com as alterações que se seguem à Revolução de abril. A partir 1978 (dec lei n.º 80/78 de 27 de Abril), as escolas industriais e os liceus, de orientações diversas, passam à tipologia única de "Escolas Secundárias". Nesta sequência, o Governo da República determina, que, tal como no continente, nas ilhas, as suas designações sejam fixadas pelos respectivos governos. O Governo da Região Autónoma da Madeira, em 11 de Janeiro de 1979, decide que, para esse fim, deveriam ser usados nomes de vultos madeirenses, deixando a decisão da escolha do patrono a cada comunidade escolar. Esta escola escolheu para seu patrono o escultor modernista madeirense Francisco Franco... "* [2]

A nível arquitectónico, a escola é resultado de um projeto enquadrado na fase nacionalista do modernismo Português (Estado Novo).

> *" A Escola secundária Francisco Franco habita o edifício construído de raiz, ao longo da década de 50, com projeto do arquiteto António do Couto Martins, para a Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar. É, portanto, uma obra do Estado Novo e enquadra-se na fase nacionalista do modernismo português. A história desta escola cruza-se por isso com a do ensino industrial, criado no Funchal pelo decreto de 10 de Janeiro de 1889."* [3]

A primeira designação atribuída à escola foi Josefa d´Óbidos, e teve como sede física quatro localizações diferentes ao longo da sua história.

> *"A escola de Desenho Industrial do Funchal, que começou por se designar Josefa d' Óbidos, adquiriu, em 1891, o nome do ministro António Augusto de Aguiar, responsável por importantes reformas no ensino técnico. Passou à condição de Escola Industrial em 5 de outubro de 1893 e, com as alterações do Decreto de 11 de Setembro de 1925, integrou o Ensino Comercial. Ao longo desses anos à medida das necessidades impostas pelas*

[2] Fonte: website da escola secundária de Francisco Franco https://sites.google.com/a/esffranco.edu.pt/esff/

[3] *Idem*

reformas do ensino português e do aumento do número de cursos e alunos, a única escola pública de ensino técnico do Funchal, habitou quatro edifícios arrendados: Rua de Santa Maria (1889-1891), Palácio de São Pedro (1891-1896), Rua de João Tavira (1896-1938), Rua das Hortas/Travessa do Nogueira (1938-1958) até, finalmente, se instalar no edifício da Rua João de Deus, onde se encontra hoje a Francisco Franco." [4]

A predominância em áreas de ensino técnico, refletiam a sua vocação inicial.

"Os seus antecedentes de escola de ensino técnico, profissional (vertentes de eletricidade, mecânica e construção civil) e artístico, para que estava apetrechada em recursos humanos e materiais, determinaram alguma predominância destas vertentes, na atual escola, nos cursos das reformas de 1986 e 1991, sem que tivessem sido esquecidas as outras opções curriculares." [5]

Nos nossos dias verifica uma baixa significativa de alunos, outrora, foi uma das escolas secundárias que recebeu mais alunos em especial durante a década de 80.

"Na década de 80, as escolas secundárias Francisco Franco e a Jaime Moniz são, ainda, as que recebem os alunos de toda a ilha, por inexistência deste tipo de equipamento nos outros concelhos. A massificação do ensino verificada desde o final dos anos 80 pressionou a construção de novas escolas, vindo a verificar-se nos últimos anos uma baixa significativa do número de alunos em relação aos que a ESFF suportara no início da década de 90." [6]

O diário de notícias de 2 de Outubro de 1958, a escola regista o início de atividade desta escola.

"Este edifício escolar, iniciou a sua atividade em Outubro de 1958.
O Diário de Notícias do dia 2 de Outubro desse ano, destaca as sessões de abertura das duas grandes escolas do Funchal. A esse propósito refere que, no seu discurso de início das atividades escolares, o Dr. Manuel Domingos Gouveia e Freitas, então, director da Escola Industrial e Comercial do Funchal António Augusto de Aguiar, dá as boas vindas a todos os alunos e felicita-os por terem ao seu dispor um novo e grandioso edifício escolar. Nesta data, há ainda em curso as obras dos arredores que se estenderão pela década de 60." [7]

Desde a década de 60, tem sofrido remodelações e adaptações em uniformidade com o restante parque escolar, de forma a se adaptar arquitetonicamente aos tempos modernos.

[4] *Idem*
[5] *Idem*
[6] *Idem*
[7] *Idem*

"Desde a sua construção foi submetido a várias campanhas de obras: ainda enquanto Escola Industrial e Comercial, na década de 60, foram realizadas, algumas correções no interior e, no exterior, foram acabados os espaços de recreio dos alunos e campos de jogos para a prática de Educação Física, não incluídos, por razões orçamentais, na primeira fase da construção; outras obras de correção e manutenção na década de 70; já como Escola secundária Francisco Franco e em resposta ao crescente número de alunos e às novas exigências do ensino, foi sujeito a campanhas de manutenção, acrescentamento e readaptação de alguns dos seus espaços interiores e exteriores (anos 80). No início dos anos 90 foi mesmo construído no seu espaço um novo edifício com 20 salas. Em 2007 foram construídos a poente, sobre o espaço do primitivo campo de hóquei e pavilhão "provisório" de 10 salas (dos anos 70), o novo Pavilhão para prática de desportos e mais salas e laboratórios adequados às acuais exigências do ensino. A volumetria desta construção e a grande aproximação ao primitivo e grandioso edifício não salvaguardaram o desafogo necessário à sua grandeza. Apesar disto o aspecto da sua fachada mantém-se preservado assim como o do espaço ajardinado que ladeia a entrada principal."[8]

1.2. Observações acerca da escola cooperante

Quem visita a escola secundaria Francisco Franco depressa se apercebe da importância que esta atribui às artes, talvez devido ao facto de diversos vultos artísticos do panorama nacional a terem frequentado e, em alguns casos, de lá terem até leccionado. Nota-se um grande esforço de perpetuação desse legado.

Por toda a escola surgem trabalhos de alunos e obras de arte. Seja nas paredes dos corredores interiores, nas paredes exteriores ou no refeitório, a arte está sempre presente. Esta escola possui ainda um espaço expositivo dedicado à divulgação de trabalhos artísticos: a galeria Francisco Franco.

O museu Henrique e Francisco Franco (dois dos mais relevantes artistas que frequentaram esta escola) encontra-se a poucos metros da escola.

É fundamental destacar a importância que a escola atribui aos eventos organizados por instituições exteriores relacionadas com as artes, participando em eventos e concursos, que envolvem alunos e professores, e fazendo-se representar nessas alturas por elementos do Conselho Diretivo.

[8] *Idem*

Do ponto de vista organizacional, toda a comunidade educativa tira partido da estrutura arquitetónica da escola, produto da fase nacionalista do modernismo português, com uma escala "exagerada" e que foi adaptada e otimizada aos dias de hoje. Diversas remodelações possibilitaram a criação de vários espaços que contribuem para o bom funcionamento desta infra-estrutura. Criaram-se zonas para atividades desportivas e lúdicas e estacionamentos no interior da escola.

Relativamente às salas de artes, estas são bem iluminadas com luz natural, algumas são amplas, outras, designadamente, as de desenho, onde têm de ser utilizados estiradores, demonstram ter algumas limitações para turmas de 15 alunos. Estas salas encontram-se equipadas com o essencial para o funcionamento adequado das aulas de artes, no entanto, os estiradores, armários e mesas, acusam já o passar dos anos e precisam ser substituídos. Outro ponto negativo é o da quase inexistência de tomadas elétricas, o que torna difícil a utilização de equipamentos informáticos, tais como computadores e projetores.

1.3. A professora cooperante

Rita Rodrigues nascida no Funchal a 27 de Fevereiro de 1960, licenciou-se em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1986). Mestra em História variante História da Arte pela UMa (2000) com a tese *Martim Conrado, "insigne pintor estrangeiro" - Um pintor do século XVII na Ilha da Madeira,* sob a coordenação científica do Professor Doutor Vitor Serrão (Faculdade de Letras de Lisboa/Instituto de História da Arte). Foi bolseira (2007/2010) pela SRE/DRAE e do CITMA para desenvolver Projeto de Doutoramento na área da Pintura Barroca na Ilha da Madeira, sob a coordenação do Professor Doutor Vitor Serrão e co-orientação da Professora Doutora Isabel Santa Clara (UMa/Departamento de Arte e Design), com o título *A Pintura Proto-Barroca no Arquipélago da Madeira, entre 1646 e 1750 - A eficácia da Imagem* (com conclusão prevista para Setembro de 2012).

Ingressou na docência em 1980 e é professora do ensino secundário desde 1982, tendo leccionado disciplinas da área das Artes Visuais, sobre as quais desenvolve pesquisa teórica-prática, quer nas áreas científicas, quer das componentes didácticas-pedagógicas, sendo autora de diversos artigos na área de História da Arte, Critica de Arte e Pedagogia. Pertence, atualmente, ao quadro da Escola secundária Francisco Franco. Leccionou, ainda, na UMa/ Departamento de Arte Design (1996 a 2001) e na área de Formação de Professores (1993 a 2003).

1.4. A turma

Este tópico pretende aferir acerca do contexto cultural de proveniência dos alunos, e tem por objectivo caracterizar o seu percurso escolar. Para tal, foi utilizado um inquérito vulgarmente conhecido por “ficha biográfica” (Anexo A1).

Aos elementos habituais que vulgarmente constam nesta ficha tais como dados biográficos, composição do agregado familiar, vida escolar, saúde e alimentação, acrescentei um tópico relativamente aos objectivos de carreira dos alunos e ainda os níveis de utilização de ferramentas informáticas.

Após recolha e análise da informação providenciada pelos alunos, foram criados gráficos para melhor compreensão dos dados recolhidos.

Os alunos tidos como ponto de referencia este estudo, pertencem à turma de décimo segundo ano do curso Científico-humanístico de Arte Visuais com a disciplina de opção de Oficina de Artes da Escola secundária de Francisco Franco nos período 2011/2012.

1.5. Caracterização da turma

I - A turma é constituída por 9 raparigas e 5 rapazes.

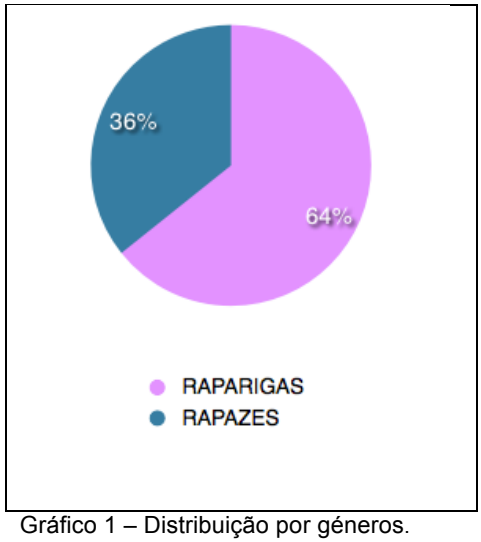


Gráfico 1 – Distribuição por géneros.

II - Embora, na sua maioria, os alunos tenham 17 anos, a amplitude das idades dos elementos da turma varia entre os 17 e os 19 anos.

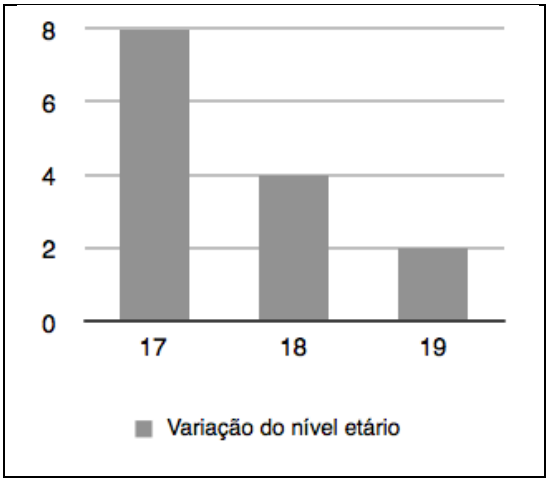


Gráfico 2 – Distribuição por níveis etários.

III - Apesar de 36% dos inquiridos ter sido repetente de algum nível, os 14 alunos que compõem a turma estão a frequentar o 12º. ano pela primeira vez. Destes, 86% frequentaram durante pelo menos um ano letivo o Ensino Pré-primário.

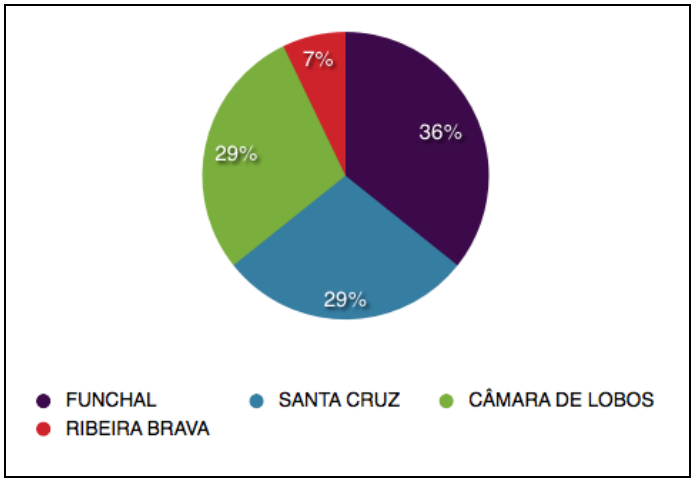


Gráfico 3– Distribuição por proveniência.

IV - A turma é composta maioritariamente por alunos do Funchal, mas também por outros concelhos da RAM.

V - Os alunos deslocam-se de várias formas entre as suas casas e a escola, no entanto é o autocarro o meio de transporte mais utilizado. Cerca de 79% dos alunos, acompanhados de amigos, dos pais ou sozinhos, chegam diariamente à escola através deste transporte público.

VI - Embora apresente alguma variabilidade no grau de parentesco e no número de indivíduos, o agregado familiar mais comum na turma - 57% dos elementos - é composto por cada aluno, pai, mãe e por um irmão ou irmã.

VII - A totalidade dos alunos elegeu o quarto como o local onde habitualmente estuda e 57% admitem partilhá-lo com um membro do seu agregado familiar.

VIII - Apenas 21% dos alunos que compõem a turma possuem portefólio. Entre os alunos que utilizam o portefólio, o formato digital é o mais utilizado. Quando inquiridos relativamente à utilização do Diário Gráfico, 64% dos alunos responderam de forma afirmativa. Apesar de comum entre os alunos da turma, a utilização do Diário Gráfico faz-se exclusivamente no formato quirográfico.

IX - Com exceção de um aluno, todos os membros da turma possuem computador e parecem estar familiarizados com alguns programas informáticos com grande aplicação nas Artes Visuais. 43% dos alunos utilizam o *Adobe Photoshop* e 36% o *Adobe Illustrator*. As aplicações do Microsoft Office estão também entre as ferramentas informáticas mais

utilizadas. O *Word* é utilizado por 50% dos alunos e o *powerpoint* está entre os mais populares (57% dos inquiridos).

X - Quando inquiridos relativamente ao curso que pretendem frequentar, grande parte dos alunos manifestaram interesse nos cursos de Artes Plásticas e de Design.

1.6. Lista de alunos

S. R.

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Escola Secundária Francisco Franco
Ano Lectivo 2011/2012

LISTA DE ALUNOS

Curso: Artes Visuais Turma: 1213

Nº Proc	Nº	Nome	Data Nascimento	Idade	PT	EDF	DESA	OA	OMB
38329	2	Ana Carolina Gonçalves Figueira	16-08-1992	19*	X	X	X	X	X
39992	3	Ana Cristina Pita Lopes	06-06-1993	18*	X	X	X	X	X
39996	4	Ana Filipa Rodrigues Gomes	10-05-1994	17*	X	X	X	X	X
39997	6	Carla Patrícia Abreu Bernardo	05-03-1994	17*	X	X	X	X	X
40006	7	Celso Correia Gouveia	25-08-1992	19*		X	X	X	X
40004	8	CLÁUDIA ISABEL SILVA VIEIRA	17-07-1994	17*	X	X	X	X	X
39999	9	Daniel Marcelino Gomes Faria	22-03-1994	17*	X	X	X	X	X
40007	12	Jéssica Liliana Mendonça de Freitas	23-04-1994	17*	X	X	X	X	X
40005	13	Joana Patrícia da Silva Fernandes	24-05-1994	17*	X	X	X	X	X
40243	15	José Octávio de Jesus Correia	19-02-1994	17*	X	X	X	X	X
39990	16	Laura Cristina Góis Ferreira	15-04-1993	18*	X	X	X	X	X
39185	17	Leonícia Carolina Sousa Vieira	29-06-1993	18*	X	X	X	X	X
39987	18	Pedro Filipe Rodrigues Afonso	12-04-1994	17*	X	X	X	X	X
40349	19	Sara Cristina Gomes Henriques	19-11-1992	18*	X	X	X	X	X
41481	21	Jorge de Deus Pestana Fernandes	01-09-1993	18	X	X	X	X	X
		Total de alunos por disciplina			19	15	17	15	16

Total de Alunos na Turma: 20

(*) Os alunos assinalados encontram-se fora da escolaridade obrigatória no presente ano lectivo (a idade indicada reporta a 15 de Setembro do mesmo)

NOTA: Nesta lista não constam os averbamentos, pelo que deverá verificar essas situações e consequentemente os somatórios dos alunos por turma e por disciplina.

Impresso: terça-feira, 18 de Outubro de 2011

1.7. Horário da turma

Untis 2011 ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO FRANCO - ANO LECTIVO 2011/2012
0

1213 C. ARTES VISUAIS

	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
8:15 - 9:00					
9:00 - 9:45					
10:00 - 10:45		EDF12 **C01**	EDF12 **C05**		
10:45 - 11:30					
11:45 - 12:30					
12:30 - 13:15					
13:30 - 14:15	DES a **418**	DES a. **418** OF.Mb **422**	OF.A **416**	DES a **418**	OF.Mb **422**
14:15 - 15:00					
15:15 - 16:00	OF.Mb **422**			OF.A **416**	PO12 **204**
16:00 - 16:45					
17:00 - 17:45	OF.A **416**			PO12 **204**	
17:45 - 18:30					

ALTERDO A 29/09/2011

1.8. A disciplina de Oficina de Artes

A disciplina de Oficina de Artes constitui-se como uma disciplina de opção do 12º ano, com uma carga horária de 3 unidades lectivas de 90 minutos semanais.

A inserção da disciplina de Desenho A no plano de estudo do Curso de Artes visuais como disciplina estruturante e trienal, permitiu que alguns dos conteúdos formativos abordados anteriormente pela Oficina de Artes fossem reintegrados nessa disciplina. Deste modo cabe à Oficina de Artes abordar as áreas de expressão plásticas bi e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual.

> *"...Oficina de Artes é uma disciplina cujo nome releva da noção de ofício, no sentido que lhe é conferido atualmente pelo operador plástico, enquanto agente de intervenção crítica que, mediante o conhecimento e a valorização do património, é capaz de agir, de modo integrado, na sociedade em que está inserido…"* [9]

1.8.1. Objectivos gerais

- Desenvolver a sensibilidade e a consciência crítica, mediante a mobilização do aluno para os conteúdos específicos das diferentes áreas das artes visuais.

- Fomentar a capacidade de manipulação sensível e técnica dos materiais, dos suportes e dos instrumentos, visando um melhor entendimento do espaço bidimensional e tridimensional em vários domínios da expressão plástica.

- Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.

- Proporcionar aos alunos o acesso aos fundamentos e pressupostos científicos essenciais que determinam grande parte da fenomenologia das artes visuais, desde o ato criativo em si à perspetiva crítica e de intervenção no âmbito da comunidade.

[9] Gonçalves Luísa, Alírio Emília (2005) Programa de Oficina de Artes 12º ano Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais (Anexo A10)

1.8.2. Objetivos específicos

- Desenvolver conhecimentos e competências já adquiridos em áreas afins, relacionando-os e adequando-os aos diversos modos de projetar.

- Entender os modos de projetar como parte integrante do processo artístico, relacionando a dinâmica das aprendizagens anteriores com as novas hipóteses expressivas.

- Conhecer as fases metodológicas de um projeto artístico.

- Desenvolver competências nos domínios da representação bidimensional e tridimensional.

- Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa do espaço e das formas que o habitam.

- Compreender as questões utilitárias relacionadas com certos tipos de iconicidade, na área da cidadania.

- Desenvolver capacidades de trabalho em equipa, necessárias à consecução de projetos.

1.8.3. Competências

Nesta disciplina pretende-se que o aluno desenvolva competências que o tornem capaz de:

- Representar bi e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos.

- Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual.

- Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual.

- Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo.

- Trabalhar em equipa, gerindo as competências necessárias à concretização de um projeto artístico.

- Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido.

1.8.4. Metodologias

As aulas de apresentação das propostas serão de caráter expositivo.

Ao longo do ano lectivo os professores acompanharão de perto as diferentes respostas dos alunos às propostas de trabalho apresentadas. As primeiras propostas (módulo1) terão um carácter diagnóstico, e as propostas dos módulos 2 e 3 incidirão no projeto artístico e nas áreas de desenvolvimento e concretização do mesmo.

1.8.5. Recursos e materiais

A sala de aula encontra-se equipada com o mínimo essencial para exigências funcionais e construtivas para as atividades desenvolvidas no domínio das artes visuais. É ampla, possui boa luminosidade e arejamento. Seria, no entanto, importante a existência de um equipamento informático básico, que funcionasse como instrumento de pesquisa e banco de imagens. É recomendável ainda a afixação de um projetor que possibilite a projeção de imagens nas aulas de pendor expositivo.

1.8.6. Lista de recursos disponíveis na sala de aula

- Bancada com ponto de água e esgoto
- Armário para guardar material e trabalhos
- Quadro de ardósia
- Ecrã branco para projeção
- Estiradores
- Cadeiras

1.8.7. Lista de recursos da sala de formação do Atelier de Design, Akiagato.

- Computadores com ligados à *internet*
- *Softwares: Safari, Adobe Photoshop, Adobe Illustrator*
- *Scanner*

- Impressora
- Papel

1.8.8. Avaliação

Em termos gerais, a avaliação na disciplina de Oficina de Artes no que se refere à aprendizagem, princípios e processos de avaliação, pauta-se pela legislação em vigor, e pelos critérios de avaliação da escola (Anexo A2). Em consonância com estes princípios a avaliação na disciplina de Oficina de Artes deve ser contínua, global, integrando as modalidades formativas e sumativas; deve ser uma avaliação fiável e diversificada, com base na observação de atividades em processo e em produtos**.**

A escola definiu uma lista obrigatória de materiais (Anexo A3) que os alunos deverão adquirir e trazer para a aula (para a disciplina de Desenho A e B e Oficina de Artes). Na sala existe um armário que poderá ser utilizado pelos alunos, de forma a evitar o incómodo de transportar continuamente todos estes materiais.

1.9. Reuniões de orientação

No âmbito do estágio em Iniciação à Prática Pedagógica, supervisionado pela professora cooperante, foi necessário abrir um espaço de diálogo e preparação de estratégias pedagógicas. Para o efeito, foram acertadas reuniões de orientação com a professora Rita Rodrigues que decorreram às quintas-feiras entre as 11:30h e as 15:00h, na sala do grupo 600 na escola cooperante.

O objetivo destas reuniões era apresentar a planificação das aulas a ministrar e obter orientação didática, procurando sempre melhorar a experiência pedagógica com a turma.

No decorrer destas reuniões procedeu-se à revisão da matéria a lecionar aos alunos e respetivas planificações, discutiu-se propostas das unidades de trabalho, apresentações, recursos e materiais de apoio a apresentar. Foram também analisadas as sessões já ministradas, procurando, através de um diálogo crítico, detetar situações a serem melhoradas de futuro e avaliar a recetividade dos alunos ao plano de aula e às unidades de trabalho em questão.

1.10. Planificação anual da disciplina de Oficina de Artes 12º ano

Carga horária semanal: 2 tempos letivos de 90 minutos e 1 tempo letivo de 135 minutos

ANO LECTIVO 2011/2012	**1º Período**	**1º e 2º Períodos**	**2º e 3º Períodos**
AULAS PREVISTAS	**36 TL**	**33 TL**	**24 TL**
AVALIAÇÃO	Avaliação formativa e avaliação sumativa	Avaliação formativa e avaliação sumativa	Avaliação formativa e avaliação sumativa
ÁREA	Módulo 1 – Área de diagnóstico (Temas estruturantes)	Módulo 2 – Projeto artístico (Questões permanentes)	Módulo 3 – Áreas de desenvolvimento e concretização do projeto
CONTEÚDOS MÓDULOS	**MÓDULO 1** 1. LINGUAGEM PLÁSTICA 1.1. Conceitos de linguagem Sistemas sígnicos Signo Verbal e Signo Icónico Signos, Símbolos e Sinais 1.2. Elementos estruturais da linguagem plástica Ponto/Linha Valores de Textura Valores Lumínicos (Claro/Escuro) Valores Cromáticos 2. MATERIAIS, SUPORTES E INSTRUMENTOS Materiais: origens e composição Suportes: aracterísticas, dimensões e funções Instrumentos: características e funções 3. TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO Modos de Formar Especificidades -Inter-relações -Metodologias **MÓDULO 2** 1. PROJETO E OBJETO Conceito (s) de Projeto O projeto como sistema de relações transversais a várias áreas Do projeto ao Objeto	**MÓDULO 2** **(CONTINUAÇÃO)** 2. REPRESENTAÇÃO EXPRESSIVA E REPRESENTAÇÃO RIGOROSA DAS FORMAS E DO ESPAÇO Representação expressiva Sistemas de representação rigorosa Dispositivos utilitários de comunicação. Codificações Gráficas. Símbolos Pictóricos. Símbolos Icónicos. Sinais **MÓDULO 3** 1. ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO Desenho Pintura Escultura Design Gráfico Design de Equipamento Fotografia Videografia. Intervenção em espaços culturais	**MÓDULO 3** **(CONTINUAÇÃO)** 1. ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO (CONTINUAÇÃO) Desenho. Pintura. Escultura. Design Gráfico. Design de Equipamento Fotografia Videografia. Intervenção em espaços Culturais 2. TEMAS E GRAUS DE CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO Desenho Pintura Escultura Fotografia Videografia
RECURSOS (do docente)	Apresentações em Powerpoint Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Projetor Tela de projeção Scanner Software: Adobe Photoshop,	Apresentações em Powerpoint Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Projetor Tela de projeção Cadernos Moleskine	Apresentações em Powerpoint Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Scanner Software:

	Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Materiais riscadores; suportes de Desenho e Pintura. Instrumentos de corte: Tesoura, guilhotina, x-acto Cartolinas	Scanner Software: Adobe Photoshop, Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Material de desenho, Pintura e tridimensionais (escultura, design)	Adobe Photoshop, Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Material de Desenho, Pintura e Tridimensionais (escultura, design, arquitetura, instalação, performance …)
RECURSOS (do aluno)	Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Scanner Software: Adobe Photoshop, Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Materiais riscadores; suportes de Desenho e Pintura. Instrumentos de corte: Tesoura, guilhotina, x-acto Cartolinas	Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Cadernos Moleskine Scanner Software: Adobe Photoshop, Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Material de desenho, Pintura e tridimensionais (escultura, design)	Livros, catálogos, revistas, postais Filmes (cinema; documentários) Computadores Cadernos Moleskine Scanner Software: Adobe Photoshop, Adobe Ilustrator, Câmara fotográfica digital Material de desenho, Pintura e tridimensionais (escultura, design)
ESTRATÉGIAS	Apresentação de propostas-diagnóstico aos alunos com o objetivo de aferir as capacidades adquiridas em anos anteriores. Permitir a utilização de novas técnicas e materiais. Incentivar o interesse pela leitura e pela cultura em geral Fomentando visitas de estudo e propondo projetos interdisciplinares	Apresentação de proposta d irecionada para a projetação de uma objeto como produto final, valorizando o processo de trabalho (pesquisa, experimentação…) Incentivar e preparar os alunos para a produção de um objecto final resultante da compilação de trabalhos (reaproveitamento de etapas, fases, processos anteriormente experimentados) Apresentação de propostas pelos alunos a fim de desenvolverem Projetos artísticos individuais e / coletivos na área do bidimensional (desenho, pintura, gravura, fotografia, design gráfico), tridimensional (escultura, arquitetura, design de produto), técnicas mistas, infografia, artes performativas, etc.	Apresentação de proposta direcionada para a projetação de uma objeto como produto final, valorizando o processo de trabalho (pesquisa, experimentação…) Incentivar e preparar os alunos para a produção de um objecto final resultante da compilação de trabalhos, (reaproveitamento de etapas, fases, processos anteriormente experimentados). Apresentação de propostas pelos alunos a fim de desenvolverem Projetos artísticos individuais e / coletivos na área do bidimensional (desenho, pintura, gravura, fotografia, design gráfico), tridimensional (escultura, arquitetura, design de produto), técnicas mistas, infografia, artes performativas, etc.

2. Unidade de trabalho IV

2.1. Proposta IV (MÓDULO 0 – Módulo Diagnóstico)

O programa recomenda que sejam efectuados exercícios-diagnóstico, no sentido de aferir se os alunos conseguem desenvolver trabalhos utilizando conhecimentos e competências já adquiridos em áreas afins. Nesse sentido, foi-lhes entregue uma série de propostas- diagnóstico, de resposta rápida, foram constatadas enormes dificuldades nas metodologias, adequação dos materiais, e, em especial, em termos de representação bi e tridimensionais, que, no caso de alguns alunos se revelou muito primária.

Tendo em conta estes problemas, foram elaboradas diversas propostas de trabalho com o objetivo de colmatar essas lacunas, ficando o mestrando estagiário encarregue de elaborar a 4ª proposta versando a temática "Interpretação gráfica de um texto literário", apresentada como forma de preparação dos alunos para a proposta VI.

No decorrer da unidade de trabalho IV, os docentes foram acompanhando o trabalho desenvolvido pelos alunos, aconselhando e criticando, no sentido de orientá-los para uma melhoria progressiva em diversos aspectos, tais como: a adequação de materiais e técnicas, tempo de execução e execução formal.

Tendo a proposta o objetivo de interpretar um texto literário, os docentes tiveram o cuidado 2de enquadrar as obras e os autores. No decorrer da unidade de trabalho foram disponibilizados aos alunos diversos materiais pedagógicos de apoio: desde os livros de onde foram extraídos os trechos de texto, a *links* e livros com exemplos de trabalhos e técnicas.

A seleção de autores e obras baseou-se no tipo de trabalhos que cada aluno mostrou motivação para desenvolver.

2.2. Plano de aula do dia 13 de outubro de 2011

A aula de apresentação da proposta IV ficou agendada para o dia 13 de outubro de 2011, tratando-se da primeira aula ministrada exclusivamente pelo mestrando em contexto de estágio. O plano de aula foi o seguinte:

Integração no Programa de OFICINA DE ARTES:

Módulo 3 – **Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto**:

1 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto;
2 – Temas e graus de concretização do projeto;

Competências a desenvolver:

- Representar bidimensionalmente através de meios riscadores; Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação; Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual - Ilustração de um texto.
- Explorar a relação texto/imagem
- Aprofundar capacidades de pesquisa, concepção, planificação e representação bi dimensionais.
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto;

Introdução:

Esta unidade de trabalho pretende desenvolver nos alunos capacidades técnicas de expressão e representação intencional, pretendendo também dotar os alunos de capacidade de análise de trabalhos literários de outros autores, e posterior interpretação pessoal um contexto gráfico pictórico.

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Introdução	5 min.		
O que é a ilustração? Quais as suas origens?			

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
A ilustração até aos nosso dias	30 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Origens pré-históricas Grécia Renascimento Os primórdios a ilustração científica do sec. XVI Carlo Ruini Rinoceronte de Dürer 1515			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
A ilustração na era moderna	15 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
A infografia Publicidade Propaganda / Política Banda Desenhada Ilustração artística Exemplos de trabalhos de autores contemporâneos (nacionais e internacionais).			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
Entrega da proposta IV	20 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Entrega proposta e esclarecimento de dúvidas.			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
Apresentação de recursos e material didático	15 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor, livros.
Disponibilização de endereços de websites e livros onde os alunos podem aceder a informação relacionada com ilustração e com a proposta.			

2.3. Apresentação da proposta IV (aula do 13 de outubro de 2011)

Nesta aula foi exibida uma apresentação de slides *power point* (Anexo A4), onde foi feita uma introdução à história da ilustração, desde as pinturas rupestres de Lascaux, passando pelas ilustrações na cerâmica grega, pelo Renascimento e pelas ilustrações de Leonardo Da Vinci, foi também referido o século XVI e a ilustração científica de Carlo Ruini. De seguida foram realçados alguns momentos particulares da ilustração tais como: a ilustração científica, a infográfica, a ilustração ao serviço da propaganda, a ilustração portuguesa (Estado Novo), a ilustração e a política, a famosa campanha *yes, we can! de* Barack Obama, o papel da ilustração na banda desenhada e na animação e a ilustração e a publicidade (exemplo da Coca Cola que mudou o conceito de Natal através da ilustração). Foram ainda mostrados alguns exemplos da aplicação da ilustração na publicidade tendo em conta o que é feito localmente. A apresentação terminou com exemplos de trabalhos de ilustração de artistas "contemporâneos": Stefan Sagmeister e Joanna Latka, e de artistas locais como: Carla Cabral, Rigo e Paulo Vieira.

2.3.1 Alguns exemplos das imagens utilizadas na apresentação



Fig. 01 – Ilustração de propaganda nazi.



Fig. 02 – Ilustração de propaganda britânica.

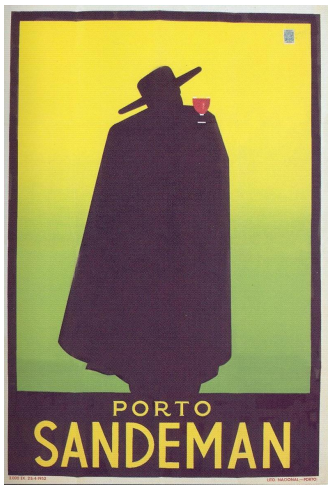


Fig. 03 – Ilustração publicitária Portuguesa.



Fig. 04 – Ilustração publicitária Coca-Cola.



Fig. 05 – Ilustração Carla Cabral.



Fig. 06 – Ilustração Paulo Vieira.

2.4. Proposta de Trabalho IV

Mestrado em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Orientador Cooperante: Professora Rita Rodrigues
Orientador Científico: Professor Doutor Vítor Magalhães
Mestrando: Márcio Serrado Fernandes

Oficina de Artes 12º Ano | Turma 13ª | Ano Letivo 2011 /2012

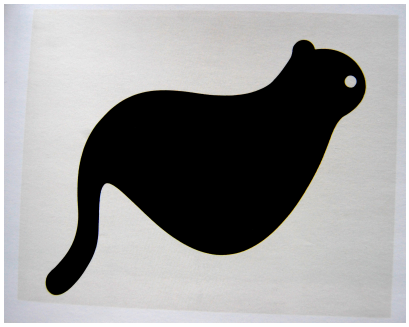
Integração no Programa de OFICINA DE ARTES:
Módulo 1 – Área de Diagnóstico (Temas Estruturantes):
1 – Linguagem plástica; 2 – Materiais, suportes e instrumentos; 3 -Técnicas de expressão e representação.
Competências a desenvolver:
- Representar bidimensionalmente através de meios riscadores; Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação; Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual - Ilustração de um texto.
- Explorar a relação texto/imagem



Joanna Latka
A fúria 2005



Carla Cabral
O abraço é azul 2009



Malgorzata Gurowska
Falando de cor 2005

1ª. parte

É facultado a cada aluno um excerto de um poema ou parte dele, da autoria de um escritor madeirense impresso em papel de desenho, previamente paginado.

a) Partindo da leitura e interpretação pessoal do texto facultado, solicita-se a cada aluno a ILUSTRAÇÃO do mesmo.
b) Considerar a relação TEXTO/IMAGEM.
c) Utilizar instrumentos riscadores e/ou materiais aquosos compatíveis com papel de desenho.

c.1) É aceitável a utilização de colagem e/ou fotografia desde que plasticamente compatível com a estruturação e desenvolvimento gráfico da ilustração (após diálogo com os docentes).

Nota: Os alunos devem observar autores/ ilustradores tais como: Joanna Latka, Rigo 23, Paulo Vieira. Serão enviados para o e-mail da turma links, obras e autores a fim de observarem e analisarem criticamente as várias modalidades de ilustração (suportes meios e técnicas; desenho quirográfico e digital).

2ª Parte

a) É dado a conhecer ao aluno o texto/ poema completo e o seu autor

Calendarização:

1 aula de 135 mn e 2 aulas de 90 mn.
Recolha para avaliação nos primeiros minutos da aula do dia 24 de Outubro.

Avaliação:

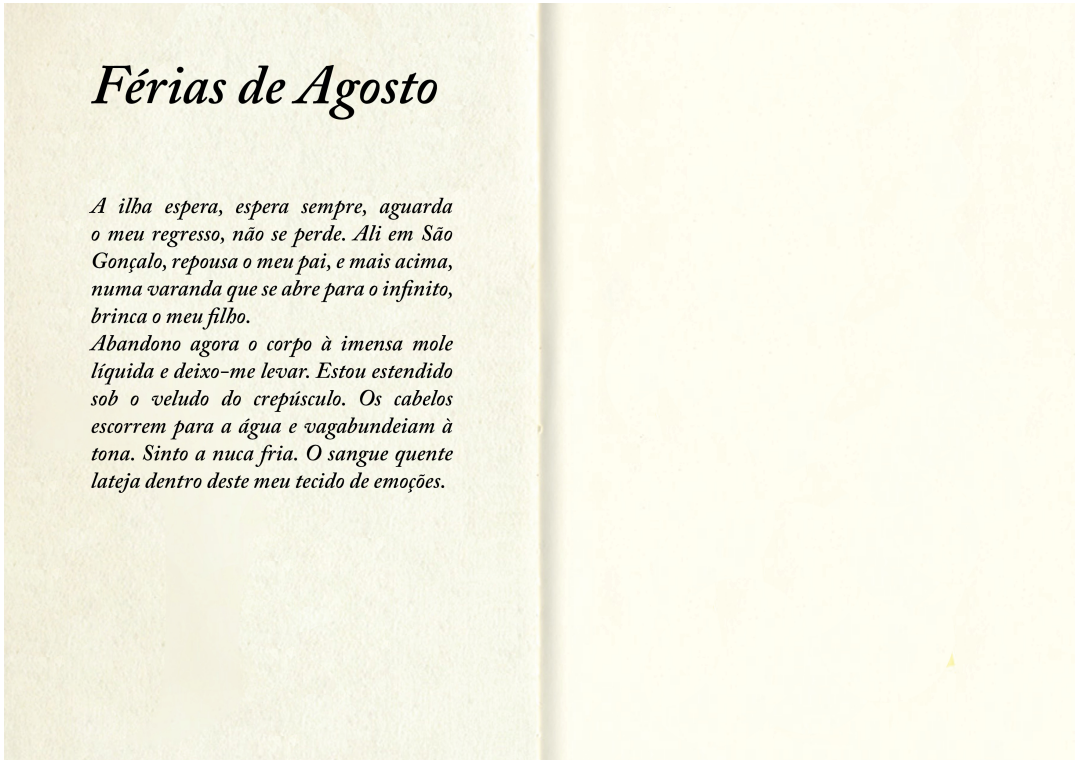
Critérios específicos:

- Criatividade na interpretação do texto.
- Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).
- Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos e Projeto final.
- Expressividade e qualidade de acabamento final.
- Capacidade de comunicar visualmente ideias – Ilustração.
- Relacionar TEXTO/IMAGEM.
- Originalidade e expressividade.

2.4.1. Excertos de poemas facultados impressos aos alunos

De seguida encontram-se os excertos das obras literárias entregues aos alunos.

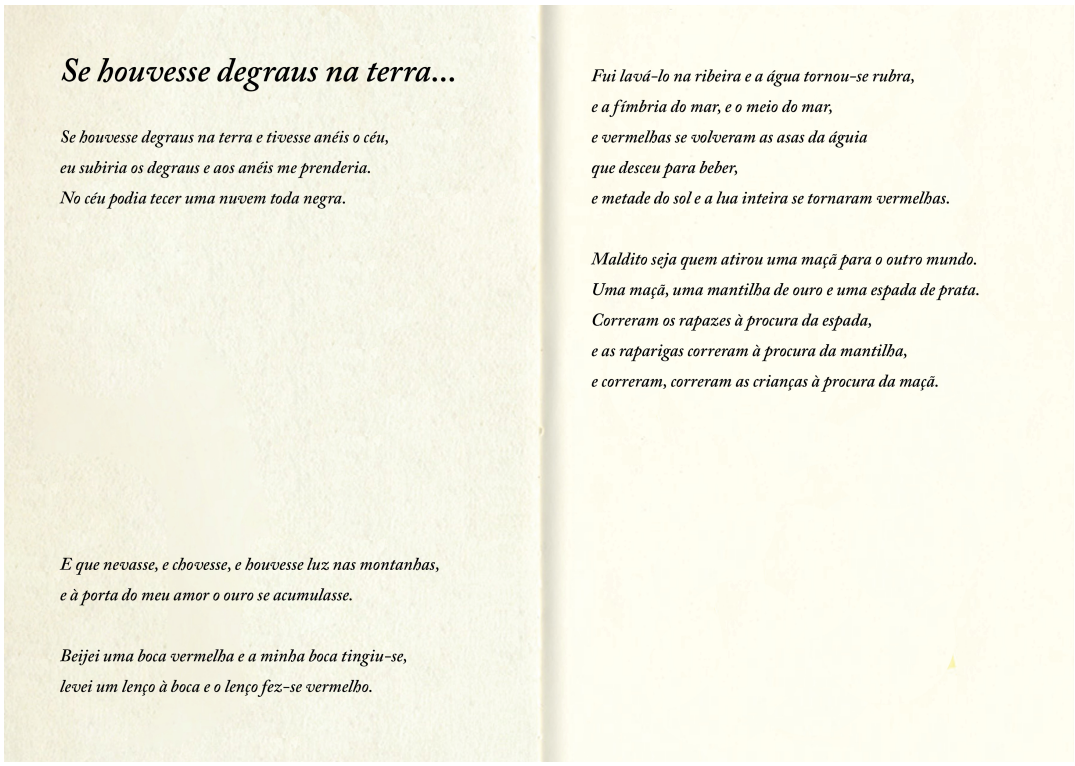
Após selecionarem qual dos excertos pretendiam ilustrar, foi-lhes entregue o respetivo texto, impresso com boa qualidade e em papel de espessura suficiente para suportar as possíveis intervenções dos variados materiais (secos ou aquosos) passíveis de serem utilizados.



Férias de Agosto

A ilha espera, espera sempre, aguarda o meu regresso, não se perde. Ali em São Gonçalo, repousa o meu pai, e mais acima, numa varanda que se abre para o infinito, brinca o meu filho.
Abandono agora o corpo à imensa mole líquida e deixo-me levar. Estou estendido sob o veludo do crepúsculo. Os cabelos escorrem para a água e vagabundeiam à tona. Sinto a nuca fria. O sangue quente lateja dentro deste meu tecido de emoções.

Fig. 07 – Texto de António Fournier: *Férias de Agosto*.



Se houvesse degraus na terra...

Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu,
eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia.
No céu podia tecer uma nuvem toda negra.

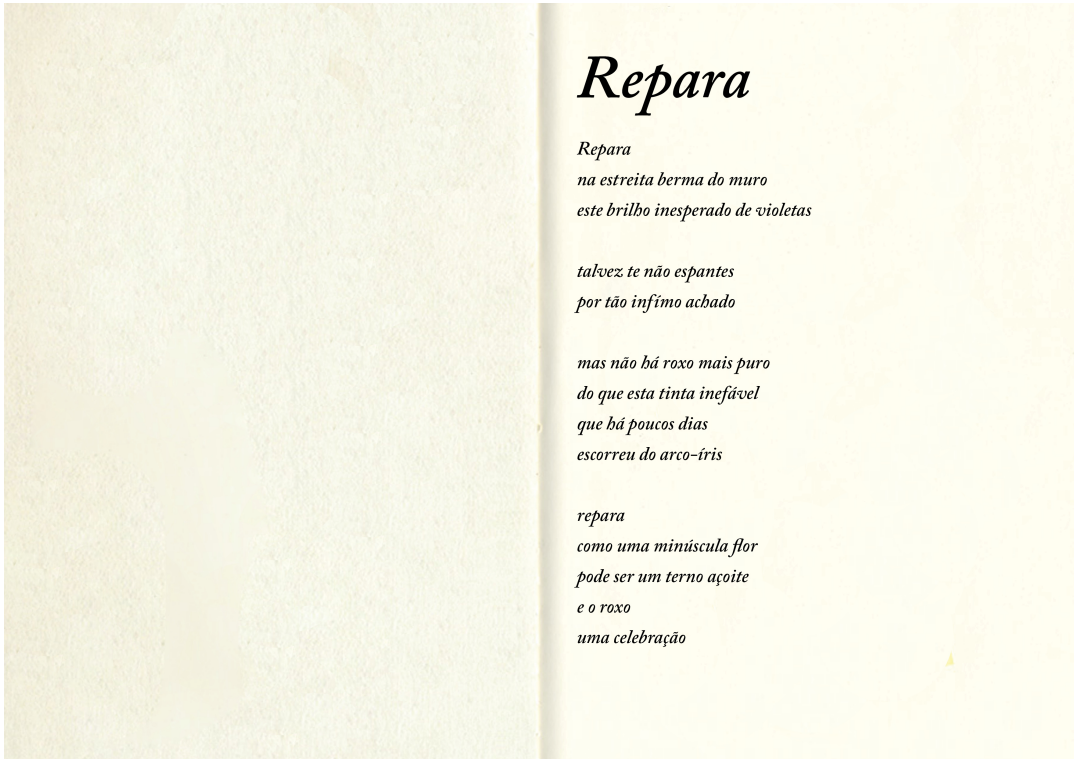
E que nevasse, e chovesse, e houvesse luz nas montanhas,
e à porta do meu amor o ouro se acumulasse.

Beijei uma boca vermelha e a minha boca tingiu-se,
levei um lenço à boca e o lenço fez-se vermelho.

Fui lavá-lo na ribeira e a água tornou-se rubra,
e a fímbria do mar, e o meio do mar,
e vermelhas se volveram as asas da águia
que desceu para beber,
e metade do sol e a lua inteira se tornaram vermelhas.

Maldito seja quem atirou uma maçã para o outro mundo.
Uma maçã, uma mantilha de ouro e uma espada de prata.
Correram os rapazes à procura da espada,
e as raparigas correram à procura da mantilha,
e correram, correram as crianças à procura da maçã.

Fig. 08 – Texto de Herberto Hélder: *Se houvesse degraus na terra...*



Repara

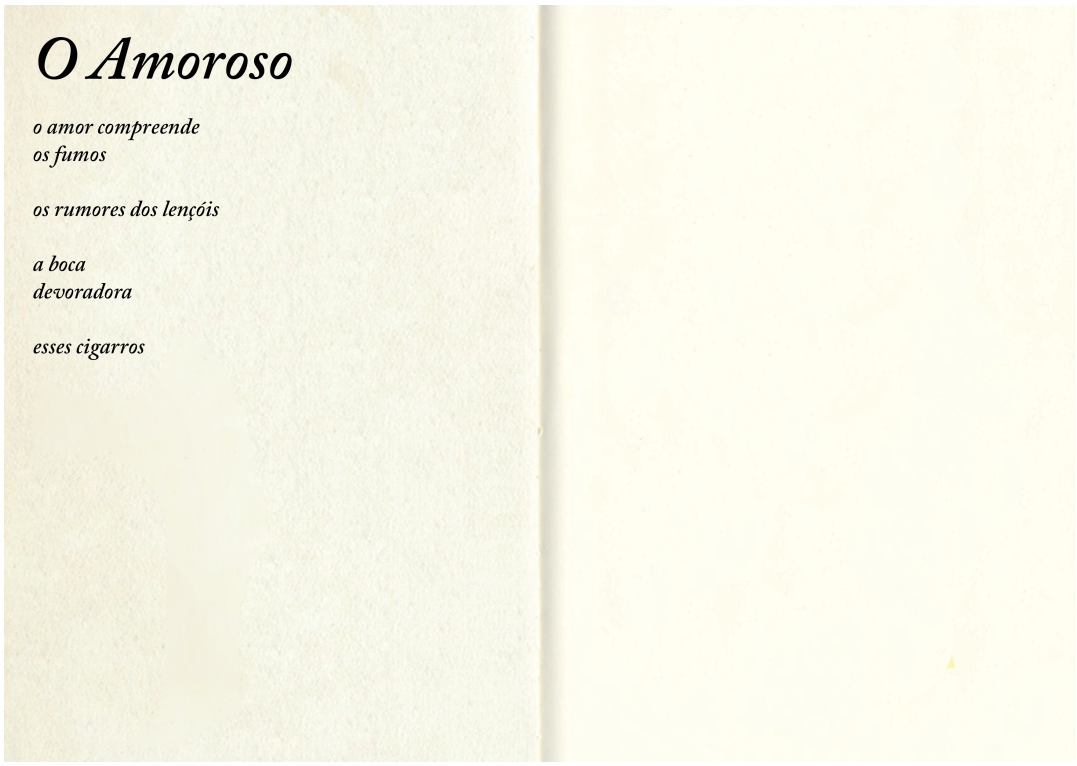
Repara
na estreita berma do muro
este brilho inesperado de violetas

talvez te não espantes
por tão infímo achado

mas não há roxo mais puro
do que esta tinta inefável
que há poucos dias
escorreu do arco-íris

repara
como uma minúscula flor
pode ser um terno açoite
e o roxo
uma celebração

Fig. 09 – Texto de Irene de Andrade: *Repara.*



O Amoroso

o amor compreende
os fumos

os rumores dos lençóis

a boca
devoradora

esses cigarros

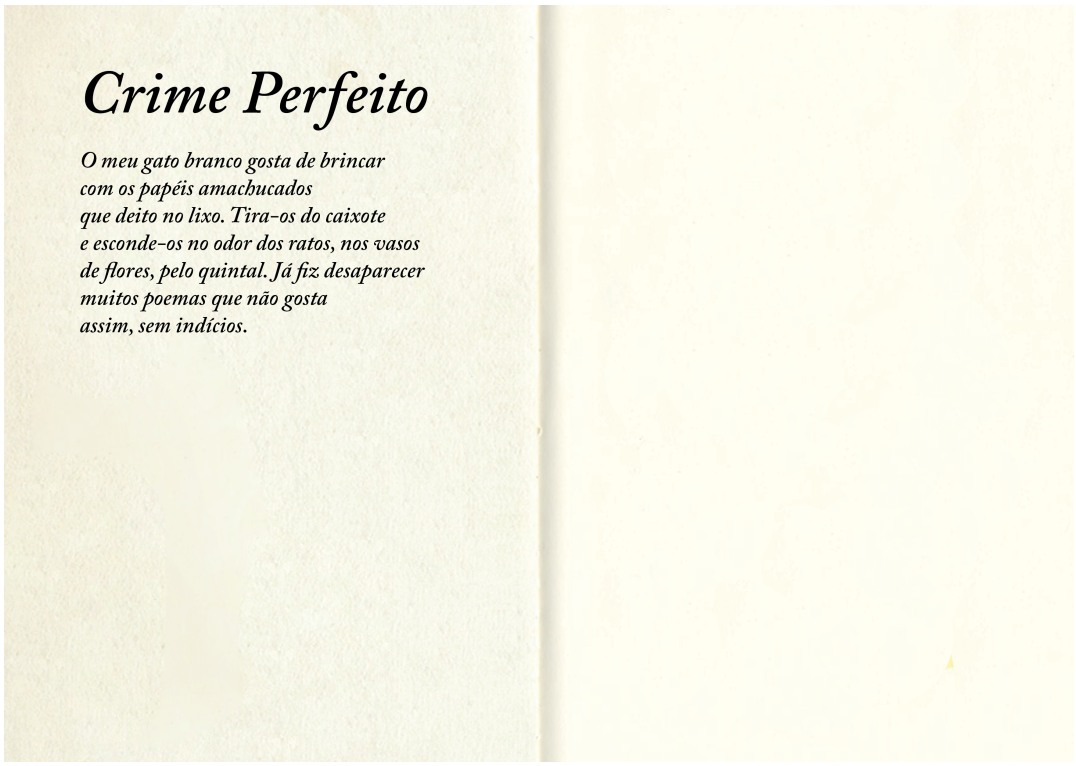
Fig. 10 – Texto de José Viale Moutinho: *O amoroso.*



Fim

faz-se tarde
e eu deixei de esperar-te.
todos os portos se fecham sobre mim
e a floresta adensa-se
nenhuma clareira se abre à passagem dos
animais e do homem antigo.
são 4 horas na manhã de todos os relógios...

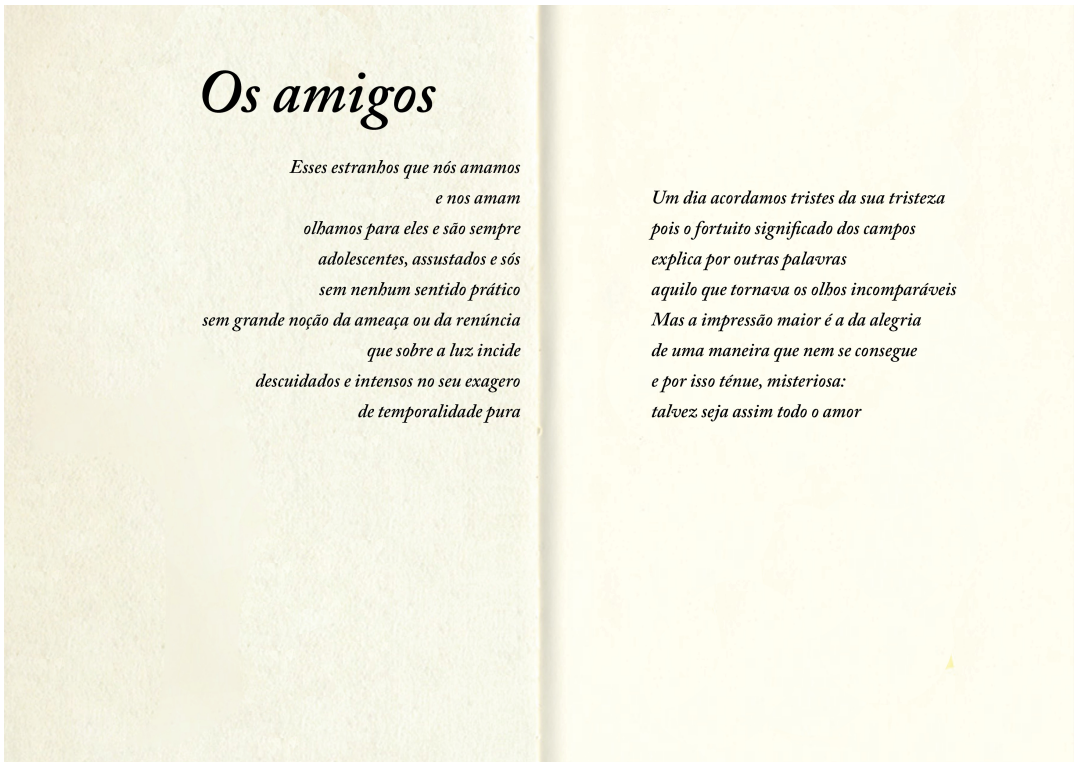
Fig. 11 – Texto de José Agostinho Baptista: *Fim.*



Crime Perfeito

O meu gato branco gosta de brincar
com os papéis amachucados
que deito no lixo. Tira-os do caixote
e esconde-os no odor dos ratos, nos vasos
de flores, pelo quintal. Já fiz desaparecer
muitos poemas que não gosta
assim, sem indícios.

Fig. 12 – Texto de Teresa Jardim: *Crime Perfeito.*



Os amigos

Esses estranhos que nós amamos
e nos amam
olhamos para eles e são sempre
adolescentes, assustados e sós
sem nenhum sentido prático
sem grande noção da ameaça ou da renúncia
que sobre a luz incide
descuidados e intensos no seu exagero
de temporalidade pura

Um dia acordamos tristes da sua tristeza
pois o fortuito significado dos campos
explica por outras palavras
aquilo que tornava os olhos incomparáveis
Mas a impressão maior é a da alegria
de uma maneira que nem se consegue
e por isso ténue, misteriosa:
talvez seja assim todo o amor

Fig. 13 – Texto de J. Tolentino Mendonça: *Os amigos.*



Índice

Textos		Ilustrações	
Crime Perfeito . Teresa Jardim		Celso Gouveia, Daniel Faria	Páginas: 1 e 9
Os amigos . José Tolentino Mendonça		Cláudia Vieira, Joana Fernandes	Páginas: 2 e 8
Repara . Irene Lucília		Pedro Afonso, Octávio Correia	Páginas: 3 e 10
Se houvesse degraus na terra... Herberto Helder		Sara Henriques	Páginas: 4 e 11
Fim . José Agostinho Baptista		Carla Bernardo, Carolina Figueira, Laura Ferreira	Páginas: 5 e 12
O Amoroso . José Viale Moutinho		Jéssica Freitas, Ana Lopes	Páginas: 6 e 13
Férias de Agosto . António Fournier		Ana Gomes, Jorge de Deus	Páginas: 7 e 14

Fig. 14 - Índice dos poemas selecionados pelos alunos.

2.5. Trabalhos finais dos alunos relativos à proposta IV

A proposta IV decorreu durante 13 aulas: 4 sessões de 135 minutos e 9 sessões de 90 minutos. Ao longo das primeiras sessões, os alunos ainda abordavam o mestrando com alguma relutância, pois este era ainda um *"*elemento estranho*" ao* decurso normal das aulas a que estavam habituados. A aproximação aos alunos partiu do mestrando, abordando-os de forma descontraída e, mostrando-se disponível para acompanhar os projetos que cada um deles desenvolvia. Desta forma, os alunos rapidamente perceberam que o mestrando seria mais uma possibilidade de apoio e não um mero observador. Após algumas sessões, o relacionamento entre os alunos e o mestrando tornou-se eficaz, havendo um ótimo relacionamento de parte a parte. Quebrado o gelo, os alunos abordavam o mestrando com o mesmo à vontade com que abordavam a professora cooperante.

Entre as dúvidas colocadas pelos alunos, no âmbito das soluções por eles apresentadas à proposta, a maioria estava relacionada com a utilização de determinados materiais e técnicas. Muitos dos alunos receavam que o suporte onde deveriam efetuar o registo final não suportaria tais intervenções. Para tal, a professora cooperante e o mestrando aconselharam os alunos a testar todas essas intervenções nas folhas de teste fornecidas para o efeito, acompanhando-os durante este processo.

Sendo uma proposta de expressão livre, condicionada apenas pela interpretação não literal do texto fornecido, foi interessante constatar as opções pelos trechos apresentados e as diferentes interpretações produzidas pelos alunos a textos semelhantes.

Foram detetadas algumas dificuldades no campo da representação pois, alguns alunos ainda apresentavam alguma dificuldade em desenhar. Nestes casos, a professora cooperante e o mestrando, orientaram estes alunos para soluções alternativas, que envolviam outras metodologias e técnicas, como a fotografia e a colagem. Esta opção revelou-se válida, tendo estes alunos produzido trabalhos aceitáveis de um ponto de vista estético-formal como pode ser conferido pelo exemplo da figura 63.

Alguns alunos recuperaram técnicas adquiridas anteriormente, conforme verificado no exemplo da figura 56, em que o aluno utilizou os lápis de cera sobre tinta-da-china branca, para obter o efeito pretendido.

Outros alunos optaram pela utilização de materiais menos comuns (figura 52). A aluna utilizou recortes de folhas de acetato colorido e recorreu a alfinetes para afixá-las ao trabalho. Outra aluna utilizou balões verdadeiros, para juntar aos balões por ela representados. A tridimensionalidade continuou a ser explorada de forma subtil em alguns trabalhos como por exemplo o da figura 58, onde o aluno combina folhas amarrotadas com outras desenhadas na mesma superfície.

No final da proposta os únicos aspetos menos positivos, prendiam-se com a relação entre o texto impresso e a imagem produzida pelos alunos. Apesar de alertados para a manutenção de uma “coexistência pacífica” entre o texto e a imagem, alguns alunos forçaram essa fronteira, tornado a leitura dos textos difícil (figuras 54, 57 e 65).

Apesar da maioria dos trabalhos já apresentarem soluções técnicas e formais aceitáveis para o nível etário dos alunos, alguns demonstram ainda dificuldades no modo de representação. As figuras seguintes mostram os trabalhos finais dos alunos para a proposta IV.

Um dos grandes objetivos a alcançar com esta proposta foi o de preparar os alunos no sentido de ser evitada uma abordagem temática demasiado literal ou descritiva em relação ao texto interpretado. Este objetivo foi alcançado com êxito, pois todos os trabalhos complementam o texto de uma forma não literal e criativa.

De registar ainda as opções técnicas e os materiais utilizados nos trabalhos. Os alunos não hesitaram em experimentar uma grande diversidade de opções, recorrendo a

técnicas secas com lápis de cor, canetas de feltro e marcadores e técnicas húmidas como aguarela e guache. Em alguns trabalhos foi possível verificar também uma boa utilização da colagem e recurso a materiais tridimensionais.



Fig. 15 – Trabalho da aluna Carolina Figueira.

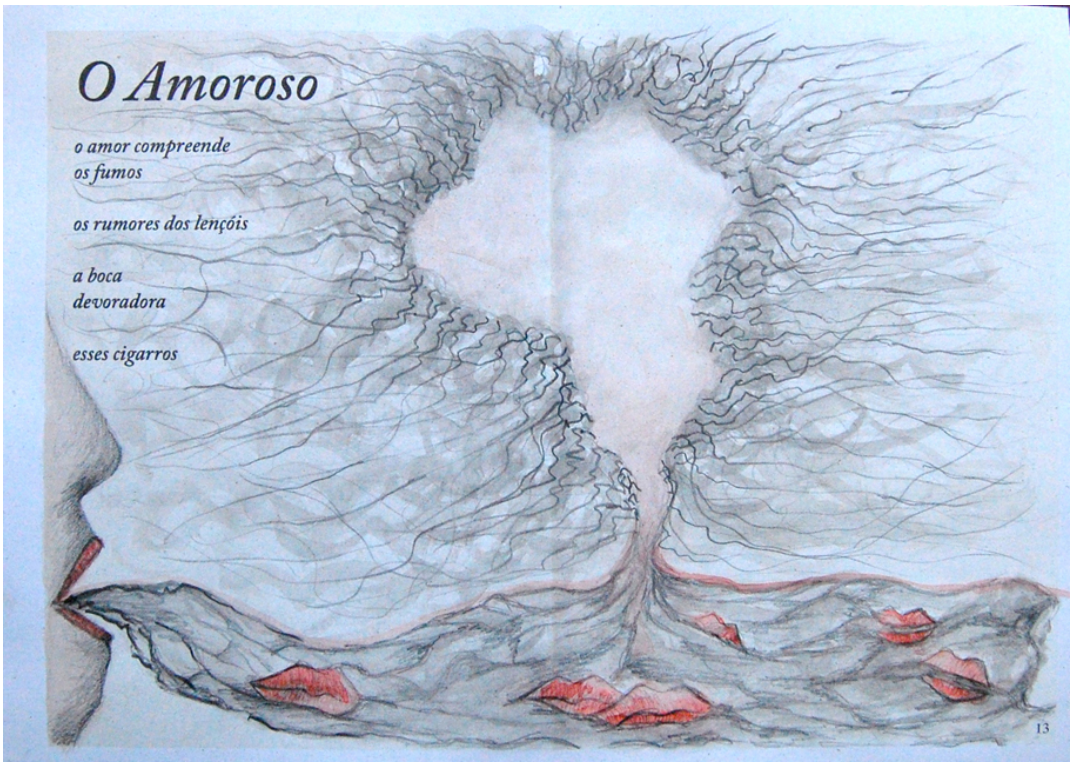


Fig. 16 – Trabalho da aluna Ana Cristina.



Fig. 17 – Trabalho da aluna Ana Filipa.



Fig. 18 – Trabalho da aluna Carla Patrícia.



Fig. 19 – Trabalho do aluno Celso Gouveia.



Fig. 20– Trabalho da aluna Jéssica Freitas.

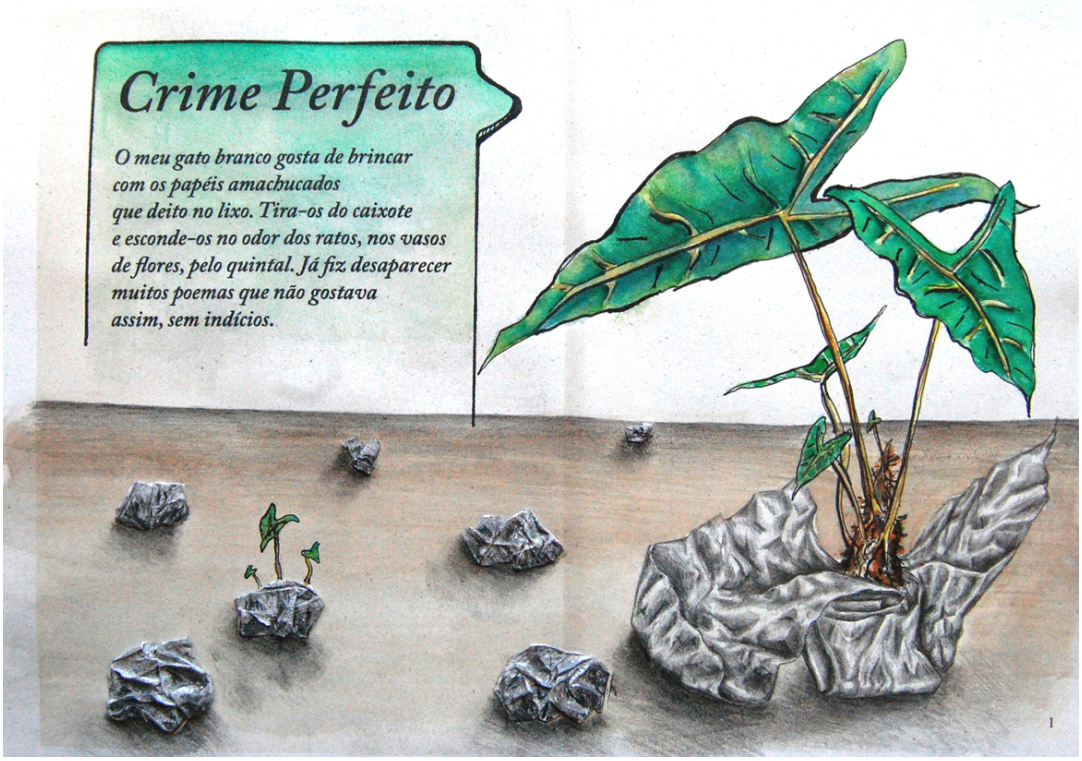


Fig. 21 – Trabalho do aluno Daniel Faria.



Fig. 22– Trabalho da aluna Jéssica Freitas.



Fig. 23 – Trabalho da aluna Joana Fernandes.



Fig. 24 – Trabalho do aluno Octávio Jesus.



Fig. 25 – Trabalho da aluna Laura Ferreira.



Fig. 26 – Trabalho do aluno Pedro Afonso.



Fig. 27 – Trabalho da aluna Sara Henriques.

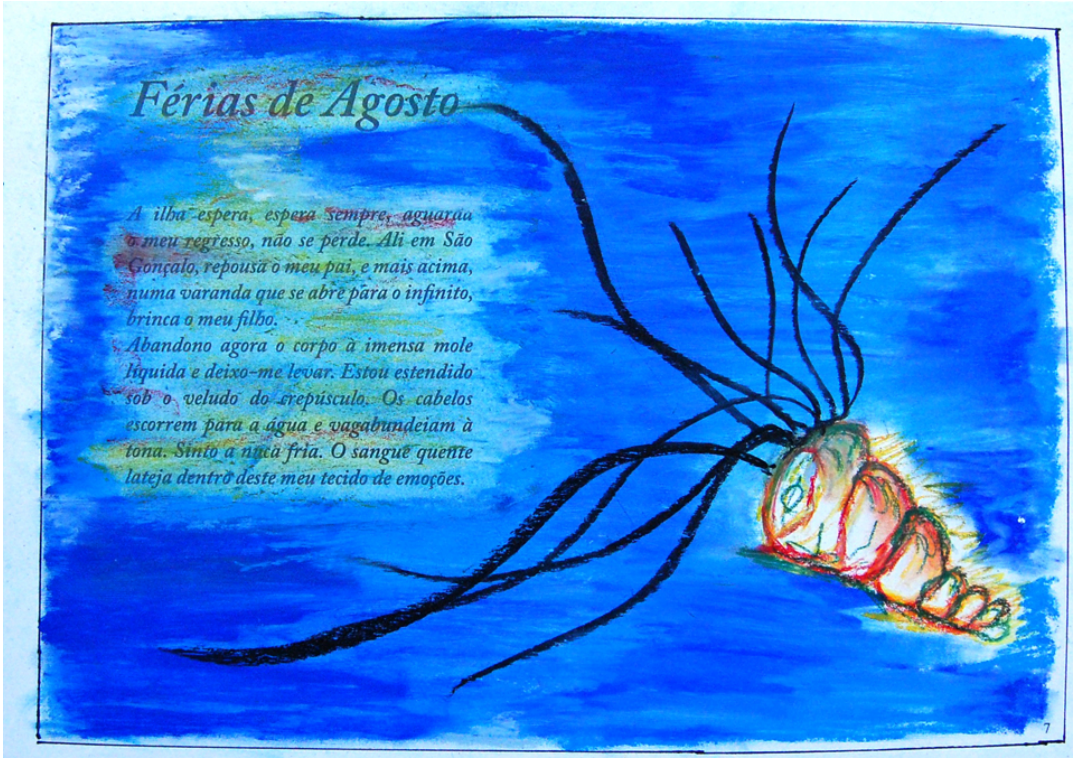


Fig. 28 – Trabalho do aluno Jorge Deus.

2.6. Atividades relacionadas com a proposta IV

2.6.1. Concurso da Câmara Municipal do Funchal (CMF)

No dia 14 de outubro de 2011, a Câmara Municipal do Funchal lançou um concurso literário e de ilustração em parceria com os clubes de leitura e departamentos de expressões de sete escolas do concelho do Funchal. Por se enquadrar no universo da proposta IV, sugerimos aos alunos a participação neste concurso.

Os alunos interessados, deveriam participar neste concurso como uma atividade extra-aula, selecionando um trecho para ser ilustrado, de uma das seguintes obras:

- *O rapaz do pijama às riscas* de John Boyne
- *Crónica de uma morte anunciada* de Gabriel Garcia Márques
- *Bichos* de Miguel Torga

Participaram dez alunos, sendo um deles premiado com o 3º lugar e a outro foi atribuída uma menção honrosa.

O trabalho que obteve o 3º lugar resultou de uma interpretação gráfica de um excerto da obra de Gabriel Garcia Márques, *Crónica de uma morte anunciada.* Já o trabalho ao qual foi atribuída uma menção honrosa resultou de uma interpretação de um trecho da obra de John Boyne, *O rapaz do pijama às riscas.*



Câmara do Funchal lança clube de leitura em sete escolas

Actualizado em 14 de Outubro, às 12:52

Marta Caires

A Câmara do Funchal lançou, esta manhã, o clube de leitura em colaboração com sete escolas do concelho. A ideia é promover o gosto pela leitura e, para isso, durante este período, os alunos terão três obras para desenvolver trabalhos de prosa e poesia ou ilustrações. 'Crónica de Uma Morte Anunciada', de Gabriel Garcia Márquez, 'O Rapaz do Pijama às Riscas' de John Boyne e 'Bichos' de Miguel Torga são as obras escolhidas.

Os trabalhos serão colocados a concurso - a autarquia promete bons prémios -, haverá uma exposição a 7 de Dezembro e uma tertúlia com os participantes. Miguel Albuquerque quer mais jovens a ler e diz que os livros e os autores escolhidos são bons e simples. Fátima Marques, coordenadora do projecto, explica que, no futuro, serão introduzidos autores portugueses e madeirenses como Helena Marques e Horácio Bento de Gouveia.

Etiquetas
clube de leitura, CMF

Ferramentas
Partilhar
Like
+1 0
Tweet 0
0

+a a -a

Interessante
Achou este artigo interessante?

Fig. 29 – Anúncio do concurso literário e de ilustração organizado pela CMF.



Fig. 30 – Trabalho da aluna Sara Henriques, vencedora do 3º prémio do concurso da CMF



Fig. 31 – Trabalho do aluno Daniel Faria, atribuição de uma mensão honrosa.

É determinante que os docentes possibilitem a participação em concursos relacionados com as artes e os divulguem junto dos seus alunos. Numa área que perde cada vez mais protagonismo, é fundamental aproveitar todas as oportunidades mediáticas para promover as escolas, os alunos e os docentes. Por vezes, até o concurso poderá ser enquadrado no âmbito das propostas em desenvolvimento (como aconteceu, neste caso).



Fig. 32 – Entrega de prémios na CMF.



Fig. 33 – Alunos vencedores e professora cooperante

2.6.2. Palestra "Encontro com a ilustração"

Com o objetivo de envolver toda a comunidade escolar interessada no temática da ilustração, e motivar os alunos para o prosseguimento de estudos nas áreas artísticas, o mestrando organizou a palestra "Encontro com a ilustração", que decorreu no dia 18 de janeiro de 2012, na sala de sessões da escola secundária Francisco Franco.

Foram convidados dois oradores:

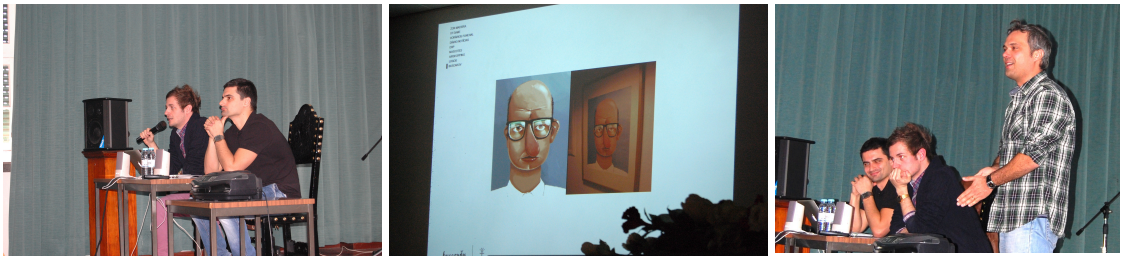
- Paulo Vieira - Designer e ilustrador
- Pedro Berenguer - Artista plástico e docente

A palestra foi bem acolhida pela comunidade escolar e diversas turmas marcaram presença.

Os oradores apresentaram os seus trabalhos, partilharam as suas experiências e, no fim da sessão, conversaram com os alunos, respondendo às questões que lhes foram sendo colocadas. A palestra foi moderada pelo mestrando.



Fig. 34 – Cartaz do evento.



Figuras 35, 36 e 37 – Fotografias do evento.

3. Unidade de trabalho VI

3.1. Sobre a unidade de trabalho VI

Manhattan Transfer, obra do escritor luso-descendente John Dos Passos, serviu de mote e inspiração aos alunos do 12º 13 para a realização de um exercício de ilustração, conjugação e interligação relacional entre texto e imagem, que culminou com diversas exposições.

A unidade de trabalho desenvolvida na disciplina de Oficina de Artes, permitiu que os alunos descobrissem a obra literária de John Dos Passos.

Após uma aula de apresentação sobre a biografia e obra (plástica e literária) do autor foi introduzida a obra de 1925, *Manhattan Transfer*.

Considerado por Jean-Paul Sartre como "o maior escritor do nosso tempo" (século XX), as técnicas cinematográficas introduzidas por John Dos Passos em *Manhattan Transfer* descrevem Nova Iorque de uma forma gráfica: o seu pulsar, o seu ambiente, o modo de vida dos seus habitantes, a forma como estes se movimentavam e interagiam numa cidade a três níveis: arranha-céus, solo e subsolo.

Maria do Carmo da Cunha Santos, estudiosa da obra de John Dos Passos, no prefácio de sua autoria para a versão portuguesa de *Manhattan Transfer* apresenta como exemplos destas técnicas cinematográficas os seguintes trechos:

> *" O rapaz sem pernas pára a meio do passeio na Rua Catorze… o rapaz sem pernas pára de repente, apoiado nos braços, no meio do passeio da Rua Catorze. Por entre as pernas que passam, pernas magras, pernas bamboleantes, pernas metidas em saias, em calças, calções, ali fica, completamente imóvel, apoiado nos dois braços, os olhos levantados (…) Ao entardecer, os eléctricos, vermes reluzentes, vão e vêm na teia de aranha das pontes afogadas em bruma. Os elevadores sobem e descem. As luzes do porto pestanejam. Como a seiva dos primeiros frios, homens e mulheres, às cinco horas, começam a escoar-se debaixo da terra. Durante a noite os edifícios erguem-se, tranquilos e vazios, os milhares de janelas apagadas…"* (Santos C.1998:11)

Depois de conhecidas vida e obra do autor, os alunos mergulharam na América dos anos 20, através de vários exercícios de pesquisa (obras, revistas, *websites, links*), como as suas referências a estudos realizados anteriormente na disciplina de História e Cultura das Artes, de forma a conhecer e entender *Manhattan Transfer*, possibilitando assim um exercício de ilustração que correspondesse à sua interpretação gráfico-pictórica do respectivo texto literário.

Após a escolha de um trecho da obra (ainda que sugeridos cinco pequenos trechos, os alunos eram livres de optar por outro, o que se verificou em alguns casos) cada um dos alunos começou a desenvolver a sua pesquisa caminhando para várias perguntas: Como seria Nova Iorque nos anos 20 e 30? Quais os seus espaços? E os seus cidadãos? Como viviam? Como se vestiam?

Colaborando no processo de pesquisa dos alunos, e de acordo com as suas questões e solicitações, os professores disponibilizaram imagens, filmes e música da época, abordaram a problemática dos "Loucos anos 20", do positivismo do "Sonho Americano", que antecedeu a década de 30, e a "Grande Depressão".

A Unidade de Trabalho exigia dois tipos de resposta no âmbito da ilustração: uma que versasse as Artes Plásticas, e outra o Design Gráfico.

Uma parceria estabelecida com a empresa Akiagato (formação em novas tecnologias) tornou possível dotar os alunos do 12º 13 de alguns conhecimentos dos *softwares* informáticos *Adobe Photoshop* e *Adobe Illustrator*, essenciais no desenvolvimento das propostas. Esta formação foi ministrada pelo mestrando, em várias sessões, sempre coincidentes com o horário de Oficinas de Arte, com a respectiva autorização dos Encarregados de Educação, conjugando, alternativamente, metade da turma em formação na empresa, desenvolvendo atividades para a resolução de exercícios de design gráfico, e a outra metade permanecia na escola desenvolvendo exercícios gráfico-pictóricos (plásticos).

Após algumas semanas de trabalho, começaram a surgir os primeiros resultados, visíveis nos esboços e trabalhos que evidenciavam um entendimento sobre o texto literário e que evocaram uma obra e uma época, mas ao mesmo tempo uma visão e interpretação muito pessoal, e atual, das diferentes problemáticas, essencialmente as que contornavam a crise de então.

Cada um dos alunos concluiu duas propostas e no final contaram-se trinta trabalhos que foram expostos na Galeria Francisco Franco, ao mesmo tempo que a vertente Design Gráfico era também exposta no Hotel Porto Mare, em conjunto com os trabalhos realizados pelos alunos da Escola da APEL.

Um grupo de alunos do 12º 13 esteve também presente na sessão de abertura do "V Simpósio John Dos Passos - A arte em John Dos Passos", realizado no dia 16 de janeiro, no Centro Cultural John Dos Passos. Este simpósio contou com dois grandes estudiosos do autor, o Professor Catedrático Mário Avelar, da Universidade Aberta, que abordou "A função da iconografia em *The Portugal History*" e a Professora doutora Lisa Nanney, da

North Carolina University, que apresentou “O escritor como pintor: A evolução de John Dos Passos como modernista visual e verbal”. A Madeira foi representada pelas Professoras doutoras Isabel Santa Clara e Margarida Falcão que divulgaram trabalhos realizados na UMa, com o título “Leituras Interartes a partir de John Dos Passos”; pela professora Graça Valério, docente da Escola da APEL que em parceria com a mestranda/estagiária Petra Rodrigues abordaram “O Espaço na Obra Artística de John Dos Passos” e pela professora cooperante e pelo mestrando, divulgando os propósitos metodológicos subjacentes ao desenvolvimento da ilustração da obra de John Dos Passos, em “*Manhattan Transfer* de John Dos Passos: Experiências no Exercício de uma Ilustração”.

Os alunos da Escola Francisco Franco tiveram ainda a oportunidade de dialogar diretamente com o Professor Catedrático Mário Avelar e com a Professora Doutora Lisa Nanney, numa sessão coorganizada com o grupo de inglês da escola, que teve lugar na Sala de Sessões no dia 17 de Janeiro, data em que os conferencistas visitaram a exposição alusiva à ilustração, tendo sido solicitada a reprodução dos trabalhos para serem usados em várias escolas nacionais e estrangeiras com o objectivo de sensibilizar os jovens à leitura da obra de John Dos Passos.

3.2. Planificação da unidade referente à Ilustração – Proposta VI

3.2.1. Integração no programa

Tendo em conta que algumas das competências a desenvolver no âmbito da abordagem do Módulo 3 passam pela representação bi e tridimensional e pelo desenvolvimento e concretização do projeto, será proposto aos alunos a interpretação de um texto de John Dos Passos que desta forma ganhará vida desde a obra literária até à bi e tri dimensionalidade.

No que concerne à apresentação do projeto realizado à comunidade, está planeada uma exposição no Centro Cultural John Dos Passos com o objetivo de divulgar os trabalhos produzidos pelos alunos.

O aspeto da interação escola-empresas, será assegurado através da deslocação dos alunos ao Atelier de Design e Formação, Akiagato Lda., onde serão ministrados aos alunos conceitos básicos de *Adobe Photoshop* e *Illustrator*.

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Introdução	5 min.		
Contextualizar a proposta como sendo uma atualização à proposta IV, e indicar que estará centrada num importante autor luso-descendente indicando que serão dados mais detalhes no final aquando da apresentação da proposta propriamente dita.			

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Sinopse sobre John Dos Passos	30 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor

- Quem foi?
- A sua importância como autor (literatura / pintura)
- Sinopse biográfica:

Local e data de nascimento

Interesses de juventude

Estudos

As viagens

A carreira militar

Vida adulta

A “Geração Perdida” - contactos com os grandes autores e pensadores da época

Data da morte

Legado artístico (literatura / pintura)

- Exibir linha de tempo ilustrada.

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Contextualização histórica das décadas de 20 e 30, do séc. XX	15 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Apresentação de 2 vídeos, com os seguintes conteúdos: O positivismo Americano pós 1ª Grande Guerra - 5 min A Grande Depressão 1929 - 8 min			

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Apresentação da proposta VI	20 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Apresentação proposta e esclarecimento de dúvidas.			

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Exemplos de trabalhos e de técnicas	15 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Dialogar com os alunos acerca da experiência obtida com a realização da proposta IV. Recolher depoimentos e impressões dos alunos e procurar elucidar acerca de novas possibilidades, técnicas e materiais.			

3.3. Apresentação da proposta VI (aula do dia 27 de outubro de 2011)

Esta aula teve por objetivo apresentar o autor John Dos Passos, a sua obra e contexto histórico da época. Para tal, o mestrando utilizou o método expositivo e inquisitivo, recorrendo a uma apresentação *powerpoint* (Anexo A5), onde foram abordados os grupos em que John Dos Passos esteve inserido e os vultos literários com quem conviveu. Durante a apresentação elucidou-se para a obra gráfica do autor pois, apesar de John Dos Passos ser imediatamente reconhecido como escritor, foi também um pintor muito ativo.

Tendo em conta o tipo de proposta, foi necessário fazer um enquadramento geográfico, mostrando onde está localizado Nova Iorque e Manhattan.

3.4. Proposta de trabalho VI

Mestrado em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Orientador Cooperante: Professora Rita Rodrigues
Orientador Científico: Professor Doutor Vítor Magalhães
Mestrando: Márcio Serrado Fernandes

Oficina de Artes 12º Ano | Turma 13ª | Ano Letivo 2011 /2012

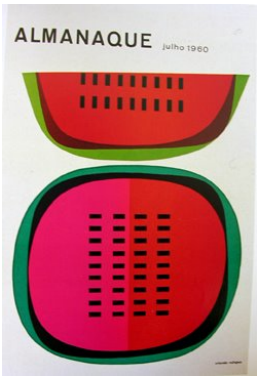
Integração no Programa de OFICINA DE ARTES:

Módulo 3 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto:
1 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto;
2 – Temas e graus de concretização do projeto;

Competências a desenvolver:

- Representar bidimensionalmente através de meios riscadores; Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação; Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual - Ilustração de um texto.

- Explorar a relação texto/imagem
- Desenvolver metodologias de concepção, planificação, projetação e execução de projetos nas áreas das artes plásticas e do design gráfico.
- Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais.
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto;
- Apresentar o projeto realizado à comunidade.



Sebastião Rodrigues
(1929-1997)
Capa da revista *Almanaque*
(julho 1960)



James Taylor (1977)
Mayday on Montserrat
Recortes 3d



Vladimir Dubossarsky & Alexander Vinogradov Art – acrílico
www.dubossarskyvinogradov.com/paintings2/index2008/art/

- Será facultado a cada aluno 5 excertos da obra *Manhattan Transfer* (1925) de John Dos Passos (1896/1970).
- Cada aluno deverá selecionar 1 dos 5 excertos da obra de John Dos Passos. O excerto escolhido deverá ser ilustrado tendo em conta a interpretação pessoal, decorrente da leitura atenta do texto.
- O aluno deverá apresentar 2 trabalhos finais considerando 2 tipologias:

A – Artes plásticas
B – Design gráfico

Considerações da tipologia A - ARTES PLÁSTICAS:

- Produção de uma ILUSTRAÇÃO BI OU TRIDIMENSIONAL, tendo em conta o texto escolhido.
- Considerar a relação TEXTO/IMAGEM.
- Utilizar instrumentos e materiais adequados e compatíveis com o suporte escolhido. (Ex: se pretende trabalhar sobre tela, poderá utilizar óleo, acrílico e/ou outros materiais compatíveis)
- Sugestões de suportes: papéis, cartões, telas, tecidos, madeiras.

O formato final deverá ter a dimensão mínima de um A2 e máxima de A1.

Considerações da tipologia B - DESIGN GRÁFICO

- Produção de uma ILUSTRAÇÃO BI OU TRIDIMENSIONAL, tendo em conta o texto escolhido e recorrendo a ferramentas informáticas.
- Considerar a relação TEXTO/IMAGEM.
- O formato final deverá ter a dimensão A3 e deverá ser entregue em formato digital pronto a imprimir e com as seguintes características: ficheiro jpg, formato A3 ao alto ou ao baixo, com 300 dpis.
- Software a utilizar: Adobe Photoshop e Adobe Illustrator.

Recursos a utilizar: Computador / scanner / câmara fotográfica.

Notas:

- O texto selecionado deverá ser utilizado em ambas as tipologias.
- Os alunos poderão utilizar os excertos facultados ou selecionarem outros excertos de qualquer obra literária do autor proposto.
- O aluno poderá interligar as duas propostas, utilizando recursos inerentes à tipologia A na tipologia B e vice-versa.
- A fim de serem introduzidos conhecimentos básicos dos programas *Adobe Photoshop* e *Adobe Illustrator* a turma será dividida em dois grupos (1 e 2): o grupo 1 terá duas aulas de 135 minutos no atelier de Design Akiagato situado na Rua 31 de Janeiro Nº 75 3º C no Funchal nos dias 2 e 16 de Novembro e o grupo 2 terá duas aulas de 135 mm no mesmo local mas nos dias 9 e 23 de Novembro, sendo necessário a autorização dos encarregados de educação.
- Os alunos devem observar as obras dos seguintes autores:

Sebastião Rodrigues: http://tipografos.net/portugal/sebastiao-rodrigues.html
James Taylor: http://www.debutart.com/illustration/james-taylor#/illustration
Vladimir Dubossarsky & Alexander Vinogradov*:* http://www.dubossarskyvinogradov.com

Serão enviados para o e-mail da turma, links, sobre obras e autores a fim de observarem e analisarem criticamente as várias modalidades de ilustração (suportes meios e técnicas; desenho quirográfico e digital).

Calendarização: 4 aulas de 135 minutos e 9 aulas de 90 minutos.

Avaliação das duas propostas (A e B): 7 de dezembro

Avaliação

Na avaliação serão tidos em consideração os seguintes critérios específicos:

- Criatividade na interpretação do texto.
- Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).

- Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos e Projeto final.
- Expressividade e qualidade de acabamento final.
- Capacidade de comunicar visualmente ideias - Ilustração
- Relacionar TEXTO/IMAGEM.
- Originalidade e expressividade.
- Adequação das ferramentas informáticas na realização dos estudos e projeto final.

3.4.1. Excertos da obra literária de John Dos Passos *Manhattan Transfer* (1925)

Excerto 1

"...Quando o barbeiro inclinou a cadeira para lhe fazer a barba quis esticar o pescoço como um cágado voltado sobre a carapaça. A espuma espalhava-se ensonada pelo seu rosto, fazia-lhe cócegas no nariz, cobria-lhe as orelhas. Afundou-se em colchões de penas feitos de espuma, espuma azul, negra, fendida pelo brilho distante da navalha, pelo brilho do enxadão entre nuvens de negro-azulada espuma. O velho estendido de costas no batatal, com a barba branca como espuma erguendo-se cheia de sangue. Cheias de sangue as peúgas, das bolhas nos calcanhares. As suas mãos abraçaram-se frias a calosas como as mãos de um morto debaixo da mortalha. Deixe-me cá levantar... Abriu os olhos..."

Excerto 2

"...O criado de bordo estava deitado de costas a olhar para as nuvens. Pairavam vindas de oeste, grandiosos edifícios sobrepostos com o sol a despenhar-se entre eles, brilhantes e brancos como papel de prata. Caminhava entre altas ruas brancas sobrepostas, na sua casaca de alto colarinho branco subia com imponência escadarias de papel de prata, largas, limpas, transpondo azuis portais entrava em átrios de mármore raiado onde o dinheiro sussurrava e retinia sobre amplas mesas de papel de prata, notas, moedas, ouro..."

Excerto 3

"MEU QUERIDO A tua pobre mãe ficou triste quando te pôs no comboio e voltou para os enormes quartos vazios do hotel. Sinto-me muito só sem ti, meu querido. Sabes o que fiz? Fui buscar os teus soldadinhos todos, aqueles que costumavam fazer o assalto a Port Arthur, e dispu-los em batalhões na estante da biblioteca. Não foi mesmo um disparate? Deixa lá, querido, o Natal está quase a chegar e eu vou ter o meu filho de volta..."

Excerto 4

"... Não imagina como um homem se sente só quando ano após ano teve de calcar dentro de si aquilo que sente. Quando era novo era diferente, mas o que se há-de fazer? Tive de ganhar dinheiro e abrir caminho pelo mundo. E lá fui andando ao após ano. Pela primeira vez fico contente por ter sido assim, por ter lutado e ter feito bom dinheiro, porque agora posso oferecer-lhe tudo. Percebe o que eu quero dizer?..."

Excerto 5

"... Ouviu-se um longo trovão retumbante. Começou a chover com força. Jimmy enterrou o chapéu na cabeça e levantou de um golpe a gola do casaco. Tinha vontade de correr e gritar filhos da mãe a plenos pulmões. Os relâmpagos fulgiam nas filas vigilantes de janelas mortas. Fervia a chuva nos passeios, de encontro às montras das lojas, nos degraus de grés castanho. Jimmy tinha os joelhos molhados, um fio de água vagaroso a descer-lhe pelas costas, cascatas frias a jorrar-lhe das mangas para os pulsos, comichões e formigueiro em todo o corpo. Atravessou Brooklyn a pé..."

3.4.2. Imagens fornecidas com a proposta de trabalho VI



Manhattan, New York City, in the summer of 1922



"Lunch atop a skyscraper" Rockefeller Center, 1932



Actors' strike, New York 1919



Municipal Building New York 1936

3.5. Formação em parceria com o Atelier de Design Akiagato

A proposta de trabalho VI solicitava aos alunos respostas em duas vertentes, artes plásticas e design gráfico. De modo a aferir acerca dos conhecimentos prévios dos alunos relativamente à utilização das ferramentas digitais que possibilitavam responder de forma satisfatório à tipologia B (design gráfico), foi estabelecida uma parceria com o Atelier de Design Akiagato, no sentido dos alunos frequentarem módulos de formação.

Não foi apresentada qualquer restrição aos *softwares* a utilizar. Os alunos tinham a liberdade de selecionar a ferramenta informática mais conveniente à elaboração da sua proposta. No entanto, a formação na empresa Akiagato, centrou-se, sobretudo, nas duas ferramentas mais utilizadas, quer por profissionais do design gráfico e ilustração, quer em ambiente académico: *Adobe Photoshop e Adobe illustrator* (versão CS4).

A turma foi dividida em dois grupos e a formação decorreu nos seguintes dias:

02 de Novembro - Grupo 1 - *Adobe Ilustrator*
09 de Novembro - Grupo 2 - *Adobe Ilustrator*
16 de Novembro - Grupo 1 - *Adobe Photoshop* (Aula assistida pelo orientador ciêntífico)
23 de Novembro - Grupo 2 - *Adobe Photoshop*

Para a deslocação dos alunos à empresa Akiagato, foi necessário obter a autorização, por escrito, dos respetivos encarregados de educação, respeitando o artigo 94º do regulamento interno da escola (Anexo A6).

Nos dias em que decorreu a formação (em horário de aula de oficinas), enquanto metade da turma participava na formação a outra metade estava em aula na Francisco Franco sob a orientação da professora cooperante.

3.5.1. Plano de Aula (Adobe Illustrator)

Dia 02 e 09 de Novembro de 2011	Duração: **135 minutos**	Nº de alunos: 7 alunos (divisão em 2 grupos)

DISCIPLINA/ÁREA CURRICULAR	**HORA**	**SALA**	**ANO**	**TURMA**
Oficina de Artes	13:30	Akiagato, Lda.	12º	13

CONTEXTUALIZAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA	Módulo 2 – Projeto Artístico

SUMÁRIO	Ponto de situação dos trabalhos decorrentes da resposta à proposta VI Exercício de composição gráfica utilizando o *Adobe Illustrator*

OBJETIVOS	- Desenvolver competências nos domínios da representação bi dimensional; - Explorar técnicas de representação; - Representar bi- dimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos; - Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais.

CONTEÚDOS	Módulo 1 - Área de Diagnóstico Materiais , suportes e instrumentos Técnicas de expressão e representação

ESTRATÉGIAS METODOLOGIAS	Diálogo com os alunos para verificar ponto de situação dos trabalhos referentes à proposta VI (design gráfico). Elaboração de um exercício diagnóstico no *Adobe Illustrator*, com o objetivo de aferir capacidades e preparar os alunos para o exercício seguinte que apresentará uma possibilidade de resposta à proposta VI, envolvendo materiais riscadores tradicionais e ferramentas informáticas.

RECURSOS	**Equipamentos:** Computador Projetor Impressora Scanner Máquina Fotográfica **Software:** Adobe Ilustrator **Recolha de imagens (Cidade de Nova Iorque nos anos 20):** Manhattan Coca-Cola

	Dick tracy Brooklyn Zeppelin Empire state building **Suportes:** Cartolina para impressora Papel Papel vegetal Tinta da china Grafite

APOIO **LINKS** **BIBLIOGRAFIA**	Sebastião Rodrigues Designer, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (catálogo) *Manhattan Transfer* - Queluz de Baixo: Presença, 2009, 411 p., trad. João Martins, ISBN 978-972-23-4122-6 JAMES TAYLOR: http://www.aoiportfolios.com/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=93

GUIÃO DAS ACTIVIDADES A REALIZAR	**Plano de aula dos dias 02 e 09 de Novembro.** *Componente explicativa teórica – C. 60 minutos* Ponto de situação dos trabalhados decorrentes da resposta à proposta VI. Debate sobres as opções que os alunos tomaram em resposta à proposta. Será elaborado um exercício diagnóstico com o objetivo de aferir o nível de desenvoltura dos alunos na utilização do *Adobe Illustrator*. Este exercício consistirá num exercício de vectorização do logótipo da Coca-Cola, partindo do princípio que caso os alunos consigam vectorizar um logótipo tão elaborado, deverão ser capazes de vectorizar qualquer imagem produzida e digitalizada por eles. *Desenvolvimento da componente teórico-prática – C. 75 minutos* Após o a conclusão do primeiro exercício, e, utilizado os ficheiros resultantes da digitalização de uma ilustração quirográfica produzida a grafite e tinta da china, serão apresentados aos alunos diferentes métodos de vectorização que poderão ser utilizados para compor uma ilustração vectorial final em formato A3, tal como lhes é solicitado na proposta VI. Durante o processo, os alunos serão elucidados para os seguintes aspetos: composição, combinação de cores, enquadramento e perspetiva.

3.5.2. Plano de Aula (Adobe Photoshop)

Dia 16 e 23 de novembro de 2011	Duração: **135 minutos**	Nº de alunos: **7 alunos** (a turma dividida em 2 grupos)

DISCIPLINA **ÁREA CURRICULAR**	**HORA**	**SALA**	**ANO**	**TURMA**
Oficina de Artes	13:30	Akiagato, Lda.	12º	13

CONTEXTUALIZAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA	Módulo 2 – Projeto Artístico

SUMÁRIO	Ponto de situação dos trabalhados decorrentes da resposta à proposta VI Exercício diagnóstico *(Photoshop)* Exercício de composição gráfica utilizando o *Photoshop*

OBJETIVOS	- Desenvolver competências nos domínios da representação bi e tridimensional; - Explorar técnicas de representação; - Representar bi- e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos; - Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais;

CONTEÚDOS	Módulo 1 - Área de Diagnóstico Materiais , suportes e instrumentos Técnicas de expressão e representação

ESTRATÉGIAS **METODOLOGIAS**	Diálogo com os alunos para verificar ponto de situação dos trabalhos referentes à proposta VI (design gráfico). Elaboração de um exercício diagnóstico sobre *Photoshop*, com o objetivo de aferir capacidades e preparar os alunos para o exercício seguinte que apresentará uma possibilidade de resposta à proposta VI, envolvendo materiais riscadores tradicionais e ferramentas informáticas.

RECURSOS	**Equipamentos:** Computador Projetor Impressora Scanner Máquina fotográfica **Software:** *Adobe Photoshop* Internet +Google **Recolha de imagens** **(cidade de Nova Iorque nos anos 20):** Manhattan Dick tracy Brooklyn Zeppelin Empire state building	**Materiais utilizados:** Lápis de grafite Pincéis Tinta da China Cartão / Cartolina Tesoura X-ato Cola UHU **Suportes:** Papel vegetal Papel regular Cartolina

MATERIAL DE APOIO DIDÁTICO	*Manhattan Transfer* - Queluz de Baixo: Presença, 2009, 411 p., trad. João Martins, ISBN 978-972-23-4122-6 James Taylor: http://www.aoiportfolios.com/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=93 http://www.debutart.com/illustration/james-taylor/the-power-of-glee-billboard-magazine#/illustration-portfolio http://www.debutart.com/illustration/james-taylor/aubin-wills-almanac-spring-2010#/illustration-portfolio

GUIÃO DAS ACTIVIDADES A REALIZAR	**Plano de aula dos dias 16 e 23 de Novembro.** Componente explicativa teórica – *C. 60 minutos* - Ponto de situação dos trabalhados decorrentes da resposta à proposta VI. Pequeno debate sobres as opções que os alunos tomaram em resposta à proposta. - Elaboração de exercício diagnóstico com o objetivo de aferir o nível de desenvoltura dos alunos na utilização do Photoshop. Este exercício consistirá na edição de diversas imagens no Photoshop que resultará numa composição única. Nesta imagem única, dever-se-á observar uma sala, com uma parede, em que os alunos deverão colocar molduras e, posteriormente, Fotografias nessas molduras. O objectivo será verificar se os alunos são capaz de trabalhar com diversos *camadas* dentro do Photoshop e de aplicar ajustes e transformações aos mesmos de uma forma não destrutiva. *- Desenvolvimento da* componente teórico-prática – *C. 75 minutos* Após finalização do primeiro exercício e, utilizando os ficheiros resultantes de uma pesquisa acerca da cidade de Manhattan em 1925, será apresentada uma possibilidade de método de trabalho no sentido de elucidar para as potencialidades das ferramentas informáticas utilizadas a par com os instrumentos quirográficos. - Será apresentado um segundo exercício de composição de imagens, utilizando os elementos recolhidos na pesquisa de imagens referida acima. Os alunos deverão utilizar

	os conhecimentos utilizados no exercício anterior para elaborar uma composição, utilizando os ficheiros fornecidos (resultantes da pesquisa acerca de cidade de Manhattan em 1925). O objetivo é de prepará-los de forma a que consigam planear uma composição no *Photoshop,* que poderá ser produzida em tridimensionalmente (papel e cartão). - A composição em papel e cartão não será efectuada nesta sessão, mas, será apresentado um exemplo de um trabalho final. - Por fim, será demonstrado, como, se pode obter uma ilustração final em formato A3 a partir de uma foto da composição em cartão e papel. - Durante o processo, os alunos serão esclarecidos acerca dos seguintes aspetos: composição, combinação de cores, enquadramento e perspectiva.

3.5.3. Sobre a formação no atelier de design Akiagato

Todos os alunos do 12º 13 participaram na formação, mostrando-se entusiasmados pelo contacto com um espaço de trabalho onde eram desenvolvidos projetos de design e com os equipamentos informáticos.

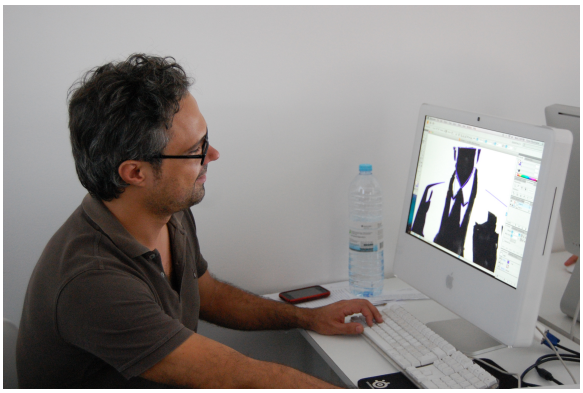
Os alunos já possuiam alguns conhecimentos das ferramentas informáticas, por iniciativa própria e sobretudo devido à disciplida de Oficinas Multimédia. No entanto, esta curta formação, centrou-se na demonstração de funções específicas e necessárias à resolução da proposta.

Processos como: a digitalização de estudos quirográficos, o tratamento básico de imagens, a manipulação de camadas e a vetorização, tinham de ficar bem esclarecidos, quer para a boa execução da proposta VI, quer para utilização em projetos futuros.




Figuras 38, 39 – Formação no Atelier de Design Akiagato.





Figuras 40 e 41 – Formação no Atelier de Design Akiagato.

3.5.4. Avaliação feita pelos alunos à formação

Terminadas as sessões de formação fora da escola, foram distribuídas aos alunos fichas de avaliação da formação (Anexo A7).

Atendendo à informação recolhida, os alunos mostraram-se satisfeitos com a experiência, indicando que as horas de formação contribuíram para o desenvolvimento dos seus projetos, na vertente digital. Referiram ainda a importância que esta experiência terá, de futuro, na concepção dos próximos projetos.

3.6. Sobre as aulas na escola secundária Francisco Franco

Após a formação na Akiagato, o mestrando acompanhou todas as sessões relacionadas com esta proposta, em conjunto com a professora cooperante, na escola secundária Francisco Franco. As aulas decorreram com normalidade, com os docentes a acompanharem a evolução dos trabalhos produzidos pelos alunos, e foi interessante constatar o impacto que as 4 sessões de formação na Akiagato produziram nos trabalhos dos alunos. Resultou num aproximar da tecnologia às técnicas que estes já estavam habituados a explorar. Muitos dos alunos começaram a trabalhar com o seu computador portátil no estirador, juntamente com os lápis de cor, os guaches e as aguarelas.

O facto de não existir uma impressora nas salas de oficinas não foi impedimento, pois os alunos imprimiam os elementos que precisavam na reprografia da escola, e aplicavam-nos seguidamente nos seus trabalhos.

Outro momento a destacar foi o da montagem da exposição na galeria Francisco Franco.

Os alunos foram organizados por grupos, e, enquanto uns procediam à montagem dos trabalhos, a expor na galeria, sob supervisão da professora cooperante, outro grupo desenvolvia os cartazes, *e-flyers* e convites, com a ajuda do mestrando.

Os alunos mostraram-se motivados por expor os seus trabalhos, preparando todo o espaço da galeria, nos mais diversos aspetos, desde a limpeza até à reparação e pintura dos placards onde os trabalhos foram afixados.



Fig. 42 – Aula de Oficina de Artes.



Fig. 43 – Aula de Oficina de Artes.



Fig. 44 – Aula de Oficina de Artes.



Fig. 45 – Aula de Oficina de Artes.

3.7. Trabalhos finais relativos à Proposta VI

Aluno(a): Ana Carolina

Excerto escolhido:

> *"... Onze horas. Haviam de estar justamente a sair dos espetáculos, os homens de casaca, as mulheres de vestido decotado; os homens voltavam para casa para as mulheres e para as amantes; a cidade ia para a cama..."*

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Ana Cristina

Excerto escolhido:

> *"... imagina como um homem se sente só quando ano após ano teve de calcar dentro de si aquilo que sente. Quando era mais novo era diferente, mas o que se há-de fazer? Tive de ganhar dinheiro e abrir caminho pelo mundo. E lá fui andando ao após ano. Pela primeira vez fico contente por ter sido assim, por ter lutado e ter feito bom dinheiro, porque agora posso oferecer-lhe tudo. Percebe o que eu quero dizer?..."*

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Carla Patrícia

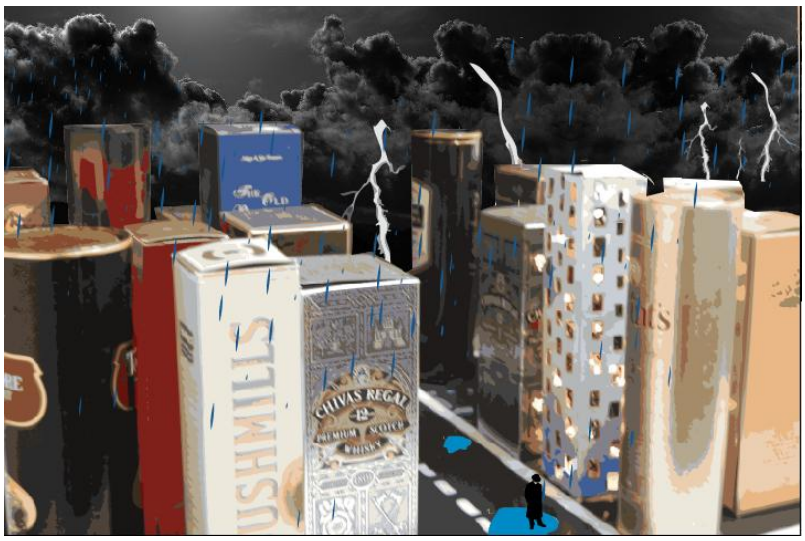
Excerto escolhido:

"... Ouviu-se um longo trovão retumbante. Começou a chover com força. Jimmy enterrou o chapéu na cabeça e levantou de um golpe a gola do casaco. Tinha vontade de correr e gritar filhos da mãe a plenos pulmões. Os relâmpagos fulgiam nas filas vigilantes de janelas mortas. Fervia a chuva nos passeios, de encontro às montras das lojas, nos degraus de grés castanho. Jimmy tinha os joelhos molhados, um fio de água vagaroso a descer-lhe pelas costas, cascatas frias a jorrar-lhe das mangas para os pulsos, comichões e formigueiro em todo o corpo. Atravessou Brooklyn a pé..."

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico

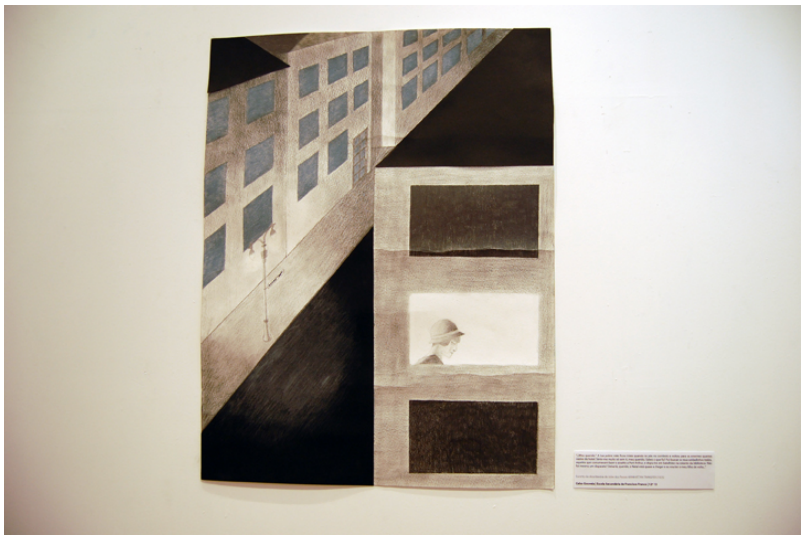


Aluno(a): Celso Gouveia

Excerto escolhido:

"...Meu querido " A tua pobre mãe ficou triste quando te pôs no comboio e voltou para os enormes quartos vazios do hotel. Sinto-me muito só sem ti, meu querido. Sabes o que fiz? Fui buscar os teus soldadinhos todos, aqueles que costumavam fazer o assalto a Port Arthur, e dispu-los em batalhões na estante da biblioteca. Não foi mesmo um disparate? Deixa lá, querido, o Natal está quase a chegar e eu vou ter o meu filho de volta..."

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico

O aluno não entregou o trabalho referente à tipologia B – Design Gráfico

Aluno(a): Cláudia Vieira

Excerto escolhido:

> *"... Ouviu-se um longo trovão retumbante. Começou a chover com força. Jimmy enterrou o chapéu na cabeça e levantou de um golpe a gola do casaco. Tinha vontade de correr e gritar filhos da mãe a plenos pulmões. Os relâmpagos fulgiam nas filas vigilantes de janelas mortas. Fervia a chuva nos passeios, de encontro às montras das lojas, nos degraus de grés castanho. Jimmy tinha os joelhos molhados, um fio de água vagaroso a descer-lhe pelas costas, cascatas frias a jorrar-lhe das mangas para os pulsos, comichões e formigueiro em todo o corpo. Atravessou Brooklyn a pé..."*

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Daniel Faria

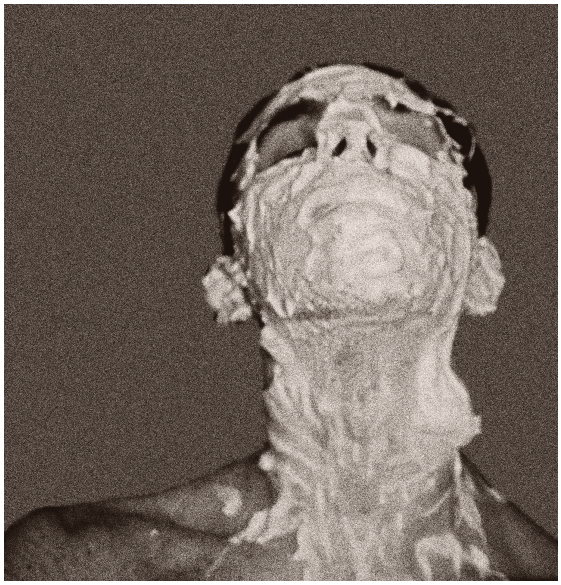
Excerto escolhido:

"...Quando o barbeiro inclinou a cadeira para lhe fazer a barba quis esticar o pescoço como um cágado voltado sobre a carapaça. A espuma espalhava-se ensonada pelo seu rosto, fazia-lhe cócegas no nariz, cobria-lhe as orelhas. Afundou-se em colchões de penas feitos de espuma, espuma azul, negra, fendida pelo brilho distante da navalha, pelo brilho do enxadão entre nuvens de negro-azulada espuma. O velho estendido de costas no batatal, com a barba branca como espuma erguendo-se cheia de sangue. Cheias de sangue as peúgas, das bolhas nos calcanhares. As suas mãos abraçaram-se frias a calosas como as mãos de um morto debaixo da mortalha. Deixe-me cá levantar... Abriu os olhos..."

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Jéssica Freitas

Excerto escolhido:

> *"...O criado de bordo estava deitado de costas a olhar para as nuvens. Pairavam vindas de oeste, grandiosos edifícios sobrepostos com o sol a despenhar-se entre eles, brilhantes e brancos como papel de prata. Caminhava entre altas ruas brancas sobrepostas, na sua casaca de alto colarinho branco subia com imponência escadarias de papel de prata, largas, limpas, transpondo azuis portais entrava em átrios de mármore raiado onde o dinheiro sussurrava e retinia sobre amplas mesas de papel de prata, notas, moedas, ouro..."*

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Joana Fernandes

Excerto escolhido:

> *"...Estendeu uma toalha sobre os vestidos, e por cima amontoou escovas, um espelho, chinelos, camisas e, caixas de pó-de arroz. Em seguida fechou a mala brutamente, trancou-a e guardou a chave na bolsa achatada de pele de crocodilo..."*

Trabalho tipologia A - Artes Plásticas



Trabalho tipologia B – Design Gráfico



Aluno(a): Octávio Jesus

Excerto escolhido:

"...Meu querido " A tua pobre mãe ficou triste quando te pôs no comboio e voltou para os enormes quartos vazios do hotel. Sinto-me muito só sem ti, meu querido. Sabes o que fiz? Fui buscar os teus soldadinhos todos, aqueles que costumavam fazer o assalto a Port Arthur, e dispu-los em batalhões na estante da biblioteca. Não foi mesmo um disparate? Deixa lá, querido, o Natal está quase a chegar e eu vou ter o meu filho de volta..."

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



Aluno(a): Laura Ferreira

Excerto escolhido:

> *"... Ouviu-se um longo trovão retumbante. Começou a chover com força. Jimmy enterrou o chapéu na cabeça e levantou de um golpe a gola do casaco. Tinha vontade de correr e gritar filhos da mãe a plenos pulmões. Os relâmpagos fulgiam nas filas vigilantes de janelas mortas. Fervia a chuva nos passeios, de encontro às montras das lojas, nos degraus de grés castanho. Jimmy tinha os joelhos molhados, um fio de água vagaroso a descer-lhe pelas costas, cascatas frias a jorrar-lhe das mangas para os pulsos, comichões e formigueiro em todo o corpo. Atravessou Brooklyn a pé..."*

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



Aluno(a): Carolina Vieira

Excerto escolhido:

> *"...Na sala onde estava o piano a carpete era grossa e musgosa, o papel de parede amarelo com rosas e prateado brilho entre os painéis de madeira creme e molduras douradas dos quadros a óleo com bosques e pessoas numa gôndola e um cardeal gordo a beber. Maissie lançou as tranças para trás dos ombros ao saltar do banquinho do piano..."*

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



Aluno(a): Pedro Afonso

Excerto escolhido:

> *"... Ouviu-se um longo trovão retumbante. Começou a chover com força. Jimmy enterrou o chapéu na cabeça e levantou de um golpe a gola do casaco. Tinha vontade de correr e gritar filhos da mãe a plenos pulmões. Os relâmpagos fulgiam nas filas vigilantes de janelas mortas. Fervia a chuva nos passeios, de encontro às montras das lojas, nos degraus de grés castanho. Jimmy tinha os joelhos molhados, um fio de água vagaroso a descer-lhe pelas costas, cascatas frias a jorrar-lhe das mangas para os pulsos, comichões e formigueiro em todo o corpo. Atravessou Brooklyn a pé..."*

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



Aluno(a): Sara Henriques

Excerto escolhido:

"...O braço de Jimmy parecia gesso quando o passou à volta de Ellen para dançar. Altos muros cor de cinza fenderam-se em mil brechas dentro dele. Levantou voo como um balão de ar quente sob o impulso do cheiro dos cabelos dela.
- Ponha-se em pontas de pés e avance ao ritmo da música…O truque é andar em linha recta.
– A voz dela trespassou-lhe a medula com frieza de um serrote flexível e aguçado de metal. Cotovelos a abanar, rostos hirtos, olhos de aparição, homens gordos mulheres magras, mulheres magras homens gordos rodopiavam densamente em seu redor. Jimmy era gesso a esboroar-se com qualquer coisa dolorosa a chocalhar-lhe no peito, ela uma maquina intrincada feita de aço de que se fazem as lâminas dos serrotes brilho-branco brilho-azul brilho-cobre nos seus braços. Quando pararam colou-se e ele o seio o flanco a coxa dela. Jimmy encheu-se de um súbito sangue a fumegar de suor como um cavalo sem freio..."

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



Aluno(a): Jorge Deus

Excerto escolhido:

"...O criado de bordo estava deitado de costas a olhar para as nuvens. Pairavam vindas de oeste, grandiosos edifícios sobrepostos com o sol a despenhar-se entre eles, brilhantes e brancos como papel de prata. Caminhava entre altas ruas brancas sobrepostas, na sua casaca de alto colarinho branco subia com imponência escadarias de papel de prata, largas, limpas, transpondo azuis portais entrava em átrios de mármore raiado onde o dinheiro sussurrava e retinia sobre amplas mesas de papel de prata, notas, moedas, ouro..."

Trabalho tipologia A

Artes Plásticas



Trabalho tipologia B

Design Gráfico



3.8. Avaliação da unidade de trabalho VI

O quadro seguinte apresenta a avaliação da unidade de trabalho VI. Os parâmetros de avaliação centraram-se nos estudos e projetos finais das tipologias A e B, bem como no interesse e participação dos alunos.

Escola Secundária de Francisco Franco

Mestrado em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Orientador Cooperante: Professora Rita Rodrigues
Orientador Científico: Professor Doutor Vítor Magalhães
Mestrando: Márcio Serrado Fernandes

Oficina de Artes 12º Ano | Turma 13ª | Ano Letivo 2011 /2012

Aluno	VI/A			VI/B			Participação
	Estudos	Experiências	Final	Estudos	Experiências	Final	
2-Ana Carolina	Bom-	Bom+	16	Suf	Bom	14	Bom
3-Ana Cristina	Bom+	Bom+	16	Bom+	Bom+	16	MBom
4-Ana Filipa	Bom-	Bom+	15	Bom-	Bom	15	Bom
6-Carla Patrícia	Bom-	Bom+	16	Bom	Bom+	15	Bom+
7-Celso Correia	Insuf	Bom	12	Insuf	Suf+	12	Bom+
8-Cláudia Isabel	Bom+	Bom+	16	Bom	Bom+	15	Bom
9-Daniel Faria	MBom	MBom	18	Bom	Bom+	15	MBom
12-Jéssica Liliana	Bom+	Mbom	17	Bom+	Bom+	16	Bom+
13-Joana Patrícia	Bom	Bom	14	Bom+	Bom+	16	Bom
15-José Octávio	Suf-	Bom+	14	Bom	Bom	14	MBom
16-Laura Cristina	MBom	MBom	18	Bom+	Bom+	17	Bom
17-Leonícia Carolina	Suf	Suf+	13	Insuf	Suf	11	Bom
18-Pedro F. Afonso	Bom	Bom+	15	Bom	Bom	15	MBom
19-Sara Henriques	MBom	MBom	18	Bom+	Bom+	16	MBom
20-Jorge Fernandes	Bom-	Bom-	14	Insuf	Bom	12	MBom

A conclusão da Unidade de Trabalho ocorreu no 2º. período, a 16 de Janeiro, com participação no Simpósio John do Passos (Ponta do Sol) e exposição na Galeria Francisco Franco, daí haver um segundo momento de avaliação incidindo na continuação das experiências e produto final, incluindo a montagem e exposição.

Critérios de avaliação específicos - VI/A/B Unidade de Trabalho:

Criatividade na interpretação do texto.

Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).

Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos e projecto final.

Expressividade e qualidade de acabamento final.

Capacidade de comunicar visualmente ideias - Ilustração

Relacionar TEXTO/IMAGEM.

Originalidade e expressividade.

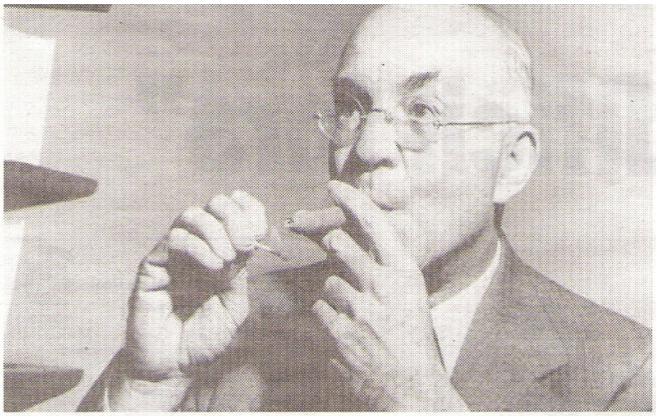
Adequação das ferramentas informáticas na realização dos estudos e projeto final.

3.9. Atividades extra-aula, relacionadas com a unidade de trabalho VI

3.9.1 Simpósio John Dos Passos 16 de janeiro de 2012

O mestrando e a professora cooperante fizeram parte dos oradores convidados para o simpósio que se realizou no Centro Cultural John Dos Passos.

A concepção dos suportes de comunicação relativos ao evento, como cartazes, *e-flyers*, *flyers* e *roll up*, ficaram a cargo do mestrando.



O simpósio dedicado a John Dos Passos inclui um programa para as escolas.

Simpósio celebra dia 16 John Dos Passos

O Centro Cultural John Dos Passos promove o seu quinto simpósio 'A Arte em John Dos Passos', uma iniciativa que celebra a obra deste escritor, às 9h30, na próxima segunda-feira. No dia seguinte, às 19 horas, é inaugurada uma exposição alusiva a este mesmo tema no Hotel Porto Mare.

Os trabalhos na Ponta do Sol começam com Mário Avelar a abordar 'A Função da Iconografia em 'The Portugal Story'. Lisa Nanney apresenta 'O Escritor Como Pintor: A Evolução de John Dos Passos Como Modernista Visual e Verbal'.

Margarida Falcão e Isabel Santa Clara tomam a palavra depois para falar de 'Leituras Itinertantes a Partir de John Dos Passos'. O programa tem ainda espaço para 'Manhattan Transfer de John Dos Passos: Experiências no Exercício de Uma Ilustração', por Rita Rodrigues e Márcio Serrado, e para Graça Valério e Petra Rodrigues abordarem 'O Espaço na Obra Artística de John Dos Passos'.

Às 16 horas, já na Universidade da Madeira, Mário Avelar e Lisa Nanney participam numa exposição/conferência.

A exposição no Porto Mare, na terça, tem a participação das escolas da APEL e Franscico Franco. **P.H.**

Fig. 46 – Artigo do diário de Notícias da Madeira publicado no dia 15 de Janeiro de 2012.

O simpósio “A Arte em John Dos Passos”, foi relativamente divulgado a nível regional. Houve divulgação nos mais diversos meios de comunicação, desde os *websites* de imprensa e divulgação cultural, aos próprios jornais e revistas impressos. A figura 82 mostra a notícia publicada no dia 15 de janeiro de 2012 no Diário de Notícias, anunciando o evento (Anexo A8).





Figuras 47 e 48 – Cartaz para promoção do simpósio e foto do evento.

3.9.2. Exposição *Manhattan Transfer* na escola secundária Francisco Franco

Entre os dias 17 e 25 de Janeiro de 2012, ficou patente na galeria da escola secundária Francisco Franco a exposição *Manhattan Transfer* onde foram exibidos os trabalhos dos alunos realizados no âmbito da proposta VI.



Fig. 49 - Professora Doutora Lisa Nanney, estudiosa de literatura americana.



Fig. 50 – Alunos convidados da escola da APEL.

A abertura da exposição contou com a presença dos membros do Conselho Diretivo da escola, com os alunos e professores do grupo 600 da escola secundária Francisco Franco e da escola da APEL



Fig. 51 – Alunos convidados da escola da APEL.



Fig. 52 - Professor Catedrático Mário Avelar (de perfil).

A exposição foi visitada pelo Professor Mário Avelar, pela Professora doutora Lisa Nanney, e pela Dra. Susana Caldeira, responsável pelo centro cultural John Dos Passos.



Fig. 53 - Mestrando e Jornalista do Jornal da Madeira.



Fig. 54 - Prof. Doutora Lisa Nanney e Dra. Susana Caldeira, responsável pelo C.C. John Dos Passos.

3.9.3. Exposição *Manhattan Transfer* no Hotel Porto Mare

Ainda no dia 17 de janeiro de 2012 no Hotel Porto Mare, foi inaugurada uma exposição conjunta das escolas Francisco Franco e da APEL, relacionada com a temática de John Dos Passos. O facto dos alunos do 12º 13 terem uma vertente da resposta no formato digital, fez com que fosse possível expor em dois espaços simultaneamente.



Fig. 55 - Trabalhos digitais do 12º13.



Fig. 56 - Aluna do 12º 13 fala sobre o seu trabalho.

3.9.4. Exposição *Manhattan Transfer* no Centro Cultural John Dos Passos, em parceria com a escola da APEL .

Os trabalhos que estavam expostos no Hotel Porto Mare foram levados ao Centro Cultural John Dos Passos, na Ponta do Sol, aos quais se juntaram os trabalhos da tipologia A (Artes plásticas) que se encontravam expostos na escola Francisco Franco, para desta forma organizar mais uma mostra conjunta entre escolas (patente de 9 a 30 de março de 2012).

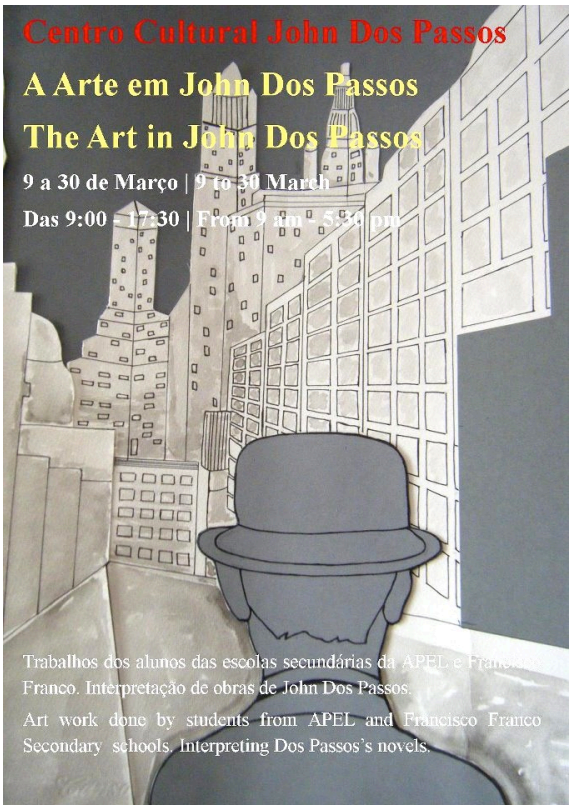


Fig. 57 - Cartaz do evento



Fig. 58 - Trabalho de uma aluna do 12º13

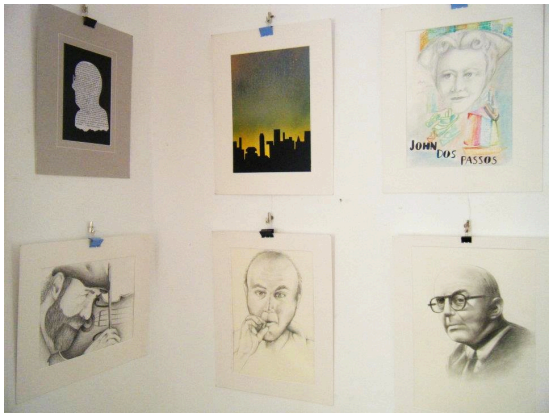


Fig. 59 -Trabalhos de alunos da escola da APEL

3.9.5. Exposição «Mostra sff»

Os trabalhos do 12º 13 foram ainda expostos de 27 de abril a 4 de junho de 2012, na mostra coletiva, "Mostra sff" (Casa da Cultura de Santana), que congregou trabalhos dos alunos do grupo 600 da escola secundária Francisco Franco dos 10º e 12º anos.



Fig. 60 - Exposição *"Mostra sff"*, em Santana.



Fig. 61 – Exposição "Mostra sff", em Santana.

Os alunos e professores da escola secundária Francisco Franco tiveram a oportunidade de estar presentes na abertura da exposição na Casa da Cultura da Santana.



Fig. 62 - Exposição "*Mostra sff"*, em Santana.



Fig. 63 - Exposição *"Mostra sff"*, em Santana.

3.10. Nota final acerca da unidade de trabalho VI

No final deste percurso, é oportuno referir a mais valia que esta proposta teve para o mestrando e para a professora cooperante, mas especialmente para os alunos, que tiveram a oportunidade de, durante o seu percurso escolar e inserido no currículo, criar trabalhos que depois viriam ser expostos à comunidade, de forma aberta e multidisciplinar.

A destacar ainda o aspeto interartes deste projeto que fez com que as artes plásticas contactassem com a literatura e vice-versa. Tratou-se de uma forma eficaz de dar a conhecer a obra de um autor luso-descendente, e por outro lado de mostrar à sociedade o trabalho que é desenvolvido nas escolas.

Este projeto conjunto, mereceu o reconhecimento de todos os envolvidos, desde a sociedade aos estudiosos do autor John Dos Passos. É com orgulho que se revela a nota

enviada pela Professora Doutora Lisa Nanney, professora de literatura americana, especializada na temática do escritor John Dos Passos.

"Dear Isabel, Gracia, Tania, Tania, Petra, Rita, and Marcio,
I appreciate so much all your work in compiling the materials you used and your students produced in the work you did on Dos Passos before the Symposium. It was gracious of you to take the time to convey these materials in this presentation to me at such a busy time of the academic year. You have organized it most helpfully and the images are clear and thorough. Thank you also for including your assignments and the narrative about the results of the unit on the remainder of your academic year. All of these things will be useful in creating a presentation for the Teaching Dos Passos session on May 24 at the American Literature Association conference.

Meeting you all was such a pleasure, and the work you did and are doing with your students is innovative, intellectually challenging and rigorous, and clearly involves the students' in multi-disciplinary ways to which they respond creatively. When I have a draft of my talk, I will send it to you all to make sure I am communicating clearly the scope and effect of your work and your students'. Please notify me and forgive me if I have omitted from this message anyone else who contributed to this project.

If I can ever be of assistance to you in any way, please contact me. If you ever visit the U.S. and find yourself in the southeast, please visit me in my home town, Asheville, North Carolina, and so that I may extend to you the same warm welcome you gave me in Madeira.
All the best, Lisa"

PARTE II - ESTUDO DE CASO INTEGRADO NA PROPOSTA DE TRABALHO IX – DIÁRIO GRÁFICO

1.1. O que é o Diário Gráfico?

Na realidade tratam-se de cadernos comuns, o que lhes atribui valor e designação, é o tipo de atividade que neles decorre, sendo claro que no meio académico das artes as denominações mais frequentes são: Diário Gráfico ou caderno de esboços. Em outras áreas do conhecimento estes cadernos podem ter outras denominações: "caderno de campo", nas áreas ligadas à biologia e à geologia; "diário literário", nas áreas ligadas às letras.

O termo "diário de viagem" surge em força na obra de Eduardo Salavisa, designer de equipamento que se interessou pelo tema e que publicou algumas obras acerca do Diário Gráfico. Em inglês os diários gráficos são denominados *sketchbooks*, e em francês *carnet de voyage.*

1.2. Autores

Diversos autores utilizaram diários gráficos. Seguem-se alguns exemplos de utilização dos diários gráficos por alguns autores referência da história da arte. A utilização do Diário Gráfico por autores ligados às artes é tão natural que poderiam ser referidos inúmeros exemplos. A opção de seleção dos que aqui são apresentados, teve em conta, por um lado algumas particularidades relacionadas com as atividades que estes autores desenvolviam nos seus cadernos, e por outro o facto de serem autores de abordagem obrigatória, ligados a épocas e movimentos artísticos referidos na disciplina de História da Cultura e das Artes.

1.2.1. Eugène Delacroix (1798 - 1863)

Pintor francês do Romantismo, registava no seu caderno de viagens o seu contacto com outros lugares e outras culturas. Tânger, Argel, Cadiz, Marrocos, Sevilha, foram alguns dos lugares que Delacroix visitou. Registou a sua passagem por estes locais preenchendo os seus cadernos com esboços rápidos e dispersos acompanhados por textos. Numa tentativa de registar a memória das experiências vividas no espaço de alguns meses, o autor realizou milhares de aguarelas e, após o seu regresso, este envia uma carta a um amigo, onde refere:

> *"...Aterrizamos en medio de las más extrañas las personas (...) tendría que tener veinte brazos y las cuarenta y ocho horas al día para dar una idea de todo esto (...) En este momento soy como un hombre que sueña y ver las cosas que temes que se escapan...".* (Joubin,1984:20)

Quando não desenhava, Delacroix escrevia textos com descrições minuciosas das situações que estava a vivenciar, anotando até os tons e as cores que deveria utilizar posteriormente. Em Tânger, o pintor presenciou uma cerimonia de casamento judeu. Essa experiência foi minuciosamente descrita, e resultou na elaboração do quadro *Noce Juive dans le Maroc*, de 1841.

> *"...El violín. El pulgar en el aire. La mano. El arco. La palma de la mano muy oscuro. Clara en el frente. El haik transparente sobre su cabeza alrededor. Las manchas blancas, sombra en el fondo, el violín..." (...)*
>
> *"...Junto con el violín, la feliz novia judía. Chaleco rojo adornado con marrón. Azul atrás, alrededor del cuello..." (Joubin,1984:32)*



Fig. 64 - Eugène Delacroix . A preparação de um casamento judeu.

1.2.2. John Ruskin (1819 - 1900)

Escritor, crítico de arte e crítico social, britânico. Foi também poeta e pintor. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitetura, de grande valor ainda hoje, foram extremamente influentes na era Vitoriana.

Ruskin estava ligado ao Romantismo que, esteticamente, se definia como reação ao Classicismo, com admiração ao Medievalismo. A partir de 1851, foi um defensor inicial e patrono da Irmandade Pré-Rafaelita, inspirando a criação do movimento Arts & Crafts. Em 1872, fundou a sua "escola do desenho" em Oxford. Entre o legado deste autor, atualmente na universidade de Oxford, constam diversos diários gráficos do autor.

Entre os muitos temas que Ruskin abordava nos seus diários, é notório um especial interesse por detalhes arquitectónicos e pela natureza.

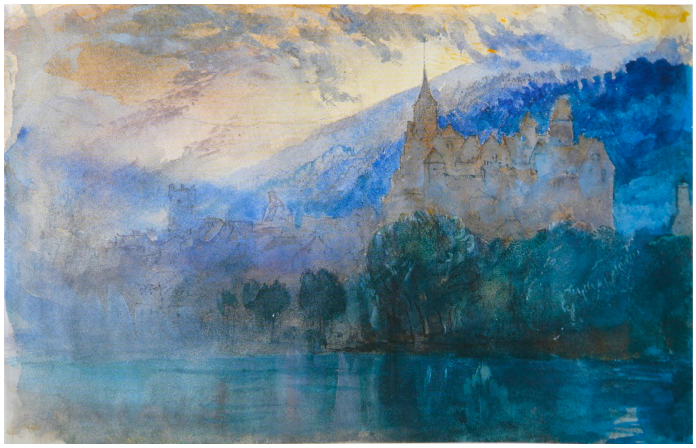


Fig. 65 - John Ruskin, "The Chateau of Neuchatel at dusk, with Jura mountains beyond" 1866.

1.2.3. Pablo Picasso (1881 - 1973)

Pintor e escultor espanhol muito prolífero, criou milhares de trabalhos, pinturas, esculturas e cerâmica. Foi um dos fundadores do Cubismo, junto com Georges Braque.

Segundo Salavisa (2008), apesar de Picasso ser um desenhador compulsivo e desenhar sobre inúmeros suportes, são-lhe atribuídos 175 diários gráficos.

> *"Consultava-os enquanto pintava e por eles podemos decifrar o seu processo criativo. Podemos constatar qua a sua espontaneidade era aparente pelos imensos estudos, feitos nos cadernos, a propósito de uma única pintura. Aconteceu isso, e é só para dar um exemplo, com o quadro que revolucionou a arte ocidental, Les Demoiselles d´Avignon: conheceu-se vários " Conforme os autores, existem entre 7 e 13 cadernos. No entanto alguns podem ter sido feitos posteriormente, conforme era seu hábito" cadernos preenchidos com estudos para as personagens e diversas hipóteses de composição entre elas..."* (Salavisa, 2008:55)

Apesar de exibir frequentemente os seus trabalhos, o mesmo não sucedia com o seu Diário Gráfico, o qual procurava resguardar.

> *"...se gostava de mostrar aos amigos suas últimas obras ou improvisar num café, permanecia reticente em relação a seus cadernos de desenho; por isso, fiquei bastante impressionada quando, ao final de 1945, ele começou a me mostrar alguns dos aspectos mais íntimos de sua obra. Na ocasião, vi desenhos a tinta nanquim do período azul dentro*

de um exemplar lido e relido de Noa-Noa de Gauguin, assim como os estudos a lápis que levaram a Les Demoiselles d'Avignon, que eram guardados num cofre no banco..." [10]

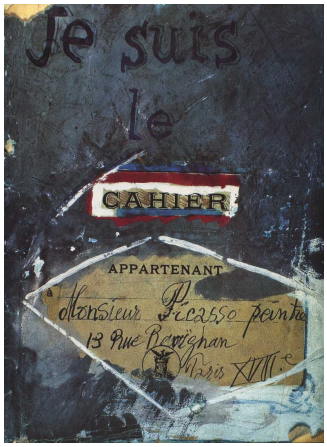


Fig. 66 - Pablo Picasso, capa do caderno, Paris, 1907.

1.2.4. Edward Hopper (1882 - 1967)

Pintor norte-americano, recorria ao Diário Gráfico para elaborar estudos que resultariam em pinturas de representações realistas da solidão na contemporaneidade.

Hopper abordava a temática urbana e também a rural, as suas representações refletem a sua visão pessoal da vida moderna americana. As viagens de carro com a sua mulher (também pintora) pelo Canadá, deserto do Nevada, Califórnia, México, influenciaram a sua pintura. Atraía-lhe lugares comuns, sítios onde pessoas em trânsito se instalam durante algum tempo – os não lugares. O conceito de não-lugar foi definido por Marc Augé.

Augé (1992) propõe o conceito de não-lugar para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. Os não lugares aparecem como o oposto, o inverso, dos lugares antropológicos. Estes lugares antropológicos, possuem fortes laços sociais e segundo o autor constituem três dimensões: são identitários, históricos e relacionais. Através da modernidade, e com as evoluções sociais, estes lugares antropológicos vão dando lugar a outros que Marc Augę chama de não-lugares. O autor define o lugar, enquanto espaço antropológico. O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não histórico. As auto-estradas, os aeroportos, as grande superfícies são exemplos de não-lugares. Os não-lugares são povoados de «viajantes» em trânsito.

[10] «Enigmas para a posteridade» de Françoise Gillot no livro Je Suis Le Cahier. Os Cadernos de Picasso. 1986. Editora Record. Rio de Janeiro referrido por: http://www.diariografico.com/htm/outrosautores/Picasso/Picasso03.htm

Toda a obra de Edward Hopper explora a alienação provocada por esses não-lugares, onde as personagens parecem estar sempre sós, ou em trânsito. Hopper regista nos seus diários gráficos estes espaços que, mais tarde, representará em telas.



Fig. 67 - Edward Hopper , “A Corner,” 1919.

1.2.5. Le Corbusier (1887 - 1965)

Pintor, arquiteto e urbanista de origem suíça, Charles-Edouard Jeanneret-Gris, mais tarde adoptou o pseudónimo de Le Corbusier. É considerado, juntamente com Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Mies van der Rohe e Óscar Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos do século XX.

> *“...Foi numa viagem, denominada “voyage d'orient” – na qual percorreu durante seis meses, em 1911, alguns países da bacia mediterrânica, sobretudo Turquia, Grécia e Itália -, que decidiu definitivamente ser arquiteto. Nessa viagem usou seis cadernos sempre do mesmo tipo, com capa preta, uns com folhas lisas outros com folhas quadriculadas, e de formato 11cm x 18 cm. Conhecem-se mais setenta e três cadernos de vários formatos, executados entre 1914 e 1964, não se tendo a certeza se constituem a sua totalidade. (...) Os seus desenhos como ele próprio o reconhecia, dão acesso aos segredos do seu trabalho. Não se podem considerar, nem pretendem ser considerados, virtuosos tecnicamente; eles são a expressão das suas ideias e explicam seu processo de concepção, o seu método de criação artística. Mas para ele o mais importante de tudo é o gozo físico de poder se expressar livremente, de mover a mão à vontade sobre o papel...”* (Salavisa, 2008: 52)

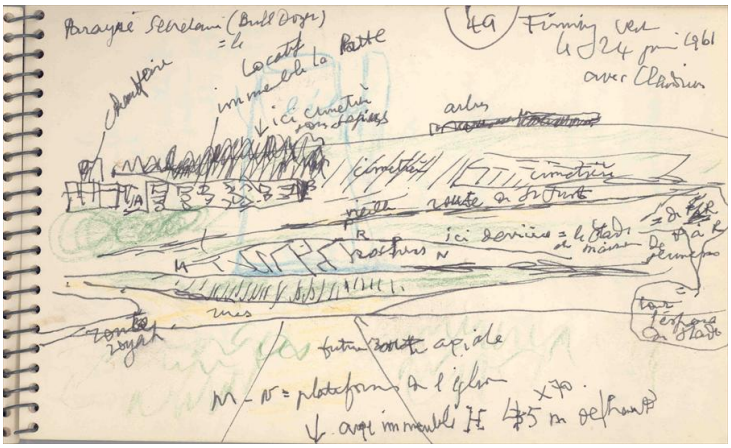


Fig. 68 - Le Corbusier “Sketch R64, Firminy-vert”.

1.2.6. Henry Moore (1898 - 1986)

Escultor, ilustrador e designer britânico que desenvolveu uma obra tridimensional predominantemente figurativa, com breves incursões pela abstração. Moore é conhecido pelas suas esculturas abstratas em grande escala, de bronze fundido e de mármore. Apesar de toda a sua obra ser tendencialmente tridimensional, Moore possuía grande apetência pelo desenho, que considerava ser a atividade que mais prazer lhe proporcionava

> *“..Lembro-me, desde sempre, que desenhar era a atividade que mais prazer me dava. Lembro-me que na escola elementar, a lição de desenho costumava ser à sexta-feira à tarde, na última meia hora, quando o professor estava já cansado e satisfeito por ir de fim-de-semana. Eu adorava, não por ser o fim da semana, mas porque era a aula de desenho…”* (Henry Moore citado por Clark K. 1998:3)

Entre os diversos desenhos produzidos por Moore, os mais conhecidos são os que produziu acerca do dia-a-dia dos londrinos que utilizavam o metro como refúgio durante os bombardeamentos de Londres. No que diz respeito a Diários Gráficos, o mais divulgado é o que Moore produziu para oferecer à sua filha, preenchido exclusivamente com desenhos de ovelhas: *sheep sketchbook*.

> *“...À medida que fui aprendendo mais sobre as ovelhas, comecei a ser capaz de as desenhar de memória, à noite, ou a fazer desenhos mais acabados a partir de esquissos básicos (...) a técnica é a de desenho a caneta feito com esferográfica (...) mais tarde, voltando as páginas dos cadernos, posso querer enfatizar certos pontos. Para esse efeito, recorri à caneta de feltro preta e,em algumas páginas, usei uma aguada de aguarela cinzenta para dar um sentido de distância mais suave”* (Henry Moore citado por Clark K. 1998:3)



Fig. 69 - Henry Moore “Sheep Grazing 1972” Page from Sheep Sketchbook HMF.

1.2.7. Frida Kahlo (1907 - 1954)

Quando o assunto é diários gráficos de artistas é obrigatório falar da artista mexicana Frida Kahlo. Na sua vida conturbada e difícil, utilizou diversos diários gráficos para descarregar as suas mágoas, sendo por isso um exemplo importante o lado íntimo e privado que um Diário Gráfico pode conter. Alguns autores referem que Frida Kahlo não pretendia expor nem publicar o seu diário:

> *“O Diário de Frida Kahlo revela, um gênero atraente, em que o assunto predominante é o “eu”. (...) pode ser visto como impositivo na pior das hipóteses, voyeurista na melhor das hipóteses. Com efeito, a visualização de tal material levanta questões éticas em relação à sua publicação (..) é possível ver neste repositório de material uma sublimação psíquico reprimida de energias, análogas aos conteúdos do inconsciente...”* (Lapanche e Pontalis, 1988:474)

A temática do seu diário era a da sua própria vida, os seus próprios sonhos, desejos e obsessões. Levanta-se aqui a questão de autoria. Será ético publicar posteriormente algo tão intimo sem o conhecimento nem autorização do autor?



Fig. 70 - Pormenor do diário de Frida Kahlo.

1.3. Livro de artista, livro-objeto e Diário Gráfico

A temática do Diário Gráfico associado às artes, traz a debate a possibilidade dos diários gráficos, dependendo da intervenção que neles ocorre, se tornarem em livros de artista ou em livros-objeto. A problemática em torno destas denominações é sobejamente conhecida no meio artístico e não parece ter solução. Diversos interessados, desde artistas a curadores, têm-se debruçado acerca desta problemática, emitindo opiniões.

Em 1978 surgiu a revista americana *Umbrella* que se destinava à divulgação, crítica e comercialização dos livros de artista. Judith Hoffberg A fundadora da revista, reconhecia que os referidos livros não são de fácil classificação quando afirmava:

> *"Livros-obra, livros de artistas, livros feitos por artistas, livros-objecto (…) uma terminologia que não tem sido assente por aqueles desta área, mas que agora tem ingressado na literatura como livros de artista - estão ainda se autodefinindo (…) Essa ideia de acondicionamento para ideias visuais e verbais está ainda tentando encontrar uma definição, um lar, um lugar para ser reconhecida como tal, pronta e facilmente."* (Judith Hoffberg, citada pela revista: the New Bookbinder Vol 13,1993:8)

A artista Angela Lorenz hesita em estabelecer regras para definir este tipo de livros, apenas tendências, comparando os livros de artista a filmes independentes, em que o produto final reflete a visão artística de um autor, sem as restrições ligadas à censura ou à comercialização. Esta artista apresenta uma analogia que passa por apresentar os livros de artista por eliminação, declarando aquilo que eles não são:

> *"Eles não são livros infantis;*
> *eles não são diários gráficos;*
> *eles não são diários;*

eles não são livros em branco;
eles não são catálogos de exposições;
eles não são reproduções do trabalho de um artista;
eles não são livros de arte (um equívoco comum);
Podem entanto, parodiar ou jogar com qualquer um dos acima referidos, bem como com outras categorias tais como: romances, livros de auto ajuda, não-ficção, livros de receitas, manuais de operação, manifestos, guias de viagem ou ensaios" [11]

Conclui afirmando que os livros de artistas funcionam da mesma forma que a arte contemporânea: uma expressão da criatividade de alguém, por vezes em forma de crítica social, mas às vezes de uma forma puramente abstrata, na ausência de palavras ou imagens reconhecíveis.

1.4. Diversas finalidades e utilizações

A forma como muitos artistas, designers e arquitetos utilizam os seus diários gráficos são o melhor exemplo do valor deste tipo de cadernos.

Habitualmente, quando estes utilizadores falam acerca do Diário Gráfico, começam por defini-lo como espaço pessoal e portátil de exploração. Um espaço onde poderão ser coleccionados pensamentos, recolhidas imagens, anotadas referências.

Fundamentalmente, falar de Diário Gráfico é falar de uma forma de concretização de ideias, escrevendo, desenhando, esboçando, recortando e colando.

De facto, o próprio nome "diário" aponta para espaço privado, íntimo, onde se está à vontade. Autores dos mais diversos ramos artísticos utilizam este tipo de cadernos como parte do seu processo criativo. Da literatura ao cinema (*storyboards*), ao design industrial, arquitetura, artes gráficas, artes plásticas, dança (registo de coreografias), à música (registo de composições), à fotografia.

Em alguns casos, estes cadernos, devido ao seu carácter íntimo, por vezes chegam a ser herméticos, impenetráveis e imperceptíveis, pois não foram produzidos para serem expostos. Le Courbusier, por exemplo, utilizou em alguns dos seus diários o desenho taquigráfico, que tal como a escrita taquigráfica consiste em escrever ou desenhar tão depressa como se fala por meio de caracteres convencionais especiais.

[11] http://www.angelalorenzartistsbooks.com/whatis.htm (tradução nossa)

Alguns autores referem o Diário Gráfico como espaço de catarse. Como acontece com o artista brasileiro Renato Alarcão.

> *"...Os registos que efetuei quando perdi o meu irmão em 1999 surgiram numa altura de amargura, sofrimento e de raiva. Eles ajudaram-me a purgar todos aqueles sentimentos nocivos, hoje em dia mal me reconheço naqueles registos quando os revisito.."* (citado por Richard Brereton, 2009:7)

1.5. A utilização de um caderno

Relativamente aos suportes, é sabido que no mercado podemos encontrar, já preparados, uma grande diversidade de diários gráficos. No entanto, alguns autores preferem ser eles próprios a produzir o seu Diário Gráfico. É comum encontrar autores que adotam suportes que foram produzidos com outras finalidades, por exemplo, agendas ou blocos de apontamento de hotéis.

Os cadernos que utilizamos como diários gráficos podem ser de baixo valor ou até mesmo gratuitos, se nós próprios os construirmos. Existem boas dicas acerca da construção de cadernos que depois podem ser utilizados como diários gráficos, um bom livro acerca do assunto poderá ser o *Indie Publishing: How to design and produce you own book* de Ellen Lupton[12].

No contexto económico atual, porque não incentivar os alunos a produzirem o seu próprio Diário Gráfico, utilizando papel com pequenos defeitos que, de outra forma não seria reciclado?

Como é óbvio, quanto menor for o formato do Diário Gráfico maiores são as probabilidades de o poder transportar sempre connosco se couber facilmente na mala ou até num bolso das calças. Mesmo que o trabalho final tenha um outro formato, um pequeno Diário Gráfico pode ser utilizado para tomar notas e apontamentos rápidos.

Esta necessidade de um espaço livre para "meditar" associado à criatividade, é também explorada no âmbito comercial, dada a grande variedade de tipologias de cadernos dos fabricantes de diários gráficos. Estes apresentam-se lisos, pautados, com *storyboards*, com vinhetas para banda desenhada, com pautas para música. Os grandes fabricantes aperceberam-se da necessidade destes autores criativos, e pré-imprimiram os seus cadernos com matrizes para influenciar no impulso de compra.

[12] Lupton, E. (2008) . Indie Publishing: How to design and produce you own book, Princeton Architectural Press.

Uma solução para a escolha do tipo de Diário Gráfico mais apropriado, é visualizá-lo integrado na sua coleção de diários. Imaginar-se perante estes daqui a alguns anos, poderá ajudar a definir o formato utilizar.

1.6. O Diário Gráfico e os novos suportes (antagónicos e/ou complementares)

Na era do digital, parece descabido que ainda se utilizem blocos de papel para registar mas, a verdade é que ainda nenhuma das maravilhas da tecnologia com todas as suas aplicações e vantagens, apresenta maior versatilidade do que um humilde bloco de papel e um lápis de grafite. Por outro lado, induzir a utilização do Diário Gráfico é educar o aluno a superar o desafio de um bloco de folhas em branco, de enfrentar a frustração de um desenho, prepará-lo para a tentação de eliminar aquilo que poderá considerar um mau registo.... é, tal como disse Edgar Morin afrontar os riscos:

> *"...Haverá que ensinar os princípios de estratégia, que permitam afrontar os riscos, o inesperado e o incerto e modificar o seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas pelo caminho. É necessário aprender a navegar num oceano de incertezas através de arquipélagos de certezas."* (Morin, 2002:19)

Na realidade, entre o tradicional Diário Gráfico e os novos suportes, não deverão existir quaisquer antagonismos, aliás, deve ser promovida a interação entre ambos. As câmaras digitais podem estender o pensamento até ao Diário Gráfico e os *tablets* e *smarthphones* possuem diversas aplicações que simulam materiais riscadores em cadernos, dos quais se pode tirar partido.

Não podem alguns dos objetos tecnológicos funcionar como Diário Gráfico? Ou servir para registos rápidos que depois poderão ser impressos ou transferidos de qualquer outra forma para um Diário Gráfico em papel? Não poderá determinado espaço ou situação ficar registado em vídeo, som e imagem, para mais tarde ser revisitado e reproduzido no Diário Gráfico?

Jorge Colombo[13], designer, fotógrafo e ilustrador, utiliza o seu *smartphone* para fotografar e desenhar, produzindo ilustrações utilizadas em muitos dos seus trabalhos finais.

[13] http://www.jorgecolombo.com/about/index.htm



Figuras 71, 72, 73 e 74 – Exemplos de ilustrações de Jorge Colombo.

1.7. O Diário Gráfico como suporte didático/pedagógico

Analisando o facto do Diário Gráfico poder ser utilizado como espaço livre e íntimo de registo e reflexão nas mais diversas áreas do saber, conclui-se que este tem o potencial de melhorar qualquer aprendizagem em qualquer contexto.

A sua utilização nas escolas pode dar-se em qualquer disciplina ,mas, estando associado até pelo próprio programa curricular, às áreas disciplinares ligadas às artes, é pertinente analisar o seu papel e as vantagens da sua utilização.

O Diário Gráfico pode ajudar o aluno a:

- Explorar ideias
- Visualizar
- Concentrar-se
- Articular, exteriorizar e comunicar pensamentos e ideias
- Encorajar a reflexão e a pesquisa
- Promover a auto-aprendizagem
- Ligar o aprender à vida real

Relaciona-se também, a utilização do Diário Gráfico com um tipo alternativo de pensamento, o pensamento lateral. Um pensar fora da caixa que será essencial fomentar em todos os alunos que pretendam seguir as áreas ligadas à criatividade.

Edward de Bono (2005) teórico do pensamento lateral, justifica que a criatividade se baseia nesta forma de pensamento, que diferencia do pensamento vertical mais relacionado com o método científico. Segundo o autor, o pensamento vertical segue determinado percurso baseado no que foi descoberto anteriormente, por sua vez o

pensamento lateral segue o alternativo, o secundário, o improvável: *"uma das funções do pensamento lateral é libertar a informação aprisionada nos velhos padrões-cliché."* (Bono, 2005:45)

O autor indica que o pensamento lateral é um apelo a um pensamento lógico aperfeiçoado:

> *" A eficácia do pensamento lateral para gerar novas ideias pode ser comprovada. Sempre que se diz que uma solução foi alcançada através do pensamento lateral, existe um caminho lógico mediante o qual essa solução poderia ter sido alcançada. Portanto, o que se crê ser pensamento lateral não passa de um apelo a um pensamento lógico melhor."* (Bono, 2005:48)

1.8. A iniciação ao desenho através da utilização do Diário Gráfico

O Diário Gráfico poderá ser um elemento facilitador da iniciação ao desenho. O desenho, como princípio básico da arte, necessita de ser praticado continuamente.

> *"...Simples sinal visível numa superfície, para descrever ou explicar um mundo de fenómenos; instrumento tão simples mas, ao mesmo tempo, tão intrinsecamente elástico que permite a narração, dos mais diversos modos, da complexidade, e cada vez mais dilatável para cobrir a possibilidade expressiva..."* (Massironi, 1982:17)

Para capturar a atmosfera ou essência de um lugar, é necessário recorrer ao desenho. O desenhar sem medo, desenhar para si, deixar fluir o pensamento e o que é capturado pela nossa percepção para os cadernos, leva tempo a ser dominado, exige trabalho que conduz a uma evolução. Essa evolução desenvolve-se nos cadernos quase como se de uma história se tratasse. Os registos por vezes podem até parecer descontextualizados se não forem consultados pela ordem narrativa do caderno, tal com refere o autor João Ramos:

> *"Usar um caderno e não uma série de folhas de papel fez com que a minha relação com o desenho se tenha modificado. Os cadernos introduzem na minha percepção da viagem um princípio de narratividade que era menos óbvia anteriormente"* (Salavisa E. e Mendes C. 2009:29)

Não existem regras rígidas para trabalhar num Diário Gráfico. Pelo contrário, os diários gráficos devem servir para exploração, investigar, exteriorizar e descobrir. Os diários gráficos devem ser locais "abertos" ao erro e às revelações, devem ser tão idiossincráticos como o seu dono.

Podemos procurar inspiração noutros diários gráficos, mas não devemos imitá-los. São locais de prática sistemática e repetitiva ou espaço de atos espontâneos que devem funcionar como desinibidor. É importante que os alunos não tenham medo de cometer erros e, o seu Diário Gráfico, é o território mais seguro para arriscar. O ilustrador espanhol Enrique Flores citado por Salavisa (2008) afirma:

> *"...Nunca uso lápis antes de uma aguarela. Gosto de começar com o pincel grosso, procurando não ter medo e assumindo o direito de errar. Os meus cadernos de viagem estão cheios de desenhos falhados que no entanto nunca os arranco."* (Salavisa, 2008:86)

O Diário Gráfico deve ser um trabalho em desenvolvimento, para ser alterado e acrescentado ao longo do tempo, e não uma peça acabada.

1.9. Integração do estudo-caso na proposta de trabalho IX

1.10. A utilização do Diário Gráfico na turma 12º 13

Após a abordagem à definição, história, utilização e vantagens, é altura de enquadrar a utilização do Diário Gráfico numa prática pedagógica.

Este ponto integra o Diário Gráfico na disciplina de Oficina de Artes, mais precisamente no módulo 3 - Áreas de desenvolvimento e concretização do projeto – onde é pedido aos alunos que desenvolvam um projeto artístico pessoal que verse uma das seguintes áreas de desenvolvimento:

- Desenho
- Pintura
- Escultura
- Design gráfico
- Design de equipamento
- Fotografia
- Videografia
- Intervenção em espaços culturais

Como tal, foi sugerido aos alunos que considerassem a possibilidade de utilizar o Diário Gráfico como espaço de reflexão e planificação para o seu projeto artístico.

O programa curricular de Oficina de Artes para o 12º ano, sugere os seguintes tópicos:

- Áreas de desenvolvimento e concretização do projeto
- Temas e graus de concretização do projeto

com as seguintes competências a desenvolver:

"- Representar bidimensionalmente, através de meios riscadores;
- Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação;
- Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual;
- Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projetação e execução de projetos nas áreas das artes plásticas (desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo) e do design gráfico;
- Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais;
- Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental;
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto;
- Apresentar o projeto realizado à turma/comunidade." (Gonçalves 2005: 7)

1.11. Integração no programa da disciplina de desenho de 11º e 12º anos

O Diário Gráfico está, à partida, mais relacionado com a disciplina de Desenho de 11º ano, conforme descrito no Programa de Desenho de11º e 12º Anos Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais emitido pelo Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário:

"As unidades de trabalho aqui apresentadas são sugestões. Constituem um leque de exemplos aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual. Não constituem conjunto ordenado e sequencial nem pretendem coincidir com o tempo total disponível. (...)

Diário Gráfico

Sinopse: utilização de um caderno portátil, que, à semelhança dos cadernos de Leonardo da Vinci ou dos diários de viagem de Goya ou Delacroix, funcione como um arquivo quotidiano através de vários tipos de registos gráfico ou escrito. Note-se que este caderno,

tal como um diário, é de utilização pessoal, devendo a sua avaliação restringir-se à verificação da sua existência e uso." [14] (Ramos *et al*., 2002: 4)

O incentivo à utilização do Diário Gráfico é deveras positivo, mas como será possível uma avaliação restringindo-se apenas à verificação de que o aluno possui realmente um Diário Gráfico e que o utiliza?

Percebe-se que os autores estejam preocupados com a privacidade dos alunos e bem, pelo facto do Diário Gráfico ser um espaço pessoal e íntimo. No entanto, para trabalhar uma unidade "Diário Gráfico" é essencial garantir o acesso. Os alunos deverão ser alertados que a utilização do Diário Gráfico no contexto de uma unidade de trabalho, tem algumas especificidades e que não deverão abordar neste caso, assuntos pessoais ou do foro íntimo que não possam ser partilhados.

Esta problemática surgiu aquando da elaboração da proposta de trabalho IX elaborada para a turma 12º 13. A solução encontrada foi adquirir cadernos *Moleskine* e atribuir um a cada aluno, em troca de acesso garantido a estes. Desta forma, os alunos que já possuíam Diário Gráfico pessoal e privado, poderiam mantê-lo como tal.

É pertinente deixar uma pequena nota acerca da mundialmente famosa marca de cadernos *Moleskine*. Segundo dados fornecidos pelo *website*[15] do representante português da marca, estes cadernos são já utilizados há mais de 2 séculos. Grandes artistas e escritores tais como Vincent Van Gogh, Pablo Picasso, Ernest Hemingway e Bruce Chatwin utilizaram-nos. Alguns dos cadernos adquiridos atualmente contêm um pequeno folheto redigido acerca da sua história. Nos primeiros anos de existência, pequenos cadernos pretos de cantos arredondados com uma bolsa interior extensível fechados por uma banda elástica, eram fornecidos às papelarias de Paris por uma pequena empresa de encadernação francesa. Essas papelarias, eram frequentadas na altura pela elite vanguardista de pensadores, pintores e escritores, que adotavam estes práticos cadernos.

Em meados da década de 1980 os cadernos deixaram de ser comercializados. Nessa altura o escritor e viajante inglês Bruce Chatwin, utilizador compulsivo desses cadernos, escreve no seu livro "The Songlines" em 1987: *"Le vrai Moleskine n´est plus".*

Em 1997 a produção destes cadernos é retomada por um pequeno editor milanês, que adoptou o nome que Chatwin atribuía aos seus cadernos: *Moleskine.*

[14] Excerto da única referência ao Diário Gráfico no programa de 11º e 12º anos de Desenho A 2002: 4.
[15] http://www.moleskine.pt/moleskine/

Na atualidade os cadernos *Moleskine* encontram-se à venda em diversas livrarias e papelarias, e tornaram-se, segundo as palavras do fabricante:

> *"...sinónimo de cultura, viagens, recordações, imaginação e identidade pessoal, tanto na vida quotidiana como no mundo digital (...) Com a diversidade de formatos de página, os cadernos Moleskine são parceiros para as profissões criativas e imaginativas do nosso tempo. (...) Representam, em todo o mundo, um símbolo do nomadismo contemporâneo, em estreita ligação com o mundo digital, através de uma rede de sites, blogs, grupos online e arquivos virtuais.*[16]

Estes cadernos ganham especial relevância neste projeto, já que constituem parte dele. Os cadernos *Moleskine* foram escolhidos tendo em conta a história da marca (garantia de qualidade) mas, sobretudo, pelo formato, número de folhas e preço.

2. Apresentação da unidade de trabalho IX – Diário Gráfico

Na aula do dia 26 de Janeiro de 2012, antes da entrega da proposta de trabalho, o tema do Diário Gráfico foi apresentado ao 12º 13 seguindo a seguinte metodologia:

Uma conversa de cerca de 5 minutos para introdução à temática, seguida de uma apresentação de 30 minutos em slides (*powerpoint*) onde foram abordados os seguintes tópicos:

- Diário Gráfico e respetivos conceitos
- Analogias, confrontos e paralelismos entre diário de viagem / diário de projeto
- A importância da utilização de um caderno de registos
- Diário Gráfico e internet
- Livro de artista / Livro-objeto / Diário Gráfico - proximidades e diferenças
- Breve história do Diário Gráfico e respetivas tipologias, referência a autores e registos gráficos mais relevantes

Após esta breve apresentação, e pelo facto da proposta sugerir que aos alunos utilizem o Diário Gráfico como instrumento de reflexão para o seu projeto artístico, seria pertinente apresentar um exemplo prático. Nesse sentido foi apresentado aos alunos um excerto de vídeo de aproximadamente 8 minutos do episódio IV da série de documentários da BCC, *The secret of drawing*, com o exemplo do método de trabalho da designer de moda Julie

[16] Idem

Verhoeven. Este vídeo apresenta, de uma forma descontraída mas eficaz, o desenrolar do processo criativo desta designer de moda, desde a pesquisa, passando pelos esboços e grafismos que darão origem a peças de vestuário, padrões de tecido e acessórios.

Após visualização do vídeo, decorreu uma conversa informal sobre as problemáticas inerentes aos conceitos de estudo, projeto e objeto.

Os 15 minutos seguintes ficaram destinados à apresentação de exemplos de diários gráficos de alunos de outras escolas.

Por fim, foi entregue a proposta de trabalho IX e os respectivos diários gráficos Moleskine.

2.1. Plano de aula do dia 26 de janeiro de 2012

Integração no Programa de OFICINA DE ARTES

Módulo 3 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto:

1- Áreas de desenvolvimento e concretização do projeto.

2- Temas e graus de concretização do projeto.

Competências a desenvolver:

- Utilizar o Diário Gráfico como instrumento de reflexão (guião ilustrado para desenvolvimento de um projeto individual)
- Representar bidimensionalmente através de meios riscadores; Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação; Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual.
- Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projetação e execução de projetos nas áreas das artes plásticas (desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo) e do design gráfico.
- Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais.
- Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto.
- Apresentar o projeto realizado à turma/comunidade.

Introdução:

Tendo em conta o Módulo 3 do programa de OF.A., os alunos deverão desenvolver e concretizar um projeto.

Nesta fase, e após a realização de diversos exercícios diagnóstico, os alunos deverão desenvolver um projeto final baseado numa planificação coerente. No núcleo desta reflexão deverá estar o Diário Gráfico utilizado como ferramenta de reflexão e detonador criativo.

Temática	**Tempo estimado**	**Estratégias**	**Recursos**
Introdução	5 min.		
Introdução à temática (Diário Gráfico)			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
O Diário Gráfico	30 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Diário Gráfico: Conceitos Analogias, confrontos e paralelismos entre diário de viagem / diário de projeto A importância da utilização de um caderno de registos Diário Gráfico e internet Livro de artista / Livro-objeto / Diário Gráfico - proximidades e diferenças Breve história do Diário Gráfico e respetivas tipologias, referência a Autores e registos gráficos mais relevantes.			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
Exemplo prático do desenho ao objecto	15 min.	Apresentação em vídeo	Computador e Projetor
a) Excerto de aproximadamente 8 minutos do episódio 4 da série de documentários da BCC: *The secret of drawing*, com um breve exemplo do método de trabalho da designer de moda Julie Verhoeven. (+/- 8 min.) b) Conversa informal sobre o vídeo (+/- 8 min.) – Problemáticas inerentes ao conceito de: estudo /projeto/objeto			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
Exemplos de diários gráficos (dimensões, suportes, técnicas)	15 min.	Apresentação *powerpoint*	Computador e Projetor
Apresentação de alguns exemplos de diários gráficos produzidos por outros alunos de outras escolas básicas e secundárias disponíveis on-line. (Formatos, organização e metodologias, temáticas, técnicas, relação representação/expressão/ nível etário. Sugestão de alguns links relacionados com a temática do Diário Gráfico.			

Temática	Tempo estimado	Estratégias	Recursos
IX unidade de trabalho	20 min.	Apresentação em slides	Computador e Projetor
Apresentação da IX unidade de trabalho e esclarecimento de dúvidas.			

2.2. Proposta IX . Diário Gráfico

O novo Diário Gráfico teria como finalidade a integração na proposta de trabalho e para tal, foi necessário retirar alguma da "liberdade" inerente à exploração do diário, propondo algumas premissas.

A proposta entregue aos alunos a 26 de janeiro de 2012, foi a seguinte:

2.3. Proposta de trabalho IX



Mestrado em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Orientador Cooperante: Professora Rita Rodrigues
Orientador Científico: Professor Doutor Vítor Magalhães
Mestrando: Márcio Serrado Fernandes

Oficina de Artes 12º Ano | Turma 13ª | Ano Letivo 2011 /2012

Integração no Programa de OFICINA DE ARTES:

Módulo 3 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto:
1 – Áreas de desenvolvimento e concretização do projeto;
2 – Temas e graus de concretização do projeto

Competências a desenvolver:

- Utilizar o Diário Gráfico como instrumento de reflexão (guião ilustrado para desenvolvimento de um projeto individual)
- Representar bidimensionalmente através de meios riscadores; Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação; Utilizar adequadamente os materiais e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual.
- Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projetação e execução de projetos nas áreas das artes plásticas (desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo) e do design gráfico.
- Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais.
- Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto;
- Apresentar o projeto realizado à turma/comunidade.



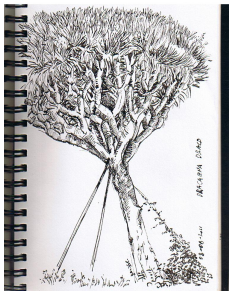
Michel Monet a ler, 1885
Diário Gráfico de Monet

http://www.clarkart.edu/exhibitions
/monet/sketchbooks/



Ana Montiel
sketchbook-series

http://anamontiel.com/



Dracaena Draco . Museu
Quinta das Cruzes (Funchal)
Sérgio Nóbrega

http://urbansketchers-
portugal-madeira.blogspot.com/

"São cadernos de uma grande fragilidade. Quero parar de os fazer e não posso".
Cruzeiro Seixas, artista plástico



Tendo em conta o Módulo 3 do programa de OF.A., os alunos deverão desenvolver e concretizar um projeto.

Nesta fase, e após a realização de diversos exercícios diagnóstico, os alunos deverão desenvolver um projeto final baseado numa planificação coerente.

No núcleo desta reflexão deverá estar o Diário Gráfico utilizado como ferramenta de reflexão e detonador criativo.

1. Será facultado um caderno a cada aluno, com o objetivo de se tornar numa espécie de "estúdio portátil" (Eduardo Salavisa). Nele o aluno deverá registar o processo criativo que levará à execução de um projeto final.
2. Cada caderno possui 80 páginas, nenhuma página deverá ser eliminada, e devem ser utilizadas consecutivamente, com anotação de locais, datas e horas.
3. Para o normal decurso da presente unidade de trabalho, serão necessárias pelo menos 40 páginas, consecutivas ou alternadas, ou seja, equivalente a 40 registos/estudos.
4. Cada aluno organizará o seu Diário Gráfico partindo de uma ideia pessoal, visando a concretização de um projeto (ex: conceito; temática; local; hora...)
5. Em todas as aulas decorrerá a apresentação e análise dos diários gráficos, individual e/ou coletivamente, através de diálogo informal (reflexão, troca de ideias, sugestões... a nível estrutural, temático, técnico e expressivo).

6. No decorrer da IX unidade de trabalho, os alunos deverão fazer-se acompanhar de materiais necessários e compatíveis com o projeto em curso.
7. Durante este processo, os alunos poderão digitalizar algumas páginas e posteriormente disponibilizá-las no website *12treze.com*, criado para esse efeito, após análise e concordância do grupo-turma.

Resultado final:

- Diário Gráfico com pelos menos 40 páginas registadas.
- Apresentação do website *12treze.com,* onde deverão figurar, no mínimo, 2 registos de cada aluno.
- Composição final ("peça" única/turma) com 2 páginas sequenciais do Diário Gráfico de cada aluno.

Metodologia:

- Apresentação sobre o Diário Gráfico: história, função, técnicas, autores,...
- Apresentação, explicação e desenvolvimento da unidade de trabalho.
- Acompanhamento individualizado.
- Envio para o e-mail da turma de links de autores e respetivas obras, para que os alunos observem e analisem criticamente diversos diários gráficos (universidades, escolas, artistas) cuja troca de informação deve ser realizada pelos alunos.

Calendarização: [17] 4 aulas de 135 minutos e 8 aulas de 90 minutos.

Avaliação final: 27 de Fevereiro

Critérios de Avaliação: [18]

Na avaliação serão tidos em consideração os seguintes critérios específicos:

- Conceção do Diário Gráfico como instrumento de reflexão (guião ilustrado para desenvolvimento de um projeto individual).
- Capacidade de reutilizar estudos do Diário Gráfico para diversos fins comunicativos e expressivos.
- Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).
- Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos.- Expressividade e qualidade de acabamento final.
- Originalidade e expressividade.

[18] Serão considerados os critérios gerais de avaliação de Oficina de Artes.

- Adequação das ferramentas e materiais na realização dos estudos e projeto final.
- Capacidade de pesquisa, conceção, planificação e representação bi e tridimensionais.
- Hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.
- Domínio das técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização de um projeto.

2.4. Os cadernos

Foram utilizados nesta proposta 15 cadernos de desenho Moleskine, formato 13 cm x 21 cm. Todos os cadernos possuíam as mesmas características à exceção do material e cor da capa que variava em alguns deles. O facto de ser um suporte novo para eles, e de estarem todos em igualdade de circunstâncias, poderá ter sido também um fator de motivação que levou os alunos a desenvolverem os registos com regularidade em casa para depois apresentar em aula aos professores e aos colegas.

2.5. Espectativas *vs* Exemplos

Para uma proposta de Diário Gráfico, é fundamental colocar os alunos a par daquilo que lhes é exigido, e mais importante ainda, apresentar exemplos de trabalhos de outros alunos de outros níveis escolares e de diferentes idades.

Nesse sentido, na aula de apresentação da proposta, foram mostrados exemplos de diários gráficos de alunos dos 10º, 11º e 12º anos de outras escolas do país. Foram ainda apresentados exemplos de diários gráficos de artistas do passado, como Delacroix e de artistas que utilizam o Diário Gráfico nos nossos dias, tal com fazem João Louro ou Cruzeiro Seixas.

No decorrer das aulas, os alunos puderam contar com alguma bibliografia disponibilizada pelos professores. Esta bibliografia tinha o objetivo de os motivar e inspirar e não de criar qualquer tipo de condicionamento ou estilo a ser seguido.

2.6. Motivação

O Diário Gráfico é um tema habitualmente bem recebido e, os alunos do 12º 13 não foram exceção. Os alunos compreendem que uma proposta de Diário Gráfico, acarretará níveis de liberdade criativa que normalmente não são concedidos por outras propostas, onde a temática, materiais e técnicas já estão bem definidas. Quando se fala de Diário Gráfico, os alunos percebem que será uma proposta mais “pessoal”, que será possível

escolher a temática ou temáticas e os materiais a utilizar. O carácter criativo "Diário Gráfico" desperta nos alunos motivação e prazer, conforme refere Jacob Bronowski (1983):

> *"Toda a atividade criativa, ciência ou arte, é divertida. Isto é válido não só para as nossas atividades conscientes, mas também para as atividades criativas para as quais a natureza nos dotou sem qualquer esforço de pensamento. O mais importante ato criativo que a natureza nos destinou é a geração de crianças. E não é por mero feliz acaso que se trata de uma atividade agradável. Não podia deixar de ser assim na arte, na ciência ou na cama.*
> *É impossível conceber um universo em que as atividades criativas importantes não causem prazer..."* (Bronowski, 1983:36)

2.7. Envolvimento dos alunos

Os alunos trabalharam motivados na proposta, que decorreu durante cerca de um mês (4 aulas de 135 minutos e 8 aulas de 90 minutos). Em todas as aulas, os alunos trouxeram registos novos, elaborados em casa ou noutros locais. Os primeiros minutos das aulas destinavam-se à análise e ao debate com cada um deles acerca das opções tomadas na elaboração dos seus registos.

Durante a aula, os alunos desenvolviam trabalhos no Diário Gráfico, através de um acompanhamento personalizado. Os professores tiveram em conta as opções dos alunos, aconselhando-os tecnicamente e sugerindo exemplos de outros artistas que poderiam, quer pela técnica quer pela forma, servir de referência para os seus trabalhos. Nas propostas de trabalho relacionadas com o Diário Gráfico o professor deverá ser o mediador criativo da aprendizagem dos alunos, respeitando o ritmo e especificidade de cada um deles.

Nesta metodologia adoptada pelos docentes, convém destacar que deve haver o cuidado de criar um paralelo ou, dito de outra forma, de demonstrar a possível afinidade, entre o trabalho que o aluno está a desenvolver, e trabalhos já desenvolvidos por outros, enfatizando soluções e técnicas para facilitar o percurso que o aluno tem de percorrer, nunca incitando à cópia quer da forma, quer da técnica.

Betâmio de Almeida, refere:

> *"Os valores estéticos não são padrões que se imponham, mas devem clarificar-se e enraizar-se os parâmetros da sua valorização através de situações essencialmente auto-consciencializadoras. Nunca está em causa levar o aluno a ver com os olhos do professor.*

O que tem sentido educativo é aproximar o aluno da arte. A obra artística comunica por si." (Almeida, 1976:10)

2.8. Propriedade/ Acesso/ Privacidade

O facto do Diário Gráfico ser à partida um espaço privado ou íntimo, não pode ser ignorado. Neste sentido, e antes de dar início à proposta, informámos os alunos que este Diário Gráfico teria algumas características "especiais". Ou seja, apesar de ser do aluno, os registos teriam de ser partilhados com os professores, com os colegas e, finalmente, com a comunidade em geral. Esta medida foi bem aceite por todos e, no decorrer da proposta, houve partilha e nenhum aluno recusou o acesso ao seu Diário Gráfico. Inclusive os alunos que possuíam já um Diário Gráfico, partilharam os seus registos com os docentes e com os colegas.

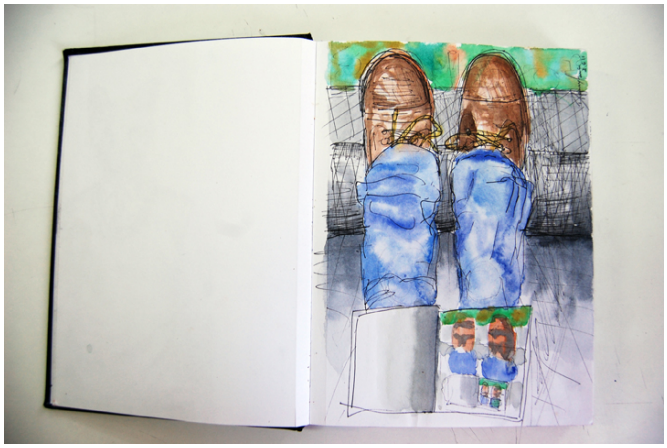


Fig. 75 - Exemplo de um Diário Gráfico que um aluno do 12º 13 já desenvolvia antes da proposta.

2.9. Motivação dos professores

A determinação do professor é crucial neste domínio, e torna-se difícil muitas vezes, estar confiante relativamente às expectativas, quando o Diário Gráfico é também novidade para ele próprio. A chave será abraçar a noção de que o Diário Gráfico é um espaço aberto, pessoal, de auto aprendizagem. É também de extrema utilidade para os professores, libertarem-se completamente dos seus próprios preconceitos de como um Diário Gráfico deverá ser.

Toda a importância deverá ser dada ao trabalho desenvolvido no Diário Gráfico, e não ao Diário Gráfico propriamente dito. O importante são as atividades que os alunos desenvolvem no diário, as tentativas, os sucessos e os fracassos. Tudo isto abonará a favor da evolução pessoal e artística dos alunos.

Dito isto, convém salientar que o professor deverá possuir o seu próprio Diário Gráfico.

2.10. A função dos diários gráficos nas disciplinas de Artes e Humanidades

O grande objetivo da utilização dos diários gráficos em disciplinas ligadas às artes, é o de colocar os no centro do seu próprio pensamento, e por sua vez fazer com que estes relacionem todos os assuntos pelos quais nutrem interesse, tornando o ato de aprender mais estimulante e menos compartimentado. Os Diário Gráficos podem capacitar aprendizagens e inspirar.

O docente ao detetar que um aluno utiliza um Diário Gráfico (ainda que não seja no âmbito da sua disciplina), deve encorajar o seu uso no ato de reflexão, sobre os assuntos da disciplina que está a lecionar. Desta forma fomentar o pensamento lateral e um ensino não compartimentado.

E porque não possibilitar ao aluno a resposta a determinada tarefa utilizando as páginas do seu Diário Gráfico?

3. Iniciativa pessoal *vs* Incentivo dos professores

Uma proposta de Diário Gráfico, num tempo tão curto de execução (neste caso um mês), pode estar à partida condenada ao fracasso. Para evitar que o insucesso aconteça, deverá existir um acompanhamento constante, aula a aula, por parte dos docentes, um debate constante com os alunos sobre as opções que tomaram e as técnicas que estão a utilizar. Caso contrário os alunos podem facilmente frustrar-se, desleixar-se ou simplesmente tentar fazer o trabalho de uma só vez. Prevendo este tipo de situações, e para além do normal acompanhamento individual, foram adoptadas as seguintes metodologias:

- Os alunos tinham de inserir a data e o local em que foi efectuado os registos, desta forma os docentes estavam inteirados do número de registos que iam sendo efectuados.

- Na eventualidade do esquecimento do caderno, os alunos eram convidados a trabalhar sobre uma folha que seria datada e depois colada no Diário Gráfico ao chegar a casa. Este procedimento fez com que uma aluna que viajou de fim de semana com a família, e se esqueceu de levar o Diário Gráfico, trabalhasse em folhas de papel vegetal que foram mais tarde coladas ao Diário Gráfico.

- Exemplos dos trabalhos de autores de diários gráficos apontados nas aulas, eram enviados para o endereço de e-mail da turma para estarem disponíveis para todos. A utilização do e-mail da turma é uma ferramenta eficaz na partilha de informações entre professor e alunos.

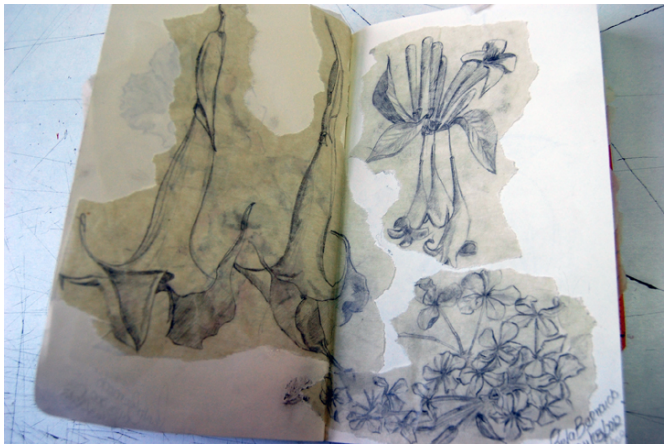


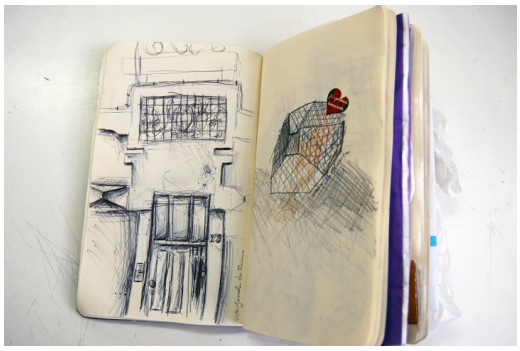
Fig. 76 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13.

3.1. Cooperação/ Interesse dos alunos

Os alunos foram exemplarmente cooperantes com a proposta apresentada. Houve um grande envolvimento da sua parte, permitindo o acesso aos diários, anotando as datas de locais do registo (tal como foi solicitado), utilizaram diversas técnicas e materiais (grafite, aguarela, guache, acrílicos, pastel, canetas de feltro, marcadores, tinta da china e até tintas de spray). E, no final, todos os 15 cadernos foram entregues com ótimos registos. Estes trabalhos foram posteriormente disponibilizados no site www.12treze.com/site, que pode ser acedido por todos.

No decorrer da proposta, um dos alunos que já possuía um Diário Gráfico pessoal sugeriu a utilização do caderno que lhe foi atribuído, na criação de um diário de viagem, que o acompanhou na sua primeira incursão fora da ilha. Desta ideia, surgiu uma boa utilização das 80 páginas que componham o caderno, com registos escritos, esboços, recolhas, colagens que o transformaram num ótimo exemplo de reflexão, exploração e criatividade (Fig. 14 e 15).





Figuras 77 e 78 – Diário de viagem de um aluno do 12º 13.

Por outro lado, houve alunos que, ficando atrasados, desenvolveram os restantes registos num curto espaço de tempo e de forma acelerada e, em resultado disto, foi notória uma qualidade inferior dos seus registos.

É curioso referir o caso de uma aluna que desenvolve registos de grande qualidade em folhas soltas mas que, no entanto, teve alguma dificuldade em se adaptar ao formato sequencial de caderno. Neste caso, os docentes aconselharam-na a trabalhar em folhas soltas para depois recortar e colar no Diário Gráfico (Fig.16).



Fig. 79 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13.

3.2. Técnicas, materiais e temáticas

Relativamente às técnicas, e numa fase inicial, os alunos começaram a utilizar aquelas com os quais já estavam mais familiarizados. Os docentes sugeriram a utilização de técnicas diversificadas, e fora do habitual. A resposta não tardou. Desde registos efectuados com o próprio café (e no café), passando pelas colagem de recortes, até a tinta em spray.

Nas respostas a esta proposta, os alunos utilizaram uma grande diversidade de materiais. Neste capítulo é importante salientar que deverá existir por parte dos docentes uma atitude preventiva no sentido de não deixar surgir abordagens do tipo *vale tudo.*

Registamos alguns casos onde os alunos utilizaram materiais perecíveis, como plantas ou outros (Fig. 17). Surgiram também materiais que apresentam alguma perigosidade, como espelhos partidos. Este tipo de abordagens incorrem no risco de ficarem desenquadradas esteticamente (*kitsch)* ou de prejudicarem a integridade e a possibilidade de conservação do Diário Gráfico.



Fig. 80 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 com exagero de materiais perecíveis.

3.3. Algumas da técnicas utilizadas

Esferográfica, marcador, tinta da china, tinta da china sobre cera, aguarela, guache acrílico, tinta spray, lápis de cor, colagens e recortes.



Fig. 81 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 utilizando colagem e aguarela.

3.4. Materiais utilizados

Pacotes de açúcar, guardanapos, fios de lã, pormenores de revistas, folhas de plantas, sementes, aparas de lápis, palheta-guitarra, fósforos, papel de alumínio, plantas, autocolantes, esponjas, tecidos, papel vegetal, cera, jornais, papel colorido para recorte, origamis, *post its*, papel de rebuçados, penas de animais, café, diferentes tipos de papel e intervenções diretas com cola.



Fig. 82 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 com recurso a colagem (guardanapo) e aguarela.

3.5. Temáticas

Música, questões, desabafos, vivências, moda, o corpo (o corpo nu ou apenas alguns órgãos: olhos, lábios), marcas, logótipos e fontes tipográficas.

Para além das abordagens espectáveis neste nível etário, já referidas no parágrafo anterior, é curioso notar registos de alguns alunos que demonstram interesse por áreas de grande afinidade artística, e que devem ser estimuladas no decorrer da execução do seu projeto pessoal. Um exemplo a destacar é o Diário Gráfico de um aluno que apresenta grande desmotivação no decorrer das aulas (situação comum a todas as disciplinas) mas que apresentou no seu Diário Gráfico uma abordagem interessante ao design gráfico, desmontando grafismos e logótipos conhecidos, explorando as suas formas, cores e padrões (Fig.20). Neste caso a "liberdade" da proposta foi uma mais valia, que acabou despertando neste aluno uma possível área de interesse. Este é um dos objetivos da utilização do Diário Gráfico.



Fig. 83 - Diário Gráfico de um aluno do 12º 13 com estudos de marcas e logótipos.

3.6. O recurso a meios tecnológicos

Um ponto interessante a analisar, é a utilização ou não de recursos tecnológicos por parte dos alunos. De facto, já no momento de apresentação da proposta foi sugerido aos alunos, por diversas vezes, a utilização de tecnologia na Diário Gráfico. Foram sugeridos os seguintes procedimentos: pesquisar de uma determinada imagem ou ilustração na internet e posterior tratamento ou modificação, de modo a que após a impressão, pudesse ser incorporada num registo.

Outra técnica sugerida foi a digitalização, através de *scanner* ou recorrendo a uma máquina fotográfica, de imagens ou de partes de imagens produzidos pelo aluno ou não, com o intuito de serem incorporadas no Diário Gráfico tal como no exemplo anterior, da colagem.

Estando os alunos familiarizados com a utilização do computador (através de um questionário efetuado no início das aulas foi possível aferir que todos os alunos possuíam ou tinham acesso a um computador) e tendo estes também contacto com o *software* de manipulação e digitalização de imagem nas aulas de oficinas multimédia, esperava-se uma utilização generalizada de imagens provenientes dos meios tecnológicos. Por parte dos docentes, houve até alguma cautela no sentido de não enfatizar excessivamente a utilização deste tipo de solução, receando uma fuga massiva à representação por parte dos alunos. E foi curioso notar que nenhum dos alunos adotou estas técnicas. O facto das salas de Oficina de Artes não estarem apetrechadas com equipamentos informáticos ou de registo de imagem, não terá sido o único obstáculo (todos os alunos têm acesso a este tipo de equipamentos em suas casa) à não sua não utilização. No decorrer do projeto, era notória a pouca motivação dos alunos na exploração do potencial de técnicas híbridas, que retiram proveito tanto das técnicas de expressão e de materiais convencionais, como das tecnologias mais recentes.

Esta falta de motivação, poderá dever-se a exemplos demasiado compartimentados que apontam o Diário Gráfico como um espaço disponível a técnicas quase exclusivamente tradicionais ou analógicas. Uma solução possível para fomentar a utilização de meios tecnológicos nos registos dos diários gráficos dos alunos, poderá passar pelos docentes apresentarem e dialogarem sobre um maior número de exemplos onde as técnicas híbridas são utilizadas.

3.7. Website - Transferência para o digital

Tal como foi já referido anteriormente, os alunos não utilizaram técnicas digitais nos seus registos. A única transferência para o digital que ocorreu, foi o registo fotográfico de todas as páginas utilizadas nos diários gráficos para posterior publicação *on-line*.

Todos os registos efetuados pelos alunos nos diários gráficos no âmbito da Proposta IX estão agora disponíveis no *website* criado para o efeito: www.12treze.com/site. Aquando da entrega da proposta foi apresentada aos alunos a possibilidade da criação deste *website* como a finalidade de exibir a toda a comunidade os seus trabalhos. Todos concordaram e ficaram agradados com a ideia. Foi produzido então produzido o

www.12treze.com/site (Fig. 21) que possui a funcionalidade de inserção dos trabalhos pelos próprios alunos através de um *log-in*.



Fig. 84 - Página de entrada do *website* 12treze.com.

3.8. Avaliação da Unidade de Trabalho IX

A avaliação decorreu de acordo com os seguintes trâmites: numa primeira fase, e como acontece com as outras unidades de trabalho, solicitado a cada aluno que proceda à sua auto-avaliação. Nesta auto-avaliação, ponto a ponto, os alunos indicam a nota que acham justa de uma forma qualitativa que varia entre: mau, suficiente, bom, muito bom. Após esta ponderação por parte de os alunos, e tendo em conta os critérios gerais de avaliação da disciplina de Oficina de Artes, os critérios definidos pela escola para a disciplina e ainda os critérios específicos da proposta, o docente atribui a nota final numa escala quantitativa que varia entre 0 e 20 valores.

Os critérios de avaliação apresentados na proposta foram os seguintes:

- Concepção do Diário Gráfico como instrumento de reflexão (guião ilustrado para desenvolvimento de um projeto individual).
- Capacidade de reutilizar estudos do Diário Gráfico para diversos fins comunicativos e expressivos.
- Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).

- Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos.
- Expressividade e qualidade de acabamento final.
- Originalidade e expressividade.
- Adequação das ferramentas e materiais na realização dos estudos e projeto final.
- Capacidade de pesquisa, concepção, planificação e representação bi e tridimensionais.
- Hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.
- Domínio das técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização de um projeto.

De seguida é apresentada a tabela da avaliação dos alunos para a unidade de trabalho IX. Tendo em conta os critérios de avaliação, previamente apresentados pelos docentes aos alunos, estes analisaram e classificaram, qualitativamente e item a item, o seu Diário Gráfico. Os valores da última coluna expressam a nota final atribuída pelos docentes, tendo (novamente) em conta os critérios de avaliação, a auto-avaliação dos alunos, e a suas percepções críticas decorrentes das observações efetuadas nas aula.

3.9. Avaliação da unidade de trabalho IX

Mestrado em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Orientador Cooperante: Professora Rita Rodrigues
Orientador Científico: Professor Doutor Vítor Magalhães
Mestrando: Márcio Serrado Fernandes

Oficina de Artes 12º Ano | Turma 13ª | Ano Letivo 2011 /2012

Aluno	VI/A			VI/B			Participação
	Estudos	Experiências	Final	Estudos	Experiências	Final	
2-Ana Carolina	Bom-	Bom+	16	Suf	Bom	14	Bom
3-Ana Cristina	Bom+	Bom+	16	Bom+	Bom+	16	MBom
4-Ana Filipa	Bom-	Bom+	15	Bom-	Bom	15	Bom
6-Carla Patrícia	Bom-	Bom+	16	Bom	Bom+	15	Bom+
7-Celso Correia	Insuf	Bom	12	Insuf	Suf+	12	Bom+
8-Cláudia Isabel	Bom+	Bom+	16	Bom	Bom+	15	Bom
9-Daniel Faria	MBom	MBom	18	Bom	Bom+	15	MBom
12-Jéssica Liliana	Bom+	Mbom	17	Bom+	Bom+	16	Bom+
13-Joana Patrícia	Bom	Bom	14	Bom+	Bom+	16	Bom
15-José Octávio	Suf-	Bom+	14	Bom	Bom	14	MBom
16-Laura Cristina	MBom	MBom	18	Bom+	Bom+	17	Bom
17-Leonícia Carolina	Suf	Suf+	13	Insuf	Suf	11	Bom
18-Pedro F. Afonso	Bom	Bom+	15	Bom	Bom	15	MBom
19-Sara Henriques	MBom	MBom	18	Bom+	Bom+	16	MBom
20-Jorge Fernandes	Bom-	Bom-	14	Insuf	Bom	12	MBom

Critérios de Avaliação (específicos desta unidade de trabalho)

1- Concepção do Diário Gráfico como instrumento de reflexão / Guião ilustrado para desenvolvimento de um projeto individual.

2- Capacidade de reutilizar estudos do Diário Gráfico para diversos fins comunicativos e expressivos.

3- Capacidade de pesquisa, concepção, planificação e representação bi e tridimensionais.

4- Hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental / Experiencial

5- Interpretação pessoal (expressividade) e efeito plástico global (organização e composição).

6- Adequação das técnicas e materiais à realização dos estudos.

7- Expressividade e qualidade de acabamento final /capa / livro-objecto

8- Originalidade e expressividade.

9- Adequação das ferramentas e materiais na realização dos estudos e projeto final.

10- Avaliação Global Crítica reflexiva. (sobre o processo de trabalho e produto final).

11– Avaliação da docente e mestrando (depois de diálogo reflexivo sobre metodologia e processo de trabalho, e resultado final)

4. Conclusões e recomendações futuras

Esta rápida mas estimulante experiência com o Diário Gráfico como instrumento pedagógico, permitiu retirar algumas conclusões que poderão vir a ser úteis para a preparação de unidades de trabalho relacionadas com o Diário Gráfico:

- É fundamental contextualizar junto dos alunos a importância e o papel que o Diário Gráfico poderá ter no desenvolvimento das suas capacidades.

- Através da contextualização histórica, demonstrar que o Diário Gráfico não é um conceito recente e que vem sendo utilizado desde sempre no contexto das artes.

- Mostrar diários gráficos de outros autores, e de outros alunos de diferentes níveis etários, revelou-se eficaz.

- Ajudar os alunos na seleção ou produção do caderno que estes irão utilizar como Diário Gráfico.

- Alertar para o facto da informação contida nos diários gráficos utilizados em contexto escolar, ser acedida pelos docentes e pelos colegas, e que desta forma perderá o seu carácter privado.

- Apesar da utilização do Diário Gráfico ter um carácter espontâneo e livre deverão ser dadas algumas diretivas e sugeridos exercícios e temáticas (integrá-lo numa proposta de trabalho) em especial para os alunos que têm dificuldades a iniciar.

- Os alunos deverão ser incentivados a utilizar o Diário Gráfico no seu dia-a-dia, para refletir, pesquisar e registar, acerca de todos os assuntos do seu interesse, e até em temáticas ou disciplinas que pouco ou nada se relacionem com as artes.

- Encorajar a utilização do Diário Gráfico como instrumento de registo não apenas do real (palpável) mas também de ideias e reflexões, através do desenho ou da escrita.

- Em especial quando utilizado em contexto de iniciação ao desenho, deixar espaço à experimentação, ao erro, permitindo ao aluno utilizar o Diário Gráfico de forma desinibida.

- Quando os diários gráficos dos alunos estiverem sujeitos a avaliação, os alunos deverão ser informados antecipadamente acerca dos critérios em que serão avaliados, e de quais as expectativas dos docentes.

- Deverão ser disponibilizados recursos didáticos, tais como bibliografia, ligações *Web* ou vídeos acerca do Diário Gráfico, alertando sempre para o facto deste material ter como objetivo a exemplificação do que poderá ser feito, e não qualquer tipo de caminho a ser seguido.

- Os docentes deverão acompanhar o processo de trabalho dos alunos no Diário Gráfico de forma regular, com o objetivo de detetar dificuldades e orientar no sentido de as superar.

- Não deverão ser impostos obstáculos quanto aos materiais e técnicas a utilizar, no entanto, os docentes deverão estar atentos à adequação dos mesmos. Em especial quando se tratam de colagens ou recolha de objetos, é fácil acontecer exageros, em especial quando os alunos tencionam fugir à representação.

- O docente deverá Incentivar o recurso a meios tecnológicos. Podem e devem ser utilizadas fotografias, fotocópias e ilustrações, que após impressas poderão ser utilizar para integrar os registos dos alunos. Neste capítulo da digitalização é importante contextualizar com exemplos de trabalhos e de processos.

- Tentar motivar os alunos (em especial os que continuarão em artes) a manter um Diário Gráfico e chamar a atenção para o facto deste ser um instrumento essencial no futuro para auto-análise da progressão ou para integração nos seus portfólios.

Com a finalidade de sondar a opinião dos docentes do grupo 600 acerca do que significa o Diário Gráfico, foi-lhes solicitado (via *e-mail*) que preenchessem um breve questionário.

4.1. Questionários a docentes do grupo 600

Questionário nº1

Nome do professor(a): Ricardo Caldeira

Estabelecimento de Ensino: Escola Básica e Secundária de Machico

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? É um suporte onde se regista visualmente e com frequência o que nos rodeia e o que imaginamos.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Criar ritmo de trabalho, prática de representação e domínio das técnicas, assim como aumentar e diferenciar a percepção visual.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Para "os alunos", mais do que o aspecto, serão os exercícios realizados o mais importante.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Um bom Diário Gráfico é aquele que o aluno faz com gosto e não por obrigação, com objectivos pessoais ou da disciplina, estruturado e com visualização de melhoria ao longo do percurso.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento global do currículo? O Diário Gráfico deve complementar ou ajudar os trabalhos realizados na sala. Poderá servir como suporte para estudos e tpcs.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: que níveis frequentam estes alunos? 9º/11º anos.

Quantas turmas? 2.

Quantos alunos? 36.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Sim. Na parte da investigação e realização de exercícios.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Não.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Não.

Questionário nº2

Nome do professor(a): Petra Rodrigues

Estabelecimento de Ensino: APEL

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? É um pequeno "livrinho preto" com as nossas aspirações, fantasias e mundos imaginários. Aqui podemos experimentar tudo, somos livres pois o espaço pertence-nos e não somos obrigados a partilhar as nossas visões.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? A criatividade, sem dúvida. O não ter medo de experimentar técnicas, representações ou formas conceptuais. É primordialmente a busca pelo teu eu artístico.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Não, o importante é andar com o "livrinho preto" e em qualquer parte retirar e no momento certo registar a tua criação.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Quando temos o privilégio de ver as folhas do "livrinho preto" e conseguimos ler a história do artista, por onde passou, o que viu, o que interpretou, o que estava a imaginar, a refletir durante aquele período.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? O Diário Gráfico permite-nos, por um lado, registar a evolução do nosso trabalho, seja técnico ou conceptual e por outro desenvolver a nossa mente criativa, um ingrediente essencial para uma actividade artística.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 12º ano.

Quantas turmas? 1.

Quantos alunos? 6 dos 11.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Na disciplina que lecciono, Materiais e Tecnologias, não foi dada nenhuma proposta de trabalho que incorporasse o Diário Gráfico como elemento de avaliação, no entanto a importância do mesmo foi muitas vezes reforçada com o exemplo da própria docente e livros de outros artistas.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 2 dos 11.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 1 dos 11.

Questionário nº3

Nome do professor(a): Rita Rodrigues

Estabelecimento de Ensino: Esc. Sec. Francisco Franco

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Registo de memórias visuais directas ou imagens / representações (desenhos, pinturas, colagens ...escrita) de realidades imaginárias que reflectem experiências, vivências, conhecimentos ... que permitem o encontro entre o fazedor/produtor (autor) e o seu caderno de interioridades, em forma de diálogo constante e sequencial entre o seu tempo e ritmo de vida e a sua disponibilidade técnica-expressiva. É uma arca de memórias gráficas, sem compromisso com os outros, e comprometido, sempre, com o seu autor.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? (Embora este ano a disciplina que leccione - História e Cultura das Artes - não desenvolva essa prática, embora essa prática fosse possível, costumo desenvolver unidades que culminam no Diário Gráfico em Desenho e Oficina de Artes), por isso, entendo que o Diário Gráfico na vida prática do aluno do secundário é uma forma de exercitar o pensamento / raciocínio como meio de observação do real e /ou do imaginário, em forma de viagens em movimento e / ou fixas. É também uma forma de se relacionar com diversas técnicas de representação, dialogar com o suporte, imaginar e projectar .... essencialmente, é uma forma de pensar, reflectir, dialogar

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Independentemente da dimensão (pequena, média, grande) ou formato (rectangular, quadrangular, circular ...), o aspecto visual deverá corresponder às experiências do autor numa relação directa entre o suporte, o tempo e a experiência da representação, ficando "memorizando" o instante, o forma de pensar ou simplesmente o modo de olhar um lugar, uma pessoa ... ou uma fuga à(s) realidade(s) ... O grau de importância do aspecto visual gráfico deverá ser proporcional à utilidade que o autor dar ao sue próprio diário ... na sua relação íntima.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? A autenticidade do autor, das suas visualidades, das suas memórias, das suas experiências gráfico-expressivas .... quando corresponde à imagem do autor, ou seja, à sua forma de pensar e agir perante outras realidades ... Um Diário Gráfico não poderá ser um objecto extra à prática da vida do autor, não é um mero exercício ... é um pedaço de vida (pelo menos para quem desenvolve naturalmente a sua prática).

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? Especialmente nas disciplinas práticas é uma mais valia no desenvolvimento das diversas experiências técnicas que experienciam ideias, projetos, ... É uma forma de sedução entre o suporte e as mensagens que se registam com desenhos (no mais lato sentido), com anotações verbais que completam raciocínios, ideias ... mas nem tudo terá de ser concreto ou até descodificável ... O Diário Gráfico permite o desenvolvimento de um processo de trabalho ... ou de descobrir processos de trabalho.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Não.

Questionário nº4

Nome do professor(a): Vítor Neves

Estabelecimento de Ensino: Escola Básica e Secundária de Machico

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Para a disciplina de Educação Visual nos sétimos e oitavos anos o Diário Gráfico é um conjunto trabalhos que deverá ser efectuado fora da aula. Este trabalho para casa, a sua temática e técnicas utilizadas são livres, excepto quando lhes é pedido algo especifico. Por exemplo, se um aluno está a aprender as noções de perspectiva, faz sentido pedir ao aluno que faça no Diário Gráfico desenhos de observação de edifícios, da sua escola, da casa, do quarto.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? O objectivo é levar o aluno a praticar o desenho e aspectos vários da disciplina em causa.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? É importante a qualidade dos trabalhos assim como a quantidade.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Um bom Diário Gráfico é aquele que contém tudo o que foi pedido pelo professor e mais trabalhos extra, com qualidade.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? Acrescenta valor porque o aluno tem oportunidade de praticar aquilo que foi desenvolvido na aula . Não facilita o cumprimento do currículo porque como o controlo sobre quem realmente efetua os trabalhos é difícil, não poderão ser pedidos trabalhos que incluam conteúdos que não foram desenvolvidos primeiro na aula. A avaliação dos conteúdos deverá ser realizada no âmbito da sala de aula.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 7º e 8º anos.

Quantas turmas? 2 turmas de 7ºano e 6 de 8º ano.

Quantos alunos? média de 25/turma.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Não é um dado fundamental para a avaliação, pela mesma razão apresentada anteriormente (impossibilidade de saber quem realizou os trabalhos), mas está incluído nos critérios de avaliação.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Não.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Não.

Questionário nº5

Nome do professor(a): São Gonçalves

Estabelecimento de Ensino: Escola secundária Francisco Franco

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Registos diários feitos em pequenos cadernos portáteis.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Registar diariamente toda uma série de experiências. Desenhar, registar, escrever tudo o que possa até parecer mais estranho.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Muito importante.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? A informação que contém e a sua futura utilização em diferentes trabalhos.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? A criação de um Diário Gráfico tem grande utilidade para os alunos, vocacionados ou não para a área das artes visuais, tornando-os mais atentos, mais observadores, com mais vontade de experimentar e com mais gosto pelo registo sistemático do seu quotidiano.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 12º ano.

Quantas turmas? 2.

Quantos alunos? 30.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Diário Gráfico é avaliado e analisado, tanto no aspecto técnico/materiais como em que circunstâncias, de que modo, que tipo de "coisas" são registadas.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 20 alunos

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 30 alunos do curso de multimédia.

Questionário nº 6

Nome do professor(a): Sónia Alexandra Franco

Estabelecimento de Ensino: EB 2º, 3º Ciclos São Roque

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Uma sebenta/ máquina com a qual não saímos de casa onde registamos graficamente tudo o que nos sensibiliza ou desperta.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Mais uma ferramenta de trabalho. Despertar constante de todos os sentidos. Fomentar o domínio da técnica (desenho, pintura).

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Sempre! Em arte tudo conta, o suporte pode ser modesto, mas o conteúdo riquíssimo.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Diversidade de temas; Domínio das técnicas; Expressividade; Diversidade das técnicas exploradas; Apresentação limpa e cuidada.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? Mais uma ferramenta de trabalho (desperta constante de todos os sentidos, fomenta o domínio da técnica: desenho, pintura. A arte pode estar em todo o lado (diário digital ou em formato papel).

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Não.

Questionário nº 7

Nome do professor(a): Hugo Miguel Gonçalves

Estabelecimento de Ensino: Associação Promotora de Ensino Livre

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? O Diário Gráfico é um registo feito em pequenos cadernos portáteis, que se podem desenhar de uma maneira sistemática e quase obsessiva durante o quotidiano. Um Diário Gráfico é normalmente um espaço de reflexão e de exploração gráfica, técnica, expressiva e criativa.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Os diários gráficos são importantes, na medida em que se desenvolvem momentos criativos e inovadores. Estes espaços gráficos não encerram nas propostas e nos objectivos programáticos lecionados em aula, por isso os alunos podem explorar vários caminhos artísticos.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? O impacto visual que o Diário Gráfico poderá ter no observador é extremamente importante, visto que o interesse em "deambular" por ele, parte da primeira percepção que obtemos da sua apresentação. A expressão presente no Diário Gráfico é relevante, pela dimensão criativa e laboratorial das cores, das técnicas e das formas.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Um "bom Diário Gráfico" é aquele que explora várias técnicas e várias formas. Creio que no fundo é aquele que revela de uma forma destemida a capacidade expressiva, narrativa e criativa. A correlação imagética é muito relevante, visto que um Diário Gráfico é um percurso contínuo e progressivo dentro do contexto da aprendizagem. Os primeiros desenhos feitos são tão importantes como os "últimos", no entanto deverão conter expressões dos primeiros. A harmonia no Diário Gráfico é a consistência de um caminho artístico.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? O currículo não se encerra

por si próprio, creio de precisa de um complemento e o Diário Gráfico vem colmatar as lacunas de ordem expressiva e criativa, que muitas das propostas programáticas apresentam. As referências são importantes, mas mais relevantes são as referências que se criam no Diário Gráfico, a figuração e a imagética que se propõe em torno de uma série de trabalhos livres e artísticos. Os alunos normalmente colocam-se em "zonas de conforto", e para saírem delas é muito complicado e o programa por vezes apresenta a manutenção desses lugares de conforto, técnico e criativo. O Diário Gráfico possibilita a ruptura e a desconstrução de conceitos académicos e perenes, assim define-se este espaço exploratório, como uma invocação a outras soluções expressivas e uma fuga a lugares comuns no desenho.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 11º ano

Quantas turmas? 2

Quantos alunos? 15

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Sim, pela importância que representa no desenvolvimento cognitivo e plástico-visual. O percurso pedagógico que o aluno faz é mensurável em vários itens, inequivocamente o Diário Gráfico não é excepção, no entanto a capacidade de liberdade e de inovação é calculada pelos registos gráficos realizados.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 3.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Quantos alunos o fazem? 1.

Questionário nº 8

Nome do professor(a): Paulo Ladeira

Estabelecimento de Ensino: Escola B e S. Padre Manuel Álvares

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Registar com assiduidade num suporte (desde um simples bilhete, suporte digital ou caderno organizado...) uma ideia ou algo que observamos.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Motivar o gosto pelo grafismo, registar ideias / pensamentos.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Não. O que interessa é registar / rabiscar. Embora um diário com bom aspecto seja melhor que um diário com mau aspecto.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? Registar os grafismos, segundo os objectivos de cada autor.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? Liberta os alunos que às vezes têm "medo" de desenhar.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Não

Questionário 9

Nome do professor(a): Filipe António

Estabelecimento de Ensino: Escola da APEL

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Na minha opinião um Diário Gráfico consiste num suporte móvel, normalmente em papel ou cartão (mais recentemente tem-se optado por suportes digitais, tais como os tablets) de pequena dimensão, em que se possa registar graficamente (desenho e/ou escrita) experiências do quotidiano, ideias, pensamentos, segredos, sonhos, objectivos, emoções, projetos, etc...

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? A principal vantagem é termos sempre à mão um suporte que permita registar O MOMENTO. Por vezes deixamos escapar MOMENTOS que depois se vão esquecer e perder no tempo.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? O aspecto visual de um Diário Gráfico é fundamental. Ele deverá refletir a personalidade do seu criador.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? A qualidade gráfica dos registos será o mais importante, no entanto, destaco outros aspectos a ter em linha de conta, tais como, a originalidade, criatividade, diversidade, carisma, textura, cheiro, ou talvez quem sabe...Sabor...

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? Julgo que o facto de ter algo que acompanha sempre os alunos, pode ajudar a focalizar e organizar conteúdos leccionados nas aulas, assim como manter os sentidos apurados.

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 12º ano.

Quantas turmas? 1.

Quantos alunos? 16.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? Não existe uma classificação para o Diário Gráfico, pois é facultativo, por isso nem todos os alunos o possuem. Os que têm, de uma forma geral, demonstram ao longo do ano uma maior consolidação de conhecimentos, e maior espírito de iniciativa.

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vetorização ou utilização em *blogs*)? Não.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, *ipad* ou outro)? Não.

Questionário nº 10

Nome do professor(a): Anónimo

Estabelecimento de Ensino: Anónimo

Na sua óptica o que é um Diário Gráfico? Um Diário Gráfico ou, como referem no meio científico um "caderno de campo" é, no meu entender, um livro ou caderno com páginas livres para esboçar, desenhar, colar objetos, pintar; enfim um suporte para diversos tipos de registo e com um formato tal que nos apeteça a trazer sempre connosco.

Qual o seu objectivo ao motivar a sua implementação? Estimular e criar o hábito para a prática do desenho sistemático e descomprometido.

O aspecto visual do Diário Gráfico será importante? Sim, creio que o "dono" deve gostar deste objecto, deve dizer-lhe algo. A escolha do diário é já em si um passo para que exista um sentimento de companhia inseparável, para que se procure todos os dias passear sobre as suas páginas, preencher os seus espaços, dizer-lhe algo.

O que faz de um Diário Gráfico um "bom Diário Gráfico"? A espontaneidade dos registos. A fluidez dos traços e das manchas mas também a multiplicidade de temáticas, pois tudo ali funcionará como estudos e quanto mais forem diversificados tanto melhor. No meu caso pessoal privilegio também o texto.

Em que medida a criação de um Diário Gráfico, por parte dos alunos, poderá acrescentar valor e facilitar o cumprimento do currículo? -

Os seus alunos utilizam Diário Gráfico? Sim.

Se respondeu "Sim" na pergunta anterior indique: Que níveis frequentam estes alunos? 10º e 11º ano.

Quantas turmas? 1 de cada.

Quantos alunos? 10 e 15 respectivamente.

O Diário Gráfico é utilizado como um dos itens ou dados fundamentais no processo de aprendizagem e avaliação / classificação dos seus alunos? sim, no final de cada período este instrumento de avaliação é contabilizado em 5%. pois o mesmo é

analisado em vários itens: número de registos, expressividade, temáticas desenvolvidas, desenho das formas, e outros...

Algum dos alunos converte os conteúdos do seu Diário Gráfico em formato digital (Digitalização para posterior vectorização ou utilização em blogs)? EU própria o faço partilhando on-line os trabalhos dos alunos. Já cheguei a ser contactada internacionalmente pela qualidade do blog.

Algum dos seus alunos possui um Diário Gráfico digital? (Cria diretamente num computador, ipad ou outro)? Não.

4.2. Conclusões acerca dos inquéritos realizados aos docentes do grupo 600

No que diz respeito à definição de Diário Gráfico, todos os docentes referiram: um caderno, ou em alternativa um objeto digital, com formato que permita uma grande portabilidade e versatilidade, que esteja sempre disponível para o registo do quotidiano.

Relativamente à importância destes cadernos e aos fatores motivadores da sua implementação, os docentes fazem referência aos mais diversos benefícios: criação de ritmo de trabalho através de uma prática sistemática descomprometida e frequente da reflexão da escrita e do desenho, a liberdade da experimentação e do erro, o contributo para a descoberta do "Eu" artístico, o registo de memórias visuais da realidade ou de mundos imaginários (mundos possíveis); a adaptação (devido à portabilidade e disponibilidade técnico-expressiva) do seu carácter sequencial ao ritmo de vida e de produção do autor, o compromisso; a estimulação da criatividade; da reflexão e do raciocínio; a possibilidade de utilizar e relacionar diversas técnicas de representação; a possibilidade de utilizar o diário de forma não compartimentada (relacionar com outras atividades, saberes e disciplinas); o registar e pensar "fora da caixa" – registar o incomum /o inesperado; possibilidade de interligar o desenho com a escrita.

No que concerne ao aspecto visual do Diário Gráfico, é de notar algumas opiniões contraditórias entre os docentes: embora todos considerem que o importante são as atividades que os alunos desenvolvem no Diário Gráfico, alguns também atribuem relevância ao seu aspecto físico. Este facto deve-se provavelmente à ideia pré-concebida e, de certa forma, comercial de se associar aos diários gráficos um aspecto impecável e que espelhe o talento do respetivo autor. Num contexto escolar, esta característica do apelativo ou do belo, poderá ficar para segundo plano, de outra forma, os alunos serão

tentados a eliminar registos que julgam menos bem executados ou desagradáveis aos olhos dos docentes e colegas. Ora se o que se pretende é um espaço aberto ao erro e à experimentação, o aspecto do diário deverá ser colocado em segundo plano, em prol do trabalho e das experiências neles desenvolvidas.

Os docentes indicam que um bom Diário Gráfico, é aquele que o aluno desenvolve motivado e não por imposição e em que o consegue interligar com atividades de outras disciplinas. O diário em que é observável a autenticidade dos registos, no sentido em que se lhe associa autoria, em que é identificável a vida do autor, sendo desta forma reconhecível uma utilização e prática natural, a possibilidade de utilização futura dos seus conteúdos.

Indicam também: a diversidade de temas e de técnicas, o domínio das técnicas, a expressividade, a narrativa, a originalidade, a criatividade, a diversidade, o carisma, e espontaneidade dos registos gráficos e dos textos.

Quanto ao contributo do Diário Gráfico para o acréscimo de valor e facilitação do cumprimento do currículo, os docentes referem que o Diário Gráfico deverá complementar outras atividades escolares. Indicam também a vantagem da possibilidade de acompanhar o desenvolvimento técnico/conceptual de exercícios e/ou propostas, e que poderá ser um desinibidor no que diz respeito ao desenho.

Referem igualmente, a possibilidade do Diário Gráfico vir colmatar as lacunas de ordem expressiva e criativa, que muitas das propostas programáticas apresentam.

Quanto à sua utilização como instrumento de avaliação/classificação, conclui-se que o Diário Gráfico é avaliado em algumas disciplinas de índole prática relacionadas com as artes (Desenho e Oficina de Artes), que a sua classificação ainda tem pouca expressão quantitativa (5%) e que nesta avaliação são considerados itens como: número de registos, expressividade, temáticas desenvolvidas, desenho das formas, entre outros. Nas outras disciplinas a utilização do diário é facultativa, mas os professores reconhecem que os alunos que o utilizam de forma voluntária, demonstram à partida uma maior consolidação de conhecimentos e maior espírito de iniciativa.

Um dos docentes levanta a questão da autoria dos registos não poder ser confirmada. Apesar de pertinente, esta questão poderá ser ultrapassada se o docente acompanhar o desenvolvimento dos registos e reservar algum tempo letivo (se tal for possível) para o trabalho no Diário Gráfico na sala de aula.

4.3. Questionários aos alunos do 12º 13

Tendo já questionado os docentes, tornou-se pertinente obter as opiniões dos alunos relativamente ao Diário Gráfico. Para este efeito, foi elaborado um formulário *on-line* com características semelhantes ao que foi disponibilizado aos docentes.

Questionário nº 1

Aluno(a): Cláudia Vieira

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Sim, no 11º ano. Mas foi algo que não gostei de fazer. Porque quem decidia o que desenhávamos lá era a professora.

Antes da Proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não, tive um Diário Gráfico que usava no 10º ano, mas depois com o Diário Gráfico do 11ºano deixei isso um bocadinho de lado.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Com o Diário Gráfico consegui melhor bastante a minha expressividade. Consegui soltar-me mais e consegui também melhorar o desenho da figura humana. Acho que não houve espetos negativos, porque não tínhamos nenhum tema que condicionasse as nossas ideias.





Figuras 85 e 86 - Diário Gráfico da aluna Cláudia Vieira.

Questionário nº 2

Aluno(a): Pedro Afonso

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Não.

Antes da Proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. São só aspectos positivos a meu ver pois criou-me um vício e gosto pelo Diário Gráfico, pois aprendi que no Diário Gráfico não tenho que ter só desenhos, posso pôr qualquer coisa lá, fez-me pôr os meus sentimentos na arte e fazer coisas que gosto comecei a ganhar gosto por desenhar e pela arte pois pude "fugir" do desenho e fazer coisas mais plásticas.



Figuras 87 e 88 - Diário Gráfico do aluno Pedro Afonso.

Questionário nº 3

Aluno(a): Joana Fernandes

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Já tinha utilizado o Diário Gráfico como t.p.c não como a proposta nos foi apresentada.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não regularmente, mas semanalmente talvez.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Aspectos positivos: permitiu-nos desenvolver algo mais pessoal e livre, podendo mostrar mais expressividade e como gostamos realmente de desenhar. Aspectos negativos: o único aspecto negativo possível foi o da "restrição" do meu tema, pois é um tema muito extenso. De resto não encontro pontos negativos à unidade de trabalho.





Figuras 89 e 90 - Diário Gráfico da aluna Joana Fernandes

Questionário nº 4

Aluno(a): Daniel Faria

J**á tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico?** Já tinha realizado, mas deste género não. O Diário Gráfico nas propostas anteriores eram sempre algo para complementar aquilo que tinha sido realizado ou iríamos realizar na aula. Deste tipo, de realizar um completamente livre e dentro de uma unidade de trabalho ainda não tinha.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Sim, eu utilizo Diário Gráfico desde 2009, e não consigo não ter um. Já se tornou quase como um vício / *hobbie*. Gosto muito de ter sempre um, para a criação de imagens/textos.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Para mim, não consigo ver aspectos negativos nesta proposta, muito sinceramente. Utilizei o meu como diário de viagem e para mim foi espetacular. Fez com que agora tenha a memória do que fiz e por onde passei. Na altura fez também com que estivesse mais atento por onde passasse, na recolha de papéis e até mesmo de elementos naturais, que como já disse, fico com essas memórias e com objetos. Algo que durará como sendo a minha primeira viagem e faz com que não me esqueça de nada.





Figuras 90 e 91 - Diários gráficos do aluno Daniel Faria.
Em cima Diário Gráfico, em baixo Diário de Viagem.

Questionário nº 5

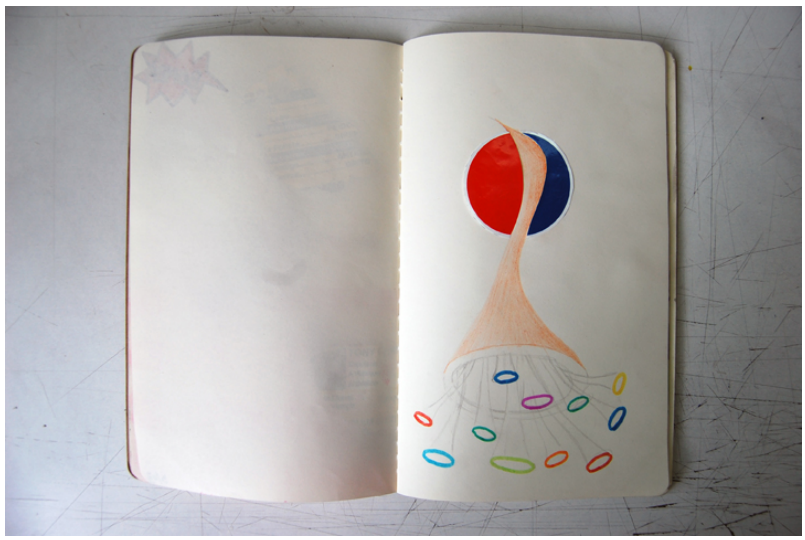
Aluno(a): Celso Gouveia

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Não.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Aspectos positivos: esta proposta fez com que eu usasse pela primeira vez um Diário Gráfico que serviu para registar algumas ideias que até são interessantes e que podem ser usados para um trabalho futuro. Fiz coisas nesta proposta que nunca tinha feito (se calhar já tinha pensado mas nunca pus na prática) como por exemplo a colagem de marcas (coca-cola , 7up,...) e manipula-las com elementos que elas apresentam. Aspectos negativo: penso que não há.





Figuras 92 e 93 - Diário Gráfico do aluno Celso Gouveia.

Questionário nº 6

Aluno(a): Laura Ferreira

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Sim.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Para mim os aspectos mais positivos desta unidade de trabalho é o facto do Diário Gráfico em si contribuir sobretudo para o desenvolvimento de capacidades e de exploração de várias técnicas, podendo utilizar diferentes processos de representação, sendo também um instrumento de reflexão e de exploração, incentivando à criatividade e expressividade. Para além da apresentação do Diário Gráfico no website 12treze.com, que contribuiu para a divulgação do mesmo.



Figuras 94 e 95 - Diário Gráfico da aluna Laura Ferreira.

Questionário nº 7

Aluno(a): Ana Lopes

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Sim.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Um dos aspectos positivos foi ajudar ainda mais os conhecimentos que tinha sobre e para que serve um Diário Gráfico e quanto a importância de utiliza-lo como um "objecto" pessoal porque serve para expressar os nossos sentimentos ou até como estamos no nosso dia a dia ou não... aspecto negativo não tem...na minha opinião.





Figuras 96 e 97 - Diário Gráfico da aluna Ana Lopes.

Questionário nº 8

Aluno(a): Jéssica de Freitas

Já tinha realizado uma unidade de trabalho com o Diário Gráfico? Sim.

Antes da proposta IX costumava usar regularmente o Diário Gráfico? Não.

Aponte aspectos positivos e aspectos negativos da unidade de trabalho IX - Diário Gráfico. Aspetos positivos: desenvolvimento dos estudos gráficos, evolução nas técnicas, Aspetos negativos: um pouco de pressão.



Figuras 98 e 99 - Diário Gráfico da aluna Jéssica de Freitas.

4.4. Conclusões acerca dos inquéritos realizados aos alunos

Da análise dos questionários realizados, é possível concluir que os alunos manifestam interesse no objeto "caderno diário", o que aliás foi também verificado no empenho

4.5. Considerações finais

Todos reconhecemos que a escola e a educação desempenham desde sempre um papel fundamental para a sociedade. As dificuldades e as incertezas da época que estamos a vivenciar, realçam ainda mais essa importância.

Hannah Arendt citada por Pombo (2000:43), relembra:

> *" A escola é antes a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tornar possível a transição da família para o mundo"*

Neste breve contacto com os alunos, foi possível constatar o lado positivo de uma jovialidade mais informada e prudente, mas foi impossível ignorar uma falta de confiança no futuro e, na maioria dos casos, uma ausência de planos e perspetivas. Dada a conjuntura atual, os professores nesta década terão que, para além das habituais funções já desempenhados, acumular um papel positivista e demostrar que o mundo continua cheio de possibilidades.

Tal como refere Edgar Morin (2002:18) temos de ensinar a "Afrontar as incertezas":

> *"O carácter doravante desconhecido da aventura humana devem incitar-nos a preparar os espíritos para esperar o inesperado e afrontá-lo. É necessário que todos aqueles que têm o cargo de ensinar se apresentem como postos avançados da incerteza dos nossos tempos"* Morin (2002:18)

Detetou-se que ainda existe um grande trabalho por desenvolver no sentido de atribuir às artes a devida importância. Se a maioria dos professores demonstra e comprova o papel primordial das artes, grande parte da comunidade educativa continua a não perceber a função dos professores de artes, confundindo os tempos letivos destinados a estas como lazer, terapia ou momentos para preparação da decoração de épocas festivas.

Cabe aos novos professores prosseguir com o compromisso pedagógico e bem fundamentado, a par das devidas reformulações que surgirão no futuro.

O futuro do ensino das artes residirá em currículos que perpetuem a boa preparação dos alunos para as áreas expressivas das artes e criativas das artes, como o design, a arquitetura, a fotografia, o cinema, etc... mas que acentuem a interligação dos dois ramos referidos anteriormente, através das novas tecnologias, de uma forma mais organizada e concreta.

As novas disciplinas ligadas à tecnologia deverão dar um novo rumo ao ensino das artes, marcando um ponto de viragem e possibilitando a criação de novos currículos, com o intuito de munir os alunos de ferramentas mais eficazes para o mercado de trabalho.

O professor de artes de hoje deverá preparar os futuros operadores artísticos e fruidores, mas também educar para a cidadania, que é o mesmo que dizer ensinar a ter consciência e respeito pelo próximo.

> *"Ninguém pode ser bom professor sem o sentimento de uma calorosa afeição pelos seus alunos e sem o desejo genuíno de partilhar com eles aquilo que para si próprio é um valor"*
> Bertrand Russell (citado por Pombo 2000:79)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. (1976). *A Educação Estético – Visual no Ensino Escolar*. Lisboa: Livros Horizonte.

AUGÉ, M. (2005). *Não lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Bertrand Editora, Lda., Portugal.

BARBOSA, *A. (*1991). *Imagem no Ensino da Arte: anos 80 e novos tempos,* 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

BARBOSA, J. & ALAIZ, V. (1994). *Explicitação de Critérios - exigência fundamental de uma avaliação ao serviço da aprendizagem* in *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*, Lisboa: IIE.

BRERETON, R. (2009). *Sketchbooks: The Hidden Art of Designers, Illustrators & Creatives*, London: Laurence King.

BONO, E. (2005). *O pensamento lateral*. Lisboa: Pergaminho.

BROADFOOT, P. (1979). *Assessment, schools and society*. London: Methuen Publishing

BRONOWSKI, J. (1973). *Arte e conhecimento ver, imaginar, criar*. Lisboa: Edições 70, Arte e Comunicação.

CLARK, K. (1998). *Henry Moore's Sheep Sketchbook .* London: thames and Hudson.

CUNHA, R. (1977). *Criatividade e processos cognitivos*. Editora Vozes.

CUNHA, S. (1989). *Manhattan Transfer*, Lisboa: Círculo de Leitores.

JOUBIN, A. (1984). *E. Delacroix: viaje a Marruecos y Andalucia - cartas*. Barcelona: Ed. José J. de Olañeta,

LAPANCHE, J. & PONTALIS, J.B. (1988). *The Language of Psychoanalysis.* London*:* Hogarth Press.

LUPTON, E. (2008). *Indie Publishing: How to design and produce you own book*, Princeton Architectural Press.

MASSIRONI, M. (1982). *Ver pelo desenho - Aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*, Lisboa: Edições 70.

MORIN, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget.

NUNZIATI, G. (1990). *Pour construire un dispositif d'évaluation formatrice.* Cahiers Pédagogiques.

READ, H. (1982). *A Educação pela Arte*, Lisboa: Edições 70.

PASSOS, J. (1925). *Manhattan Transfer*. Lisboa: Editorial Presença.

POMBO, O. (2000). *Hannan Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell, Ortega y Gasset: Quatro Textos Excęntricos.* Lisboa: Relógio D´Água Editores.

SALAVISA, E. (2008). *Diários de Viagem, desenhos do quotidiano, 35 autores contemporâneos*, Lisboa: Quimera Editores.

Bibliografia dos excertos entregues aos alunos para a proposta IV

ANDRADE, I. (2001). *Protesto e Canto de Atena*. Leiria: Editorial Diferença.

BAPTISTA, J. (1976). *Deste Lado Onde*. Lisboa: Assírio & Alvim.

FOURNIER, A. (2010). *Ilha Portátil*. Editora 7 dias e 6 noites. Portugal.

HÉLDER, H. (2008). *A Faca Não Corta o Fogo: Súmula & Inédita*. Lisboa: Assírio & Alvim.

JARDIM, T. (2010). *Jogos Radicais*, Lisboa: Assírio & Alvim.

MENDONÇA, J. (2001). *De Igual para Igual*, Lisboa: Assírio & Alvim.

MOUTINHO, J. (1997). *O Amoroso*, Lisboa: Campo das Letras Editores.

Documentos e Revistas

Aprender a Ler Arte: A Arte de livros de artistas, Revista *The New Bookbinder* vol. 13, 1993.

RAMOS, A. et al. (2002). Programa de 11º e 12º anos de Desenho A. Ministério da Educação Departamento do ensino secundário - Programa de Desenho 11º e 12º Anos Curso Científico-humanístico de Artes Visuais.

RODRIGUES, R. (2011). *Património Artístico Madeirense: O Espaço da Obra de Arte (Plástica) e dos seus Operadores Estéticos - O quê, Quem e Como Deve* (?) Integrar os Programas Curriculares. Revista Portuguesa de Educação Artística, nº1 , pag.53 - pag.60 Camarate, SRFC/GCEA.

SALAVISA, Eduardo; Mendes Carlos (2009). *Diários Gráficos desenho em cadernos* Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

Outra Bibliografia consultada

BARBOSA, Pedro (1995). *Matamorfoses do real: arte, imaginário e conhecimento estético.* Porto: Edições Afrontamento.

BEUYS, joseph (2010). *Em cada homem um artista*. Porto: Editora 7 NÓS.

BODEN, Margaret (1999). *Dimensões da criatividade*. São Paulo: Artmed.

CALVINO, Italo (1990). *Seis propostas para o próximo milénio*. Lisboa: Editorial Teorema.

CANÁRIO, Rui (2006). *A escola do Futuro: das promessas às incertezas.* Porto Alegre: Armed

CAPACCHIONE, Lucia (1989). *The creative journal for children: a guide fro parents, teachers, and counselors.* Boston: Shambhala publications.

CORTEZÃO, luzia (2001). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na educação.* Porto: Edições Asa.

FREIRE, Paulo (1975). *Pedagogia do Oprimido.* Porto: Edições Afrontamento.

FREIRE, Paulo (2000). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática pedagógica.* São Paulo: Paz e terra, 2000.

GREGORY, Danny (2003). *Everyday matters: a new york diary.* New York: Priceton Architectural press

JOLY, Martine (2007). *Introdução à análise da imagem.* Lisboa: Edições 70.

LISTA DE FONTES E DE FIGURAS

Fig. 01 – Ilustração de propaganda nazi.
http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/BDM.html

Fig. 02 – Ilustração de propaganda britânica.
http://en.wikipedia.org/wiki/Keep_Calm_and_Carry_On

Fig. 03 – Ilustração publicitária Portuguesa.
http://eu.art.com/gallery/id--a320/posters-prints.htm

Fig. 04 – Ilustração publicitária Coca-Cola.
http://www.thecoca-colacompany.com/heritage/cokelore_santa.html

Fig. 05 – Ilustração Carla Cabral.
http://galeriadosprazeres.blogspot.pt/2009_07_01_archive.html

Fig. 06 – Ilustração Paulo Vieira
http://www.buscarov.com/

Fig. 07 – Texto de António Fournier: *Férias de Agosto.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 08 – Texto de Herberto Hélder: *Se houvesse degraus na terra...*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 09 – Texto de Irene de Andrade: *Repara.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 10 – Texto de José Viale Moutinho: *O amoroso.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 11 – Texto de José Agostinho Baptista: *Fim.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 12 – Texto de Teresa Jardim: *Crime Perfeito.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 13 – Texto de J. Tolentino Mendonça: *Os amigos.*
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 14 - Índice dos poemas selecionados pelos alunos.
imagem de documento produzido pelo mestrando relativo à proposta IV

Fig. 15 – Trabalho da aluna Carolina Figueira.

Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 16 – Trabalho da aluna Ana Cristina.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 17 – Trabalho da aluna Ana Filipa.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 18 – Trabalho da aluna Carla Patrícia.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 19 – Trabalho do aluno Celso Gouveia.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 20– Trabalho da aluna Jéssica Freitas.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 21 – Trabalho do aluno Daniel Faria.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 22– Trabalho da aluna Jéssica Freitas.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 23 – Trabalho da aluna Joana Fernandes.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 24 – Trabalho do aluno Octávio Jesus.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 25 – Trabalho da aluna Laura Ferreira.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 26 – Trabalho do aluno Pedro Afonso.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 27 – Trabalho da aluna Sara Henriques.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 28 – Trabalho do aluno Jorge Deus.
Fotografia do trabalho referente à proposta de IV

Fig. 29 – Anúncio do concurso literário e de ilustração organizado pela CMF.
Diário de Notícias da Madeira 15 de Janeiro de 2012

Fig. 30 – Trabalho da aluna Sara Henriques, vencedora do 3º prémio do concurso da CMF.

Fotografia do trabalho referente ao concurso da C.M.F

Fig. 31 – Trabalho do aluno Daniel Faria, atribuição de uma mensão honrosa.
Fotografia do trabalho referente ao concurso da C.M.F

Fig. 32 – Entrega de prémios na CMF.
Fotografia referente ao concurso da C.M.F

Fig. 33 – Alunos vencedores e professora cooperante.
Fotografia referente ao concurso da C.M.F

Fig. 34 – Cartaz do evento evento "encontro com a ilustração.
Cartaz do evento Encontro com a ilustração, produzido pelo mestrando.

Figuras 35, 36 e 37 – Fotografias do evento "encontro com a ilustração.
Fotografias do evento "Encontro com a ilustração", organizado pelo mestrando.

Figuras 38, 39, 40 e 41 – Formação no Atelier de Design Akiagato.
Fotografias da Formação no atelier de design Akiagato.

Fig. 42 – Aula de Oficina de Artes.
Fotografias do decorrer das aulas na Escola secundária Francisco Franco.

Fig. 43 – Aula de Oficina de Artes.
Fotografias do decorrer das aulas na Escola secundária Francisco Franco.

Fig. 44 – Aula de Oficina de Artes.
Fotografias do decorrer das aulas na Escola secundária Francisco Franco.

Fig. 45 – Aula de Oficina de Artes.
Fotografias do decorrer das aulas na Escola secundária Francisco Franco.

Fig. 46 – Artigo do diário de Notícias da Madeira publicado no dia 15 de Janeiro de 2012.
Diário de Notícias da Madeira 15 de Janeiro de 2012

Figuras 47 e 48 – Cartaz para promoção do simpósio e fotografia do evento.
Cartaz e fotografia referentes ao Simpósio John Dos Passos.

Fig. 49 - Professora Doutora Lisa Nanney, estudiosa de literatura americana.
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escolar secundária Francisco Franco.

Fig. 50 – Alunos convidados da escola da APEL.
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escolar secundária Francisco Franco

Fig. 51 – Alunos convidados da escola da APEL.
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escola secundária Francisco Franco

Fig. 52 - Professor Catedrático Mário Avelar (de perfil).
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escolar secundária Francisco Franco

Fig. 53 - Mestrando e Jornalista do Jornal da Madeira.
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escolar secundária Francisco Franco

Fig. 54 - Prof. Doutora Lisa Nanney e Dra. Susana Caldeira responsável pelo C.C. John Dos Passos.
Fotografia referente à inauguração da Exposição "John Dos Passos" na galeria da escolar secundária Francisco Franco

Fig. 55 - Trabalhos digitais do 12º13.
Fotografia referente à inauguração da Exposição Exposição *Manhattan Transfer* no Hotel Porto Mare

Fig. 56 - Aluna do 12º 13 fala sobre o seu trabalho.
Fotografia referente à inauguração da Exposição Exposição *Manhattan Transfer* no Hotel Porto Mare

Fig. 57 - Cartaz do evento.
Imagem referente à exposição “A Arte em John Dos Passos - Centro Cultural John Dos Passos”.

Fig. 58 - Trabalho de uma aluna do 12º13.
Fotografia referente à exposição “A Arte em John Dos Passos - Centro Cultural John Dos Passos”.

Fig. 59 -Trabalhos de alunos da escola da APEL.
Fotografia referente à exposição “A Arte em John Dos Passos - Centro Cultural John Dos Passos”.

Fig. 60 - Exposição *“Mostra sff”*, em Santana.
Fotografia referente à exposição "Mostra FF" - Casa da Cultura de Santana

Fig. 61 – Exposição “Mostra sff”, em Santana.
Fotografia referente à exposição "Mostra FF" - Casa da Cultura de Santana

Fig. 62 - Exposição “*Mostra sff”*, em Santana.
Fotografia referente à exposição "Mostra FF" - Casa da Cultura de Santana

Fig. 63 - Exposição *“Mostra sff”*, em Santana
Fotografia referente à exposição "Mostra FF" - Casa da Cultura de Santana

Fig. 64 - Eugène Delacroix . A preparação de um casamento judeu.
http://diario-grafico.blogspot.pt/2007/11/os-artistas-plsticos-e-o-dirio-grfico-3.htm

Fig. 65- John Ruskin, "The Chateau of Neuchatel at dusk, with Jura mountains beyond" 1866.
http://www.historiasztuki.com.pl/62_W19_MAL_RUSKIN.html

Fig. 66 - Pablo Picasso, capa do caderno, Paris, 1907.
http://www.ursusbooks.com/item30287.html

Fig. 67 - Edward Hopper , "A Corner," 1919.
http://www.charlesritchie.com/journal/?page=72

Fig. 68 - Le Corbusier "Sketch R64, Firminy-vert".
http://www.fondationlecorbusier.fr

Fig. 69 - Henry Moore "Sheep Grazing 1972" Page from Sheep Sketchbook HMF.
http://www.waddington-galleries.com/exhibition/current/46/B19042/

Fig. 70 - Pormenor do diário de Frida Kahlo.
www.artpages.org.ua

Figuras 71, 72, 73 e 74 – Exemplos de ilustrações de Jorge Colombo.
http://www.jorgecolombo.com/fingerpaintings/index.htm

Fig.75 - Exemplo de um Diário Gráfico que um aluno do 12º 13 já desenvolvia antes da proposta.
http://12treze.com/site/

Fig. 76 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13.
http://12treze.com/site/

Figuras 77 e 78 – Diário de viagem de um aluno do 12º 13.
http://12treze.com/site/

Fig.79 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13.
http://12treze.com/site/

Fig.80 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 com exagero de materiais perecíveis.
http://12treze.com/site/

Fig. 81 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 utilizando colagem e aguarela.
http://12treze.com/site/

Fig. 82 - Diário Gráfico de uma aluna do 12º 13 com recurso a colagem (guardanapo) e aguarela.
http://12treze.com/site/

Fig. 83 - Diário Gráfico de um aluno do 12º 13 com estudos de marcas e logótipos.
http://12treze.com/site/

Fig. 84 - Página de entrada do *website* 12treze.com.
http://12treze.com/site/

Figuras 85 e 86 - Diário Gráfico da aluna Cláudia Vieira.
http://12treze.com/site/

Figuras 87 e 88 - Diário Gráfico do aluno Pedro Afonso.
http://12treze.com/site/

Figuras 89 e 90 - Diário Gráfico da aluna Joana Fernandes.
http://12treze.com/site/

Figuras 90 e 91 - Diários gráficos do aluno Daniel Faria. À esquerda Diário Gráfico, à direita diário de viagem.
http://12treze.com/site/

Figuras 92 e 93 - Diário Gráfico do aluno Celso Gouveia.
http://12treze.com/site/

Figuras 94 e 95 - Diário Gráfico da aluna Laura Ferreira.
http://12treze.com/site/

Figuras 96 e 97 - Diário Gráfico da aluna Ana Lopes.
http://12treze.com/site/

Figuras 98 e 99 - Diário Gráfico da aluna Jéssica de Freitas.
http://12treze.com/site/